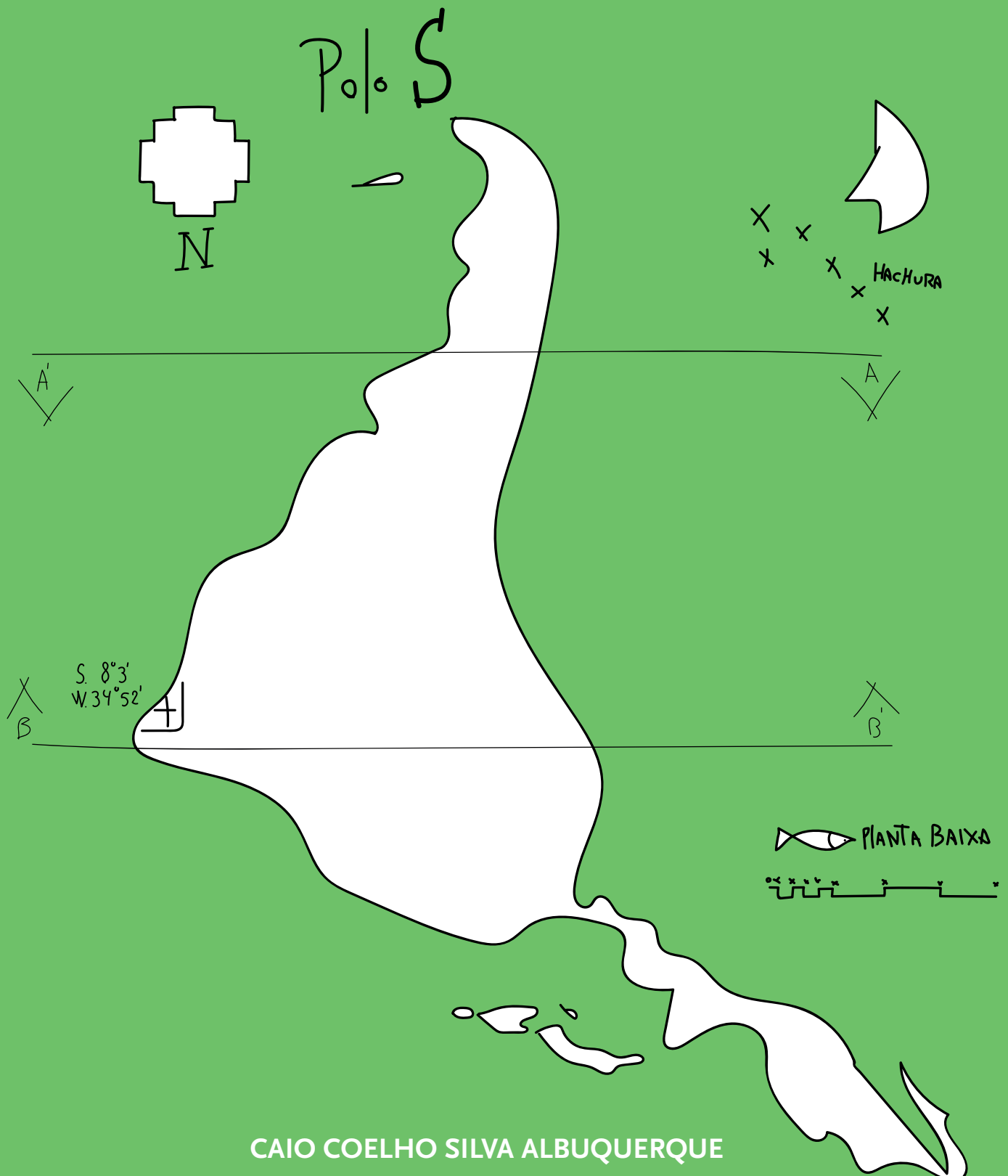


BEM VIVER A ARQUITETURA

Aproximações epistêmicas entre o Bem Viver e as arquiteturas
contra-hegemônicas latino-americanas do século XXI





UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO URBANO

CAIO COELHO SILVA ALBUQUERQUE

**BEM VIVER A ARQUITETURA: Aproximações epistêmicas entre o Bem Viver e
as arquiteturas contra-hegemônicas latino-americanas do século XXI**

Recife
2023

CAIO COELHO SILVA ALBUQUERQUE

BEM VIVER A ARQUITETURA: Aproximações epistêmicas entre o Bem Viver e as arquiteturas contra-hegemônicas latino-americanas do século XXI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em desenvolvimento urbano. Área de concentração: Desenvolvimento Urbano

Orientadora: Maria Luiza Macedo Xavier de Freitas

Recife
2023

Catálogo na fonte
Bibliotecária Mariana de Souza Alves – CRB-4/2105

| | |
|-------|---|
| A345b | <p data-bbox="446 1052 1276 1198">Albuquerque, Caio Coelho Silva Bem Viver a Arquitetura: aproximações epistêmicas entre o Bem Viver e as arquiteturas contra-hegemônicas latino-americanas do século XXI / Caio Coelho Silva Albuquerque. – Recife, 2023. 178f.: il., fig.</p> <p data-bbox="446 1220 1276 1332">Sob orientação de Maria Luiza Macedo Xavier de Freitas. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, 2023.</p> <p data-bbox="446 1355 1276 1388">Inclui referências.</p> <p data-bbox="446 1411 1276 1500">1. Bem Viver. 2. Arquitetura latino-americana. 3. Arquitetura contemporânea. 4. Sustentabilidade. 5. Produtivismo. I. Freitas, Maria Luiza Macedo Xavier de. (Orientação). II. Título.</p> <p data-bbox="446 1545 1276 1583">711.4 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2023-199)</p> |
|-------|---|



Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano
Universidade Federal de Pernambuco

Caio Coelho Silva Albuquerque

“BEM VIVER A ARQUITETURA: Aproximações epistêmicas entre o Bem Viver e as arquiteturas contra-hegemônicas latino-americanas do século XXI”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Desenvolvimento Urbano.

Aprovada em: 24/08/2023.

Banca Examinadora

Participação via Videoconferência

Profa. Maria Luiza Macedo Xavier de Freitas (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Participação via Videoconferência

Prof. Fernando Diniz Moreira (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Participação via Videoconferência

Prof. Ivo Renato Giroto (Examinador Externo)
Universidade de São Paulo

Participação via Videoconferência

Profa. Rita de Cássia Pereira Saramago (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Uberlândia

Como em todos os atos do universo, a dedicatória é um ato mágico. Dedico este trabalho à Mãe-terra, de onde viemos, vivemos e para onde partiremos. Dedico-o também à bandeira dos povos indígenas, *whipala*, e ao povo originário latino-americano. Que suas vozes sejam sempre ouvidas.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer em primeiro lugar à minha família, por seu apoio incondicional. Agradeço imensamente aos meus pais, Maria e Ivanildo, por sempre serem o abrigo, “a última casa amiga”, para quaisquer tempestades. Agradeço também aos meus dois irmãos, Gabriel e Vinícius, e à Eduarda, pela paciência, companheirismo e amor.

Sou grato também aos meus amigos Célio, Bernardo, Paz, Alana, Allyson, e Ana Íris, que contribuíram direta ou indiretamente no desenvolvimento deste trabalho e se mantiveram presentes nesta jornada. Nas palavras de Clarice Lispector, quem caminha sozinho pode até chegar mais rápido, mas aquele que vai acompanhado, com certeza vai mais longe. Sou grato também à minha orientadora Maria Luiza Macedo Xavier de Freitas, a Malu, por todo o apoio, ensinamentos e parceria.

Gostaria de agradecer à Universidade Federal de Pernambuco, ao Reitor Alfredo Macedo Gomes, à equipe de professores e à secretaria do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano (MDU). Por fim, agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pelo financiamento de meu projeto. O apoio financeiro foi imprescindível para colocar adiante a pesquisa. Obrigado pelo apoio à ciência brasileira, e que este só continue crescendo.

Ella está en el horizonte
Me acerco dos pasos,
ella se aleja dos pasos más
Camino diez pasos
y el horizonte se corre
diez pasos más allá
Por mucho que yo camine
nunca la voy a alcanzar
¿Para qué sirve la utopía?
Sirve para eso:
para caminar.

(Eduardo Galeano)

RESUMO

O presente trabalho propõe explorar o Bem Viver, cosmovisão ameríndia associada às discussões de sustentabilidade socioambiental vigentes, enquanto categoria de análise aos movimentos de arquitetura emergentes e presentes em países latino-americanos. Abarcar o Bem Viver vai ao encontro da seleção do estudo decolonial da América Latina, partilhado por pontos de vista contra-hegemônicos, outrora tidos como periféricos. No cenário latino-americano, onde há preponderância de territórios e povos marginalizados dentro das grandes urbes, levanta-se o alerta para padrões de desequilíbrio socioeconômico, cultural e ambiental, evidenciados nas acentuadas catástrofes naturais e males sociais das cidades. O estudo dessas pautas, por sua vez, entra em acordo com a nova agenda da boa urbanização de acesso a todos, tratadas pela ONU-Habitat no ano de 2016. São evidenciadas nas diretrizes de solução do problema a importância das ações com participação de múltiplos atores, a fim de abarcar uma maior quantidade de visões para a solução do problema. Tomando a arquitetura como objeto de análise, assumindo as edificações e seus processos construtivos como parte indissociável para o viver em qualidade na cidade, verificamos práticas arquitetônicas latino-americanas emergentes nas últimas duas décadas do século XXI. Para isso, identificam-se os distintos gestos projetuais de grupos de arquitetos, escritórios e coletivos presentes no Chile, Equador, Paraguai e Bolívia. Nesse sentido, levantam-se questionamentos pelo viés da sustentabilidade nas respectivas abordagens do educacional, do trabalho coletivo, dos ensaios em canteiro de obras e sobre a arquitetura popular. Sob a ótica do Bem Viver, estas constatações buscam discutir a postura profissional do arquiteto e práticas arquitetônicas pelas relações com o indivíduo, comunidade e meio ambiente. O Bem Viver se coloca enquanto balizador das relações homem-natureza, a partir do ponto de vista de diferentes comunidades originárias da América do Sul, como os *aymara*, os *guarani* e os *kichwa*, bem como conecta-se às discussões contemporâneas sobre alternativas sistêmicas ao pós-desenvolvimento o pós-extrativismo, decrescimento e tecnologias efetivamente sustentáveis.

Palavras-chave: Bem Viver; arquitetura latino-americana; arquitetura contemporânea; sustentabilidade; produtivismo.

ABSTRACT

This paper proposes to explore Good Living, an Amerindian worldview associated with current discussions of socio-environmental sustainability, as a category of analysis for emerging architectural movements present in Latin American countries. Embracing Good Living is in line with the decolonial study of Latin America, shared by counter-hegemonic points of view that were once considered peripheral. In the Latin American scenario, where there is a preponderance of marginalized territories and peoples within large cities, there is an alert to patterns of socio-economic, cultural and environmental imbalance, evidenced in the accentuated natural disasters and social ills of the cities. The study of these issues, in turn, is in line with the new agenda of good urbanization with access for all, addressed by UN-Habitat in 2016. The problem-solving guidelines highlight the importance of multi-stakeholder actions, in order to encompass a greater number of visions for solving the problem. Taking architecture as the object of analysis, assuming buildings and their construction processes as an inseparable part of quality living in the city, we look at Latin American architectural practices emerging in the last two decades of the 21st century. To do this, we identify the different design gestures of groups of architects, offices and collectives in Chile, Ecuador, Paraguay and Bolivia. Therefore, questions are raised through the lens of sustainability in the respective approaches to education, collective work, testing on construction sites and popular architecture. From the perspective of Living Well, these findings seek to discuss the architect's professional stance and architectural practices in relation to the individual, the community and the environment. The Good Living is used as a beacon for human-nature relations, from the point of view of different native communities in South America, such as the Aymara, Guaraní and Kichwa, as well as connecting with contemporary discussions on systemic alternatives to post-development, post-extractivism, degrowth and effectively sustainable technologies.

Keywords: Good Living; Latin American architecture; contemporary architecture; sustainability; productivism.

RESUMEN

Este artículo se propone explorar el Buen Vivir, una cosmovisión amerindia asociada a los debates actuales sobre la sostenibilidad socioambiental, como categoría para analizar los movimientos arquitectónicos emergentes en los países latinoamericanos. La adopción del Buen Vivir está en consonancia con el estudio decolonial de América Latina, compartido por puntos de vista contrahegemónicos que antes se consideraban periféricos. En el escenario latinoamericano, donde existe una preponderancia de territorios y pueblos marginados dentro de las grandes ciudades, se alerta sobre patrones de desequilibrio socioeconómico, cultural y ambiental, evidenciados en los acentuados desastres naturales y males sociales de las urbes. El estudio de estas cuestiones, a su vez, está en consonancia con la nueva agenda de buena urbanización con acceso para todos, abordada por ONU-Hábitat en 2016. Las directrices para la resolución del problema hacen hincapié en la importancia de las acciones de múltiples partes interesadas con el fin de abarcar una gama más amplia de visiones para resolver el problema. Tomando la arquitectura como objeto de análisis, asumiendo los edificios y sus procesos constructivos como parte inseparable de la calidad de vida en la ciudad, observamos las prácticas arquitectónicas latinoamericanas surgidas en las dos últimas décadas del siglo XXI. Para ello, identificamos los diferentes gestos proyectuales de grupos de arquitectos, oficinas y colectivos en Chile, Ecuador, Paraguay y Bolivia. En este sentido, se plantean cuestiones a través de la lente de la sostenibilidad en los respectivos enfoques de la educación, el trabajo colectivo, las pruebas en obras de construcción y la arquitectura popular. Desde la perspectiva del Buen Vivir, estas conclusiones pretenden debatir la postura profesional del arquitecto y las prácticas arquitectónicas en relación con el individuo, la comunidad y el medio ambiente. El Buen Vivir se utiliza como un faro para las relaciones entre el ser humano y la naturaleza, desde el punto de vista de diferentes comunidades nativas de América del Sur, como los aymaras, los guaraníes y los kichwas, además de vincularse a los debates contemporáneos sobre alternativas sistémicas al posdesarrollo, el postextractivismo, el decrecimiento y las tecnologías efectivamente sostenibles.

Palabras clave: Buen Vivir; arquitectura latinoamericana; arquitectura contemporánea; sostenibilidad; productivismo.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|--------------|---|----|
| Figura 1 | Mapa mundial de 1553 | 34 |
| Figura 2 | Mapa da América Latina em 1830 com suas datas de independência | 36 |
| Figura 3 | Comércio informal por mulheres indígenas no mercado central de Antigua Guatemala | 38 |
| Figura 4 | Da esquerda para a direita: México, Brasil, Argentina, Chile, Equador, Honduras, Bolívia, Panamá | 39 |
| Figura 5 | Palavras-chave para os três Bens Viveres latino-americano | 48 |
| Figura 6 | Os valores do Bem Viver | 59 |
| Figura 7 | Localização geográfica de algumas das comunidades indígenas selecionadas | 65 |
| Figura 8 | Casa huerto de Ishua. A “zona intermediária” representa o sincretismo cultural da habitação colonial e da tipologia <i>quichwa</i> . | 66 |
| Figura 9 | Morfologia de aldeias tupi-guaranis: planta baixa da aldeia Yawalapiti, no Mato Grosso | 67 |
| Figura 10 | Mapa de toda a rede integrada e orgânica de aldeias, Mato Grosso | 67 |
| Figura 11 | Cruz andina. Tiahuanaco, Bolívia | 75 |
| Figura 12 | Construção do templo do Sol. Isla del Sol, Bolívia | 76 |
| Figura 13 | Elaboração de Adobe Lima, Peru | 77 |
| Figura 14 | Habitações de <i>putuco</i> . Puno, Peru | 78 |
| Figura 15 | Esquemas da culata Jovai, autoria de José Cubilla | 80 |
| Figura 16 | Perspectiva posterior da Casa Nica. Cunha, São Paulo - Brasil | 82 |
| Figura 17 | Planta baixa da Casa Nica. Cunha, São Paulo - Brasil | 82 |
| Figura 18 | Sede da Willis Faber Dumas. Ipswich, Inglaterra. 1971-5. Arq. Norman Foster. Segundo Kenneth Frampton, o primeiro edifício produtivista no ambiente arquitetônico recente | 86 |
| Figura 19 | Edifício BMRX-LOFT da incorporadora HAUT | 90 |
| Fluxograma 1 | Impactos ambientais da cadeia da construção civil | 93 |
| Figura 20 | <i>The Burning Man</i> , situado no <i>Black Rock Desert</i> , no estado de Nevada, EUA | 98 |

| | | |
|-----------|---|-----|
| Figura 21 | A promessa de elementos de bem-estar inclusos na habitação contemporânea. Um estilo de vida genérico é vendido associado ao bairro, ao apartamento e sua vista panorâmica | 100 |
| Figura 22 | Ode ao genérico. Busca por “Arquitetura residencial” no pinterest, site utilizado para inspirações de moda, arte, arquitetura e design | 102 |
| Figura 23 | Posição geográfica dos quatro estudos de caso | 114 |
| Figura 24 | Cooperativa Ciudad Abierta de Ritoque | 117 |
| Figura 25 | Movimento, poesia e corporificação | 118 |
| Figura 26 | Experimentações construtivas, residências com diferentes volumes e materiais | 119 |
| Figura 27 | Experimentações paisagísticas, realização dos próprios discentes. Amereida, Chile | 120 |
| Figura 28 | Casa Fanego, escritório de Sérgio Fanego + Gabinete de Arquitectura. Assunção, Paraguai, 2003 | 123 |
| Figura 29 | Sala de estar da Casa Abu&Font, projeto arquitetônico do <i>Gabinete de Arquitectura</i> . Assunção, Paraguai, 2019 | 124 |
| Figura 30 | Entrada da sede do Teletón do Paraguai. Assunção, 2019 | 125 |
| Figura 31 | Banheiro da sede do Teletón do Paraguai. Assunção, 2019 | 126 |
| Figura 32 | Ensaio com materiais. Casca em argamassa armada com tela metálica de galinheiro. Assunção, Paraguai | 127 |
| Figura 33 | Pré-fabricação de painéis de tijolos partidos e argamassa no canteiro de obras. Assunção, Paraguai, 2019 | 128 |
| Figura 34 | Discípulos da FADA-UNA. Na esquerda, Escritório sede de Equipo de Arquitectura e à direita, obra Catenarius, de Ramiro Meyer. Paraguai, 2019 | 129 |
| Figura 35 | Cartaz do filme produzido pelo coletivo AlBorde, “Hacer mucho con poco”, onde é apresentada algumas intervenções e obras dos coletivos de arquitetura do Equador. Equador, 2018 | 131 |
| Figura 36 | <i>Port House Headquarters</i> , Antuérpia, Bélgica, e equipe responsável pelo projeto | 134 |
| Figura 37 | Atos da dominação e violência patriarcal a partir da arquitetura”. Publicação nas redes sociais do Comunal Taller, coletivo mexicano. Novembro, 2021 | 135 |
| Figura 38 | Construção de habitação flutuante para um reparador de canoas e pescador, por meio de financiamento coletivo e mutirão . Babahoyo, Equador, 2020 | 137 |
| Figura 39 | Casa Toquillas, Rama Estudio. Portete, Equador, 2021 | 138 |

| | | |
|-----------|---|-----|
| Figura 40 | Reconstrução da casa de Meche, projeto de residência em comunidade rural de Pedro Carbo, Equador | 139 |
| Figura 41 | Planta Baixa dos dois níveis da casa de Meche | 140 |
| Figura 42 | Etapas de montagem da estrutura, revestimento e fechamento com argila, concreto armado e bambu | 140 |
| Figura 43 | Construção da Escuela Nueva Esperanza em toras de madeira disponíveis nas proximidades | 141 |
| Figura 44 | Cholets em via arterial em El Alto. Os edifícios coloridos e ostensivos destoam-se da baixa infraestrutura urbana e das outras edificações em tijolo aparente | 145 |
| Figura 45 | Corte esquemático apresentando o programa de usos de um cholet | 146 |
| Figura 46 | <i>Stand</i> de brinquedos na feira das “alasitas” com maquetes dos cholets | 147 |
| Figura 47 | Interior do Cholet do empresário Rene Calisai | 149 |
| Gráfico 1 | As categorias do Bem Viver x práticas categorias das práticas arquitetônicas | 158 |
| Gráfico 2 | Práticas arquitetônicas contemporâneas latino-americanas | 160 |
| Gráfico 3 | Práticas arquitetônicas da Ciudad Abierta de Ritoque | 161 |
| Gráfico 4 | Práticas arquitetônicas dos escritórios paraguaios | 162 |
| Gráfico 5 | Práticas arquitetônicas dos coletivos do Equador | 164 |
| Gráfico 6 | Práticas arquitetônicas nos cholets de El Alto | 165 |
| Gráfico 7 | Rizomas | 166 |
| Gráfico 8 | Bem Viver X Caminhos da arquitetura latino-americana | 167 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|----------|--|
| CEPAL | Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe |
| IFLA | Federação Internacional de Arquitetura da Paisagem |
| FADA-UNA | Facultad de Arquitectura, Diseño y Arte - Universidad Nacional de Asunción |
| PIB | Produto Interno Bruto |
| SAL | Seminário De Arquitetura Latino-Americana |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|------------|
| 1 | INTRODUÇÃO AO ESTUDO | 16 |
| 2 | Ensaio sobre a América Latina | 28 |
| 2.1 | Uma passagem pela América Latina | 30 |
| 2.1.1 | <i>Desconstruindo a América Latina</i> | 30 |
| 2.1.2 | <i>As possíveis caracterizações da América</i> | 34 |
| 2.2 | O Bem Viver | 41 |
| 2.2.1 | <i>O Bem Viver como uma alternativa latino-americana</i> | 41 |
| 2.2.2 | <i>Conceituação geral do Bem Viver</i> | 41 |
| 2.2.3 | <i>Distinções do Bem Viver</i> | 47 |
| 2.2.3.1 | <i>Cosmovisão andina do Bem Viver</i> | 49 |
| 2.2.3.2 | <i>Por um pós-desenvolvimento</i> | 53 |
| 2.2.3.3 | <i>Bem Viver Político</i> | 56 |
| 2.2.4 | <i>Perspectiva Axiológica</i> | 58 |
| 3 | Do vernáculo ao pós-industrial | 61 |
| 3.1 | Arquitetura do vernáculo: antecedentes | 63 |
| 3.1.1 | <i>Considerações sobre o vernáculo</i> | 63 |
| 3.1.2 | <i>Arquitetura vernácula</i> | 68 |
| 3.1.3 | <i>O ritual de construir e habitar</i> | 73 |
| 3.1.4 | <i>Culata Jovai</i> | 79 |
| 3.2 | Arquitetura produtivista: o desejo do habitar pelo desejo de consumir | 85 |
| 3.2.1 | <i>Arquitetura enquanto produto</i> | 85 |
| 3.2.2 | Produtivismo + Impacto Ambiental: Ambiente construído, ambiente degradado | 92 |
| 3.2.3 | <i>Produtivismo + Alienação do consumo: O desaparecimento dos rituais</i> | 96 |
| 3.3 | Matriz comparativa da Arquitetura do vernáculo e a produtivista | 104 |
| 4 | Caminhos da arquitetura para o Bem Viver | 106 |
| 4.1 | Arquitetura latino-americana contra-hegemônica | 108 |
| 4.1.1 | <i>Continuidades da crítica de arquitetura</i> | 108 |
| 4.1.2 | <i>Os caminhos da arquitetura contemporânea</i> | 111 |

| | | |
|-------|---|------------|
| 4.2 | O Modelo: Amereida, Chile | 115 |
| 4.3 | O Experimental: Escritórios de arquitetura, Paraguai | 122 |
| 4.4 | O Comunal: Coletivos de Arquitetura, Equador | 131 |
| 4.5 | O Fantástico: Arquitetura neoandina, Bolívia | 144 |
| 4.6 | Arquitetura do Bem Viver | 152 |
| 4.6.1 | <i>As conexões entre o Bem Viver e as práticas arquitetônicas</i> | 152 |
| 4.6.2 | <i>Bem Viver à Arquitetura</i> | 159 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 169 |
| | REFERÊNCIAS | 173 |

1 INTRODUÇÃO AO ESTUDO

As necessidades políticas e ambientais de nossa época exigem uma liderança subversiva, bem como a consciência de onde estamos, como chegamos aqui e por que continuamos aqui, é mais importante do que pensamos. A arquitetura, mais do que qualquer outra forma de arte, é uma arte social e deve se apoiar na base social e cultural de seu tempo e espaço. Nós, que projetamos e construímos, devemos fazê-lo com a consciência de que estamos fazendo uma arquitetura com maior compreensão social.

(MOCKBEE, 1988, p. 72-79)

Em seu informe mundial sobre as cidades: *World Cities Report. Urbanization and Development, Emerging Futures (2016)*, o Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat) delimitou como uma das grandes problemáticas a serem vencidas do século XXI, a expansão urbana desordenada da periferia, principalmente por estar associada à uma crescente precarização da infraestrutura e falta de acesso à moradia em áreas centrais.

Ainda de acordo com o informe da ONU-Habitat, especula-se, até o ano de 2050, que as populações urbanas dupliquem, dado este que conforma um alarme para a tomada de diretrizes para este início de novo século. Visualizando os dados globais ao acompanhamento do continente americano, vemos esta confirmação dentro do cenário latino-americano, onde considera-se que 79,5% da população já habitam as cidades, como apontado pela *Comisión Económica para América Latina y el Caribe* (CEPAL), em 2017.

Nesse sentido, associado ao aumento populacional, para além dessas colocadas, outras vulnerabilidades podem ser averiguadas. No contexto da América Latina contemporâneo, existe o crônico descompasso no manejo do crescimento das comunidades precarizadas em seus centros urbanos (COBOS, 2014, p.53). As últimas décadas apresentam, com as devidas diferenças de escala e complexidades em cada nação e regiões, problemáticas referentes aos processos de mutações da urbanização de cidades latinas: empobrecimento das forças de trabalho e segregação sócio-territorial; mobilidade urbana e domínio do automóvel; a desigualdade social na apropriação de novas tecnologias; a subordinação do planejamento urbano e suas políticas ao capital.

Essas problemáticas estariam sujeitas às continuidades das hegemonias sociopolíticas, culturais e econômicas no continente, apresentada por Cobos (2014)

através da noção de “*patrón de acumulación del capital*”¹. A estruturação das urbes modernas permeiam as relações de dominância coloniais agora evoluídas para o acúmulo de capital e maximização do extrativismo. Numa repartição global desbalanceada, boa parte das cidades em alto crescimento populacional se fragmentam através das lógicas que favorecem algumas parcelas sociais, porém de maneira heterogênea nos países capitalistas: o hemisfério sul da América, por exemplo, desenvolve-se de maneira mais desigual e sem aproveitar das vantagens do neoliberalismo mais homogeneamente que os países desenvolvidos.

A complexidade do caso latino-americano se distingue, dentre inúmeros fatores, aos conflitos de interesses oriundos destes conjuntos de nações que, segmentadas, não alcançaram um modelo organizacional condizente às suas realidades. Em diferentes níveis, do regional ao global, a subordinação ao hegemônico não contempla a heterogeneidade de seus povos e territórios, onde o desequilíbrio socioeconômico destas nações é refletido no modo de vida desigual de suas populações, em especial, nas zonas urbanas.

Busca-se dessa maneira o desenvolvimento de estratégias que busquem a integração do território latino-americano, a partir da visualização de suas adversidades em comum, em prol de soluções oportunas. Para esse fim, tomam-se como referência materiais que fomentem o interesse em incorporar este conjunto de nações. Para isso, destaca-se a importância da participação de múltiplos atores, diferentes vozes que permitam que o processo se dê de maneira plural e ampla (ONU-Habitat, 2016, p. 2).

Nesse aspecto, vemos em ações recentes, como a Carta da Paisagem das Américas (2018), produto do 47º Congresso Internacional de Arquitetura da Paisagem da Federação Internacional de Arquitetos Paisagistas (IFLA), que ocorreu em Suzhou na China, em 2010, um material que propõe diretrizes para essa leitura conjunta. Nesta, é exposta seu 2º princípio destaca-se, que para a visão de uma paisagem e urbanidade americana, está a ação de Recuperar a cosmovisão e a visão de sacralidade, a aproximação à diferentes vozes de origem indígena para dentro do debate:

¹Padrão de acumulação do capital. Apesar da Globalização, Cobos desaproxima as nações e comunidades que não se beneficiam integralmente da apropriação hegemônica, vendo distinção entre as nações apesar de estarem todos no mesmo quadro neoliberalista. COBOS, E. P. La ciudad capitalista en el patrón neoliberal de acumulación en América Latina. **Cadernos Metrópole**, v. 16, n. Cad. Metrop., 2014 16(31), p. 55, jun. 2014

Como uma das características intrínsecas que definem a formação do americano, fruto da relação que os povos originários estabeleceram com a terra e com seus deuses, dando sentido à sua existência. A Cosmovisão é uma forma de ver a vida que continua a ser expressa na contemporaneidade da paisagem americana, reverberando-se nas tradições, costumes e arte, onde a consciência sensível não se apoia em conceitos, mas em experiências, na herança construída da relação ancestralmente estabelecida entre os primeiros americanos e as terras da América.²

Nesse sentido, faz-se pertinente somar as observações, principalmente os debates sobre sustentabilidade, cada vez mais discutidos dentro dessas cosmovisões, e que estão fora do eixo hegemônico. Algumas destas considerações estão incorporadas dentro das discussões do Bem Viver, canal que concentra ideais alternativos sobre o habitar com sustentabilidade, numa relação intrínseca entre comunidade-natureza, buscando o harmonioso em diversas linhas da sociedade, cultura, economia e política. Essas ações estariam tomadas dentro de um escopo mais brando de estratégias para mover a sociedade para um caminho mais sensível aos diversos povos, classes sociais em uníssono com o respeito à natureza, colocadas ao viés da sustentabilidade.

O Buen Vivir, ou Bem Viver, parte da interpretação do termo *sumak kawsay*, do idioma Kichwa, ou *suma qamaña*, do *aymara*, ou mesmo do *nhandereko*, do idioma guaraní. Sendo uma apropriação conceitual carregada pelo(s) termo(s) de distintas comunidades ameríndias às pautas de sustentabilidade socioambiental da atualidade, vistas em movimentos sociais como ecofeminismo, teorias do decrescimento e pós-extrativismo, o Bem Viver é mais que isso uma maneira de se relacionar a comunhão entre indivíduo, comunidade e natureza. Não sendo uma visão determinista, o Bem Viver põe reflexões sobre a revisão da ideia de “crescimento” e “desenvolvimento”, impregnada no imaginário ocidental e nas práticas cotidianas.

O Bem Viver, nesse sentido, vai em consonância à diretriz exposta na Carta da Paisagem das Américas (2018) e com as pautas da nova agenda urbana da ONU-HABITAT (2016). No fórum estabelecido na cidade de Quito, em 2016 a agenda, com uma série de proposições e metas para até 2030, estabelece a necessidade do tratamento inclusivo para o desenvolvimento destes territórios, por

²Disponível em:

<http://www.abap.org.br/abap/wp-content/uploads/2021/09/CARTA-DA-PAISAGEM-DAS-AMERICAS.pdf>

onde predominam estas ações que preponderam a participação dos múltiplos atores nos processos de gestão e planejamento destas comunidades vulneráveis.

De maneira a não esgotar possibilidades e sumarizar tantas culturas e países do vasto território que é a América Latina de tantas vozes; atores e debates, o Bem Viver, por definição, abre uma amplitude de caminhos por onde pautas sobre o habitar estão inseridas.

Trazendo a discussão teórica do Bem Viver a um diálogo mais tangível, é pertinente portanto, traçar e enxergar tendências de uma arquitetura que anda em um fluxo concomitante aos ideias contra-hegemônicos, dialogando intrinsecamente com uma visão mais íntegra do se fazer construir. É possível senão fortalecer amarras por algumas destas ações desenvolvidas por recentes práticas da arquitetura contemporânea em diferentes nações, que compartilham com suas devidas distinções e limitações uma relação mais harmoniosa com os caminhos do Bem Viver. Nesse sentido, aborda-se a arquitetura, desde o ato de projetar e construir, e na postura profissional do arquiteto e cliente como elemento indissociável para as discussões sobre ocupar as cidades, e questionar qual o tipo de cidade que queremos.

Assim, busca-se as aproximações epistêmicas³ entre o Bem Viver e práticas arquitetônicas latino-americanas das primeiras duas décadas do século XXI. Entendem-se essas aproximações enquanto a análise que busca estabelecer conexões entre estes conceitos com base em seus fundamentos comuns. Seria então a maneira de entender como duas ideias, à primeira vista, distintas podem estar relacionadas por meio de suas perspectivas, valores ou premissas subjacentes.

Para a pesquisa foram destacadas quatro caminhos possíveis de caracterização de um produto arquitetônico que vem sendo produzido na América Latina nos últimos anos. Sendo estes vistos: no modelo educacional de ensino chileno, a cooperativa Cidade Aberta; na arquitetura experimental dos escritórios paraguaios; na arquitetura comunal dos coletivos do Equador; e na arquitetura fantástica dos cholets de El Alto, Bolívia. Através destes estudos de caso, de uma arquitetura extraordinária, de exceção, é possível apreender os caminhos para a arquitetura produzida na atualidade sobre o viés da sustentabilidade.

³Para a presente pesquisa referimos a epistemologia à teoria do conhecimento, reflexão sobre a natureza, o conhecimento e suas relações entre o sujeito e o objeto.

O desafio dessa primeira parcela do novo século vem portanto alinhada ao planejamento urbano sustentável, por onde se cruza as diretrizes de uma nova agenda e novos ensaios de políticas públicas que acompanhem este crescimento das populações periféricas da cidade. O habitar com qualidade, por sua vez, também respeito à estreita relação com natureza, visando o equilíbrio e minimização das catástrofes ambientais.

O presente estudo trata por elaborar reflexões acerca do modo de produção da arquitetura na contemporaneidade, a partir da discussão que o Bem Viver traz. Discorre-se por exemplos apresentados por escritórios ou coletivos de arquitetura, em seus trabalhos nas periferias, comunidades periurbanas, e bairros de classe média, a afinidade entre linhas de atuação do arquiteto, em discussões sobre cultura, materialidade, direito à cidade e o Bem Viver a partir de quatro eixos: O Modelo, o experimental, o comunal e o Fantástico. Estes elementos nos possibilitam questionar quais são os parâmetros do Bem Viver à arquitetura, discorrendo sobre o ato de construir a partir do ponto de vista do indivíduo, comunidade e meio-ambiente. Estes, por sua vez, se manifestam na arquitetura pelas ações e técnicas construtivas, ferramentas que interligam materialidade e papel sociopolítico da arquitetura.

Essas aproximações arquitetônicas são registradas através do trabalho de coletivos e escritórios equatorianos, bolivianos, chilenos, e paraguaios, em que se torna cabível a triangulação de saberes e discussões que encontram similaridades mesmo em suas diferenças e particularidades.

Assim, a partir de um conjunto de ações enunciadas que promovem a união entre as pessoas, a natureza, de maneira equitativa, o trabalho se encaminha para discutir as suas duas **Questões-problema**:

- I. De que maneira traduzir a cosmovisão do Bem Viver para o campo da arquitetura no cenário latino-americano?
- II. É possível visualizar uma arquitetura do Bem Viver hoje?

Se delimita portanto o **Objetivo Geral** do trabalho em traduzir o Bem Viver à Arquitetura do século XXI, enquanto categoria de análise aos movimentos de arquitetura emergentes e presentes em países latino-americanos.

Para isso, a pesquisa se pauta nos **Objetivos específicos** que são:

- Compreender e conceituar o Bem Viver, em seu sentido filosófico, relação homem-natureza, e inserido nas discussões atuais sobre pós-extrativismo e decrescimento.
- Compreender e conceituar o produtivismo na arquitetura, e seus desdobramentos nos campos sociais, ambientais, culturais;
- Investigar e compreender o modo de se construir dos povos originários;
- Investigar a discussão teórico-crítica arquitetônica da América Latina do final do século XX
- Rastrear e apresentar diferentes caminhos da arquiteturas do século XXI em países latino-americanos;
- Levantar obras arquitetônicas dos casos delimitados de Equador, Chile, Paraguai e Bolívia;
- Relacionar e contextualizar o Bem Viver e a arquitetura contra-hegemônica latino-americana do século XXI;

A pesquisa implementada é exploratória, tendo sido o delineamento do trabalho e a coleta de dados baseados em pesquisa bibliográfica específica para cada tema distribuídos nos capítulos. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, foi procurada interpretar o conteúdo bibliográfico subsidiado pelo apoio de imagens elucidativas para o conteúdo.

Assim, as duas primeiras partes do estudo consistem na revisão bibliográfica que caracteriza os dois temas centrais discutidos: Arquitetura contemporânea na *América Latina* e o *Bem Viver*. Os dois primeiros capítulos cruzam o modo de viver e de habitar dos povos originários, a partir de uma abordagem mais ampla das condições sociopolíticas da construção de uma identidade latino-americana.

A terceira parte trata por apresentar o objeto empírico do estudo, a atuação de coletivos de arquitetura em atividades participativas com a comunidade. Situando-as por obras premiadas, faz-se a elaboração de fichas contendo estes projetos em comunidades periurbanas ou periféricas latino-americanas, considerando seus aspectos construtivos como destaque, a partir da análise interpretativa dos capítulos anteriores. Por último, se estabelece a contribuição do trabalho por suas considerações da junção desses dois temas principais, Bem Viver e os quatro eixos de arquitetura. Através das categorias relacionais destes trabalhos

empenhados em processos sustentáveis e o debate do Bem Viver, a fim de se articular uma crítica ao tema.

Os estudos de caso foram analisados de acordo com a base conceitual construída pelo corpo teórico, em decorrência do processo exploratório das fontes bibliográficas.

A Dissertação está estruturada em quatro capítulos:

O capítulo 01: Introdução ao estudo, apresenta de maneira sintética a pesquisa, colocando a problemática, além de exprimir seus objetivos e questões centrais.

O capítulo 02: Uma passagem pela América Latina, apresenta o contexto histórico da América Latina pela caracterização tanto por dentro do próprio termo da palavra, quanto dos pontos de convergência históricos entre as nações latinas que conferem a totalidade do território. O capítulo foi desmembrado em duas partes, sendo a primeira a de um breve entendimento de sua origem sociocultural, como mencionado, e a segunda, traz a construção sociopolítica aliada à sustentabilidade para o amplo estudo da América Latina e suas nações, através da cosmovisão do Bem Viver. o capítulo é dividido em duas partes: A parte **01: Desconstruindo a América Latina** e a **parte 02: O Bem Viver**. Essa partição tem como diretriz a análise do passado do lugar, e sociedade, na primeira parte. E na segunda, a perspectiva de futuro.

A América Latina nasce da sucessão de existências em suas nações plurinacionais e dos impasses dentre estes grupos. Dos imigrantes, trazidos à força ou procurando refúgio; Das dinâmicas de seus habitantes originários e dos Conquistadores com uma lógica extrativista de dominação; Do processo de urbanização em que gradativamente as parcelas de desigualdade foram traduzidas no território e na arquitetura.

Na missão de promover o diálogo pautado na descolonização do pensamento latino-americano, que dá luz às questões subsequentes da arquitetura construída dentro destes limites, e que são foco desta pesquisa. Para isso, apoia-se ao

pensamento “descolonial”, ou decolonial⁴⁵, corrente que vem a descentralizar pensamentos referentes ao lugar por correntes hegemônicas, muitas vezes enviesados. Toma-se o descolonial como via que desvia de pré-concepções que podem levar à ideias despropositadas.

Este trabalho parte portanto do exercício de desbravamento do contexto latino-americano. Nesta terra que nasce onde lendas e mitos encontram a realidade; resultante da dicotomia do conflito pela terra de direito daquela expropriada. Do desarranjo advindo das múltiplas camadas temporais das hegemonias: Dentro de suas nações, entre nações pertencentes e à sombra das influências exteriores.

Analizando a América Latina à luz da dialética, busca-se o método da história comparada (PRADO, 2005), a fim de colocarem-se destaques nos pontos de convergência e de divergência, da pluralidade de casos das distintas nações. Existe uma recorrência dentre os historiadores, segundo o artigo/balanço de Magnus Mörner, Julia Fawaz de Viñuela e John French, no *Comparative Approaches to Latin American History*, de se dar preferência por comparar certos temas como - escravidão, relações raciais, imigração, fronteiras e urbanização.

Segundo o estudo, o método viria a ser capaz de trazer contribuições inovadoras à historiografia, de maneira a objetivar as comparações nos seguintes sentidos: a) formular generalizações por meio de observações de *recorrência*; b) demonstrar as singularidades através da observação das diferenças; c) ajudar a produzir explicações causais. Assim, os autores mantêm-se trilhados por uma metodologia que busca estas “causas gerais” dos fenômenos históricos. Segundo Prado(2005), o antropólogo estadunidense Sidney Mintz, afirmava que:

A história nunca se repete exatamente, e cada acontecimento é, evidentemente, único; mas as forças históricas certamente podem se mover em rotas paralelas num mesmo tempo ou em diferentes temporalidades. A comparação de tais paralelos pode revelar regularidades de valor científico potencial (MINTZ, 1959, p. 57 apud: PRADO, 2005, p.13).

Apesar de difícil escapar da visão eurocêntrica bem como dos modelos dicotômicos, o método comparado aponta para a existência de caracteres

⁴Para fins da pesquisa, adotaremos decolonial e descolonial como sinônimos. Entretanto, não há consenso entre autores, como apontado por SANTOS (2018). O pensamento decolonial se coloca em oposição à “colonialidade”, enquanto o conceito descolonial se contrapõe ao “colonialismo”. O termo “descolonização” refere-se ao processo histórico de ascensão dos Estados-nação após o término das administrações coloniais.

⁵ Antônio Bispo em seu livro, “A terra dá, a terra quer”(2023) sugere ainda o emprego de “contra-colonial” em detrimento a decolonial, problematizando o decolonial enquanto “depressão” do colonial.

transnacionais de fenômenos. Nele, buscam-se na comparação as complementações e conexões do objeto de estudo.

Uma vez esclarecida a complexidade do ser latino-americano, bem como a construção de seu povo, o trabalho partiu por colocar o **Bem Viver** enquanto premissa de um utopismo que parta deste território. Segundo Acosta (2016), escritor do livro de título homônimo ao tema, a transição da sociedade pós-extrativista se dará sobre bases ecológicas, aportando uma crescente equidade social, sobre fundamentos eminentemente democráticos. É preciso, assim, assumir que nenhum processo econômico pode ser sustentável se não respeita os limites dos ecossistemas, e que a economia é parte de um sistema maior e finito: a biosfera. Desta maneira, a ideia do crescimento exponencial e permanente é efetivamente impossível.

Para que seja possível reconfigurar processos econômicos, é necessário em primeiro lugar repensar noções de desenvolvimento como então colocadas desde a industrialização, que vem a tratar essa questão do desenvolvimento enquanto fator indicativo de qualidade. Essa aproximação aos padrões qualitativos que tem uma base de referência europeia, norte-americana, em muito reforça o ciclo vicioso por onde os países “em desenvolvimento” foram colocados.

O **capítulo 03: Arquitetura dos povos originários e a Modernidade**, abre a discussão para a arquitetura produzida na América Latina, que apresenta o fazer construir e o habitar elucidado pelos saberes indígenas, pulando para os reflexos e impactos do neoliberalismo e desenvolvimentismo econômico nos modos de se viver em comunidade.

O capítulo dá início acompanhando alguns processos na concepção das casas indígenas que em muito refletem as suas cosmovisões de mundo, em que o viver em comunidade, em família e o entendimento a propriedade, somados às condições climáticas e disposição de materiais desenham o tipo de construção de cada povo.

A partir dessas observações é procurado identificar os valores principiados com o Bem Viver para o tipo de arquitetura dos povos originários, por seus saberes construtivos, sua materialidade e suas correlações com paisagem e natureza.

A segunda parte do capítulo apresenta, **arquitetura produtivista: o desejo do habitar pelo desejo de consumir**, caracteriza a produção arquitetônica a partir da ótica de mercado, e da posição em que a profissão e construção são subvertidos

e intensificados desde o final do século XX. No caso da formação das cidades, o fenômeno do produtivismo potencializou-se na virada do século XXI. Através da massiva repetição de técnicas; tipologias; formas delimitadas somente às restrições legislativas visando o máximo aproveitamento financeiro, começam-se questionamentos dos reais benefícios dessa homogeneização da malha urbana: da repetição por toda a cidade como também da maioria dos centros urbanos do globo.

O produtivismo na arquitetura, introduz a discussão do “regionalismo crítico” cunhado pelo teorias de lefèbvre e reforçadas por Kenneth Frampton⁶, à condução da materialidade do projeto arquitetônico disfuncional ao contexto do lugar.

Edificações que de mesma plasticidade e critérios não se relacionam com o patrimônio histórico e paisagístico preexistente, levando a uma saturação da estética visual pela redundância. Promove-se a segregação social no momento em que se há uma marginalização de edificações, por se estabelecerem estruturas e materiais tabelados pela lógica de mercado inserida na construção civil em detrimento aos considerados obsoletos, mensurando-se a obra pelo valor do produto que nela foi implementado. Além disso, o capítulo discute os aspectos negativos da produção arquitetônica em larga escala e os impactos ambientais dessa cadeia construtiva.

Por último, será apresentado no capítulo 3 a própria ideia da subversão da arquitetura originária para novos parâmetros de desejo e apropriação pela alienação social. Na alienação social, os indivíduos se sentem desconectados, distantes das suas próprias necessidades e valores essenciais, devido à influência de pressões externas, como a cultura de consumo desenfreado e a busca incessante por status material (HAN, 2021). Nesse sentido, o indivíduo pode ser levado a adotar comportamentos, padrões de consumo e estilos de vida que estão alinhados a imposição do mercado.

Por último, no **capítulo 04: Caminhos da arquitetura latino-americana**, introduz a teoria e crítica da arquitetura dentro do território latino-americano, interpretada como *contra-hegemônica*, uma vez que discute e traz à luz uma perspectiva distinta do produtivismo, traçando paralelos com as discussões do século passado, através de autores locais. Em resposta a esta crescente homogeneidade urbana, a busca pela identidade regional como contribuição para

⁶ Em **História crítica da arquitetura moderna**, Frampton trabalha o conceito de “regionalismo crítico”. Posteriormente, a teórica Waisman (1989) aborda o tema enquanto “arquitetura da divergência”.

um desenvolvimento socioeconômico e cultural entrou em pauta nas discussões de arquitetos teóricos como os argentinos Marina Waisman e Ramón Gutiérrez.

No complexo panorama que atravessava a América Latina da década de 1980, período marcado pela crise econômica e processos de redemocratização pós-ditadura militar, que contribuíram ao agravamento da padronização de cidades, estes autores defendeu a necessidade de um olhar para as produções regionais “próprias” e com elas encontrar soluções aos desafios contemporâneos da arquitetura e urbanismo.

Nas interpretações das noções de “identidade”, “modernidade” e “pós-modernidade”, Waisman (1989) cunhou o termo “arquitetura de divergência”, o qual sugere o desenvolvimento da produção arquitetônica latino-americana como resultado de uma interação entre as tendências internacionais e as circunstâncias locais. Na virada do século XXI, expande-se os ideais de uma arquitetura local para reforçar uma arquitetura alinhada também ao papel social desta,

Em seguida, o capítulo traz à discussão diferentes formas de apropriação das arquiteturas contra-hegemônicas, pela aproximação com parâmetros oriundos do Bem Viver, com ênfase nas comunidades tradicionais e originárias. Debruçando-se em quatro estudos de caso selecionados em distintos eixos: Modelo, Experimental, Comunal e Fantástico, visa-se traçar os paralelos destes distintos gestos da arquitetura. A partir destes projetos será possível vislumbrar como diferentes processos podem ser conduzidos por coletivos ou escritórios de arquitetos latino-americanos no recorte temporal das últimas duas décadas.

Na segunda parte do **capítulo 04: a Arquitetura do Bem Viver**, são feitos os cruzamentos entre os preceitos e propostas do Bem Viver na construção, apresentadas nos capítulos 01 e 02, com as propostas dos eixos de arquitetura latino-americana trabalhadas: a cooperativa Cidade Aberta de Ritoque; os escritórios de arquitetura paraguaios; os coletivos de arquitetura do Equador e os Cholets bolivianos. Tem como objetivo evidenciar graficamente a síntese de ideias e pontos de confluência das arquiteturas produzidas na América Latina e apresentadas no capítulo 04 através de cartografias relacionais, método explorado por Deleuze e Guattari(1980), que possam indicar aproximações com o Bem Viver e discussões sobre urbanismo sustentável.

O trabalho se encerra com as **Considerações Finais** onde se busca fazer uma reflexão sobre os modos de pensar a obra arquitetônica, em seu sentido

construtivo e material, atentadas nas questões do projeto e execução sob a ótica do Bem Viver traduzida para a arquitetura.

2

Ensaio sobre a América Latina



Europa me enseñó, primero, que era latino-americano, porque cuando fui sólo conocía Colombia. Tenía 24, 25 años, y sólo conocía Colombia. No había tenido posibilidades de viajar por el resto de América Latina y por consiguiente no tenía una concepción geográfica, ni emocional, ni cultural de la América Latina. Pero en los cafés de París conocí a los argentinos, conocí a los mexicanos, a los guatemaltecos, a los bolivianos, a los brasileños, y me di cuenta de que pertenecía a ese mundo, que no era solamente colombiano sino que era latino-americano.

(MÁRQUEZ, 1993, s.p.d.)

2.1. Uma passagem pela América Latina

2.1.1 *Desconstruindo a América Latina*

No intuito de se elaborar a pesquisa tendo como viés a sustentabilidade na ótica do Bem Viver para em seguida conciliar com os caminhos da arquitetura contemporânea latino-americana, o trabalho se inicia pela busca em criar o sentido de “América Latina”, entendendo-a enquanto palco em que se situa a discussão. Dentro deste território continental, plural, folclórico, e de continuidades e rupturas, se posicionam diversos interesses, sendo os delimitados para este trabalho, uma seleção de um pensamento utópico e eixos da arquitetura, que partilham de um possível radical histórico comum. Nesse sentido, antes de se iniciar diretamente para a conceituação do Bem Viver, traça-se o perfil de uma América Latina na ótica política, social, cultural para daí então se galgar a abstração do utópico.

A América Latina, ou a chamada identidade latino-americana, é um conceito que carrega em si o debate de diferentes protagonismos, das mais diversas nacionalidades, intra e extra-americanas, divergentes classes sociais.

Esta primeira parte do capítulo discorre sobre a ideia América Latina através de sua perspectiva histórica, caracterizando o que são as nações latino-americanas para além do sentido de seu território e suas fronteiras. A investigação vai de encontro à origem do termo e à contextualização geopolítica do espaço conferido a ela, por meio da literatura de sociólogos e historiadores descolonialistas.

Identifica-se a questão cerne do “ser latino-americano” postulada em distintas literaturas, mudando-se a abordagem conforme se passaram os séculos. Em primeiro lugar, da possível origem do termo no século XIX, destacam-se posicionamentos pautados no contexto da colonização da região global então classificada como *Novo Mundo*. Adiante, buscou-se a caracterização partida do âmbito nacionalista pelos intelectuais locais influenciados por uma visão eurocentrista das américas. Algumas dessas teorias, entretanto, introduziram em seus diagnósticos posições preconceituosas e pejorativas da época, pautados no racismo ao negro e indígena. Por fim, rumando ao contexto do final do século XX e ganhando mais força na contemporaneidade, identifica-se o debate libertário e pluralista, de distintas vozes regionalistas e descolonialistas.

Dessa maneira, se defende uma visão portada de protagonismo regional, partindo por apresentar as diversas reflexões de investigadores locais, estes

sociólogos e historiadores, tais como Aníbal Quijano, Francisco Liernur, Octavio Ianni, Leslie Bethell, dentre outros. As considerações desses teóricos atravessam condicionantes sociais no entre passar do tempo histórico, a fim de resenhar a América por um olhar de dentro.

A partir do descolonial, abordagem que conduz a pesquisa, são confrontadas estas concepções sobre o que é América. Segundo o historiador Ailton de Souza (2011), a construção da identidade latino-americana na atualidade, conduz os questionamentos para o futuro do continente de população soberana e independente e de sua unidade pelos laços da colonização. Assim, retomar a discussão em torno da origem do conceito e da autenticidade de uma identidade latino-americana se faz coerente ao pensamento crítico contemporâneo em diferentes campos sociais e culturais.

Muitas vezes se vinculou a imagem latino-americana limitada a seus atributos geofísicos, como a sua tropicalidade, exuberância natural e o apelo ao exótico. Para o sociólogo peruano Aníbal Quijano (2005), existiria uma visão estereotipada, estigmatizada por outras nações que a exploram por sua exuberância de recursos. Nesse sentido,

A tragédia em que todos foram conduzidos, sabendo ou não, querendo ou não, a ver e aceitar aquela imagem como nossa e como pertencente unicamente a nós. De maneira que seguimos sendo o que não somos, e como resultado não identifica e resolve nossos verdadeiros problemas, a não ser de uma maneira parcial e distorcida (QUIJANO, 2005, p. 240).

A posição de Quijano reforça a ideia de se sobrepor à incredulidade eurocêntrica sobre os valores e a capacidade do homem latino-americano. A descolonização seria o ponto de partida do homem latino para sua liberdade e autonomia. Seria necessário antes, entretanto, aprender a se libertar da esfera eurocêntrica na qual a imagem da região é intencionalmente distorcida.

Nessa conjuntura se assume que a definição de América Latina é portanto parcial, variando de acordo com seu referencial, seja como ferramenta política, de controle ou libertária. O que se abrange enquanto América Latina nada mais é uma abstração que por vezes está contida no território ou assume uma conotação ideológica. De acordo com o arquiteto e teórico argentino Francisco Liernur (2008), para o questionamento:

Que evocamos hoje com esse nome? não certamente aos territórios americanos com tradições latinas. Ninguém o usa para aludir a São Francisco ou Montreal. Tampouco se costuma recordar a origem norte

européia, não latina, das várias ex-colônias ao sul dos Estados Unidos (LIERNUR, 2008, p.6, tradução nossa).

Na concepção vigente, por exemplo, a divisão das Américas entre anglo e latina exclui as regiões de dentro do Estados Unidos da América que tiveram suas raízes outrora hispanoamericanas, como o então citado sul dos Estados Unidos, anexado no século XIX no pós-guerra com o México, num passado não tão distante. Assim, não se teria em conta a “latinidade” das regiões que compõem o sudoeste dos Estados Unidos, por mais que suas capitais e cidades menores ostentam pronomes próprios como “Los Angeles”, “El Paso”, “San Francisco”, em espanhol.

Ainda conforme o mesmo autor (2008, p. 7), a questão “latino-americana”, induzida pela terminologia do latim, nos conduziria erroneamente a adicionar à América Latina as antigas colônias francesas hoje pertencentes ao que é o Canadá. O impasse entre a apropriação de caráter geopolítico baseado nas condições que priorizam as questões nacionais, a partir da auto afirmação das nações latinas por uma identidade de sua população.

Como aponta Bomfim (1997), o termo “América Latina” não teve articulação que não tenha sido de uma visão estrangeira. Da fronteira sul dos Estados Unidos até o extremo do continente, no Cabo Horn, constatou-se que “o pertencer latino-americano” é distante da realidade, do cotidiano, por não possuir sentimento ou afirmação ideológica como vista no nacionalismo:

Nosotros – argentinos, peruanos, brasileiros, chilenos... que somos os chamados latino-americanos, nunca pensamos em América Latina. Para os nossos conceitos de realidade... nas relações comuns, ou como convergência de qualquer ação imediata, tal unidade não existe. (...) qualquer estrangeiro que aqui tenha feito vida conosco: falará de – Venezuela, Paraguai, México, Nicarágua... mas nunca sentirá a necessidade de concentrar o espírito nesse conceito – América Latina. Em compensação, todos que não nos conhecem, se fazedores de teorias, com língua em coisas sociais, históricas, ou políticas, não falham no repetir de enfáticas e pueris preconceitos acerca da irreal unidade – América Latina (Bomfim, 1997, p. 31).

Dentro da região plural, território extenso e composto com diversas ilhas, é complexo se discutir sobre uma unidade latino-americana, face a uma miríade de culturas desarticuladas até dentro de suas próprias nações plurais. Pode ser citado o exemplo do Brasil, uma nação de proporções continentais isolada por suas próprias singularidades de conjuntura histórica, cultural e social.

Atualmente, é consenso ver o Brasil como parte indissociável da América Latina, porém essa imagem não existia até meados do século XX. Como constatou

Bethell (2009, p. 311), é preciso compreender que o Brasil era tido como parte da América Meridional ou da América do Sul na visão de intelectuais e escritores hispano-americanos, mas jamais como latino-americano. A ideia do Brasil fazendo parte da ideologia maior não era compactuada entre os *hispanohablantes*, nem tampouco pelos próprios brasileiros, sendo incorporado por uma visão estrangeira dos países anglófonos: *Brazil as Latin America*.

O exemplo ilustra, mais que tudo, a recorrência do uso do termo para taxar os países pertencentes ao bloco. Quando de fora para dentro, a aglutinação busca um reducionismo estratégico. Em contraposição, quando de dentro para fora, a leitura da América Latina dá protagonismo para um planejamento estratégico, plural e integrado. Liernur enfatiza a relevância do uso de América Latina como contribuição para o imaginário:

Como quem hoje diria “Oriente Médio semita”, falar de “América Latina” no começo do século XIX ainda constituiria uma redundância.(...) Devemos ter presentes que, à diferença de “Brasil”, uma entidade física, política e jurídica, ou de “América do Sul”, uma entidade geográfica, “América Latina” é uma convenção cultural, uma entidade cuja existência tem lugar - não menos que o Olimpo, *El dorado*, ou “As Índias”, no nosso imaginário (LIERNUR, 2008, p.7, tradução nossa).

Em suma, a locução da “questão latino-americana” está devidamente marcada pelo momento sociopolítico em que é empregado. É um elemento mutável ainda que carregue em suas raízes as devidas contingências geográficas. Nos primeiros séculos de América, ao analisar um mapa do século XVI (Figura 01) pode se notar a relevância dada à América Latina em relação ao hemisfério norte, que era substancialmente maior.

O que não deve ser perdido de vista são essas condicionantes intrinsecamente históricas, regionais e culturais que permeiam as distintas nações da América Latina. Há de se insurgir, portanto, as questões nacionais destes muitos países, que, pelo reconhecimento de similitudes, podem alçar um debate que rompe com o pensamento colonialista.

Figura 1: Mapa mundial de 1553



Fonte: raremaps⁷

2.1.2 As possíveis caracterizações da América

O surgimento do termo “América Latina”, como apontou Bethell (2009), teria surgido primeiro através de intelectuais franceses em meados do século XIX, como derivação do francês *Amérique Latine*. No período, seu emprego serviu para justificar o imperialismo francês no México, durante o domínio de Napoleão III, com o intuito de se mapear os limites das colônias.

Posteriormente, como apontou Morse (1988), quase quatro séculos após a descoberta das Índias Ocidentais e da utilização de *Amérique Latine* por Napoleão III, a expressão tomou forma enquanto discurso geoideológico, numa suposta unidade linguística, cultural e racial dos povos latinos, dando distinção à América dos povos germânicos, anglo-saxões e eslavos da América (A então América hegemônica).

Diante do ponto de vista territorial, de acordo com Araújo (2006), esta região do planeta seria composta por mais de 700 milhões de habitantes, envolvendo ao todo, doze países da América do Sul, sete da América Central e quatorze das ilhas

⁷Disponível em:

<https://www.raremaps.com/gallery/detail/66315/charta-cosmographica-cum-ventorum-propria-natura-e-t-operati-apian>

Caribenhas, em suma: os países abaixo da linha que divide Estados Unidos e México. Apresenta como idiomas, principalmente: português, espanhol (castelhano) e francês, além de diversas línguas indígenas e das utilizadas nas ex-colônias inglesas e neerlandesas.

Fazem parte dessa lista de nações: Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai, Venezuela, Guiana, Cuba, República Dominicana, Haiti, Guadalupe, Martinica, Porto Rico, Jamaica, Trinidad e Tobago (Figura 02).

Faz-se notar a mudança de visão, ao longo dos séculos, bem como a dificuldade dos autores do século XX por acordarem sobre sua extensão e limites. O que outrora partiu de uma delimitação desde os países colonizadores sobre as colônias de raio de influência dos idiomas latinos (o espanhol, o português e o francês) hoje não seria critério excludente para também contemplar as ex-colônias (inglesas e neerlandesas). Na abordagem contemporânea, a Jamaica seria tão latino-americana quanto o Haiti ou Porto Rico, Estado Livre Associado aos Estados Unidos, mais “latino” que o Suriname.

Outras formas de caracterizar a América Latina enquanto unidade territorial surgiram no século XX, na qual podemos destacar a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). Fundada em 1948, conforme Gavião (2018) diante do contexto da bipolarização do mundo na guerra fria, a CEPAL surge enquanto bloco regional que viria por proteger os interesses econômicos latino-americanos, estabelecendo como meta a superação do subdesenvolvimento viria da construção de um Estado forte. Criada no contexto do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, e apresentando-se como uma das cinco comissões regionais da ONU, é importante frisar que a Comissão advém da necessidade de consolidação das burguesias nacionais da América Latina.

Figura 2: Mapa da América Latina em 1830 com suas datas de independência



Fonte: La independencia de Hispanoamérica, un proceso singular⁸

Enfaticamente, a defesa por uma unidade latino-americana é impelida pelo anseio de solucionar questões compartilhadas por estes países, como o subdesenvolvimento e suas condições de ex-colônias. Entretanto, é importante ressaltar que, em suas autonomias, a consciência de unidade se fragmenta a partir

⁸Disponível em: https://revistascientificas.us.es/index.php/Temas_Americanistas/article/view/14701

do momento em que cada um dos países se desarticulam visando seus próprios interesses.

Segundo Capelato (2009, p. 75), em paralelo à formação da unidade continental se instaurou também a exacerbação do “caráter nacional”, no período de 1930 e 1960, pela literatura de Eduardo Mallea, na Argentina, com *História de una pasión argentina* (1938); Samuel Ramos, no México, com *El perfil del hombre y la cultura en México* (1934); Antonio S. Pedreira, em Porto Rico, com *Ensayo de interpretación puertorriqueña* (1934); O brasileiro Manoel Bomfim com *O Brasil na América. Caracterização da Formação brasileira* (1929).⁹

Ainda conforme a autora (CAPELATO, 2009, p. 76), nessas literaturas se romperam os laços de unificação, a ideia da “superação” do atraso dos países latino-americanos que exaltaram as bandeiras nacionais. Alguns desses trabalhos, revelaram também estigmas e mitos da época para justificar preconceitos raciais e sociais designados às minorias, práticas eugenistas, perpetuadas até os dias atuais, como forma de controle social e exclusão.

Diante do exposto, pela conformidade de elementos que condicionam a singularidade latina, está a constante contradição de tentar lidar e também rechaçar com o “precário, provisório, inacabado, mestiço, exótico, deslocado, fora do lugar, folclórico” (IANNI, 1988, p. 6). Esse seria o ciclo vicioso cumulativo da história de miséria, violência e resistência, que dessa forma, regem as vulnerabilidades vinculadas desses países, explícitas suas particularidades históricas embebidas das relações sociais e de força.

Tendo em vista a complexidade da caracterização da América Latina, na criação de um panorama geral do conjunto de Estados, apresenta-se algumas das considerações do sociólogo e cientista político Octavio Ianni (1987), inerentes à atualidade. Ianni trouxe em suas contribuições, a compreensão das injustiças historicamente enraizadas, das diferenças estruturais, além da busca pela superação do ocidentalismo.

Para o autor, a questão nacional latino-americano se coloca particularmente voltada aos temas das lutas e contradições do acesso à terra, moradia, direitos, que serviram como base fundamental para a construção de suas identidades. Em

⁹Lista encontrada no artigo de revista por CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Intelectuais latino-americanos: o “caráter nacional” em questão*. **Anos 90**, v. 15, n. 28, jul. Porto Alegre, 2009. p. 75

condição de continuidade, o cruzamento destes embates e dicotomias conferem aspectos entranhados às forças e relações sociais que organizam, desenvolvem, transformam, ou se ultrapassam enquanto Estado-Nação (IANNI, 1988, p. 11).

Figura 3: Comércio informal por mulheres indígenas no mercado central de Antigua Guatemala



Fonte: Orlando Sierra, NBC news¹⁰

O direito à terra, ou, a luta pelo direito à terra, por exemplo, é tópico inerente às nações latino-americanas. É notória na América Latina de maneira geral a repartição injusta e parcial da terra. Sendo a posse de terra recurso fundamental para conquista e manutenção do território, nota-se sua posição na atualidade subordinada aos mecanismos de interesse do mercado. De acordo com Pablo Solón (2019, p. 42), está também no extrativismo elementos que deram o pontapé inicial ao colonialismo, fator-chave também para a construção de nações desiguais e desigualdades dentro das próprias nações. Dessa maneira, a constante supressão de terra aos interesses hegemônicos, como aponta Ianni, é uma questão histórica:

A história da formação da sociedade nacional latino-americana é a história de uma longa luta pela terra. No primeiro dia, todos ouviram o grito: Terra à vista! No depois, sempre, há a colonização, bandeirismo, pioneirismo, busca do ouro, coleta de especiarias, escambo com os nativos, donatárias, sesmarias, escravização do índio e do negro, economia primária exportadora, enclave, industrialização substitutiva de importações, associações de capitais, latifúndio, fazenda, plantação, engenho, estrada,

¹⁰Disponível em: <https://www.nbcnews.com/id/wbna26350459>

rodovia, barragem, agroindústria, fábrica, cidade. Sempre se repete o grito: Terra à vista! Desde o primeiro dia, está em andamento a luta pela terra. Desenvolve-se um longo processo de monopolização da propriedade e exploração da terra (IANNI, 1986, p. 17).

No meio rural, a repartição da terra foi ainda mais discrepante, cingindo a terra para poucos em grandes latifúndios. De acordo com Ianni (1986, p. 16), aos países que alcançaram a reforma agrária na segunda metade do século XX, a operação, principalmente econômica, nem sempre foi acompanhada de medidas políticas que favorecessem o engajamento do trabalhador rural no sistema nacional de poder. No meio urbano, vemos esse fenômeno ser traduzido na marginalização das classes na leitura do território, estas condicionadas a se inserirem nas partes mais precarizadas em infraestrutura, salubridade, e riscos (Figura 4). Estas discussões reaparecem na atualidade enquanto racismo ambiental¹¹.

Figura 4: *Da esquerda para a direita: México, Brasil, Argentina, Chile, Equador, Honduras, Bolívia, Panamá*



¹¹O racismo ambiental é um conceito empregado para descrever a discriminação enfrentada por comunidades marginalizadas ou constituídas por grupos étnicos minoritários devido à degradação do meio ambiente que sofrem.

Fonte: Colagem realizada pelo autor. Fotos do artigo Traduzindo Favelas¹²

Conclui-se neste capítulo, que a configuração da América Latina está imbuída no campo imaginário e territorial, engessado pelas influências das hegemonias ocidentais, mas com aspirações à libertação. Caracteriza-se o passado, para que se possa compreender o presente e, sobretudo, propor estratégias para o futuro. Como fechamento, coloca-se a reflexão do sociólogo brasileiro Darcy Ribeiro, expoente do decolonialismo:

Os latino-americanos são hoje o rebento de 2 mil anos de latinidade, caldeada com populações mongolóides e negróides, temperada com a herança de múltiplos patrimônios culturais e cristalizada sob a compulsão do escravismo e da expansão salvacionista ibérica. Vale dizer, são a um tempo uma civilização velha como as mais velhas, enquanto cultura; metida em povos novos, como os mais novos, enquanto etnias. O patrimônio velho se exprime, socialmente, no que tem de pior: a postura consular e alienada das classes dominantes; os hábitos caudilhescos de mando e o gozo do poder pessoal; a profunda discriminação social entre ricos e pobres, que mais separa os homens do que a cor da pele; os costumes senhoriais, como o gozo do lazer, o culto da cortesia entre patrícios, o desprezo pelo trabalho, o conformismo e a resignação dos pobres com sua pobreza. O novo se exprime na energia afirmadora que emerge das classes oprimidas, afinal, despertadas para o caráter profano e erradicável da miséria em que sempre viveram; na assunção cada vez mais lúcida e orgulhosa da própria imagem étnico-mestiça; no equacionamento das causas do atraso e da penúria e na rebelião contra a ordem vigente (RIBEIRO, 2007, p.77).

O que testemunhamos, portanto, é como essas causalidades constituem um conjunto de nações que, apesar de soberanas, ainda são consumidas por uma influência hegemônica que retorce seus costumes. Entretanto, está nesse tecido plural a oportunidade para rumar a novos caminhos. Empoderadas pelo desejo da mudança, de construção em conjunto com seu povo, através de alternativas sistêmicas.

¹²RioOnWatch. Disponível em: <https://rioonwatch.org/?p=16555>

2.2 O Bem Viver

Quando eu não era vítima das tentações deste mundo, dedicava minhas noites a imaginar outros mundos. Um pouco com a ajuda do vinho e outro tanto de mel verde. Não há nada melhor do que imaginar outros mundos para esquecer o quanto doloroso é este em que vivemos. Pelo menos eu pensava assim naquele momento. Ainda não compreendera que imaginando outros mundos, acabamos por mudar também este nosso.

- Umberto Eco, *Baudolino*.

2.2.1 O Bem Viver como uma alternativa latino-americana

A história da América Latina atravessou, em suas últimas décadas, diversas propostas para um possível rearranjo de razão sociopolítica e econômica das estruturas vigentes, em que se conjecturam alternativas sistêmicas que galgaram mudanças visando a superação de vulnerabilidades no continente. Frente à amálgama destas, levantadas anteriormente, pode-se identificar que estas proposições, apesar de não uníssonas e diluídas pelas distintas nações, remontam às bases ideológicas usadas nas discussões da atualidade.

Algumas destas propostas surgem enquanto manifestações que pleiteiam soluções para necessidades mais pontuais e urgentes, ganhando destaque pela característica ativista.

De acordo com o historiador Alexandre Nogueira (2016), alguns exemplos de lutas por uma reforma estrutural latino-americana podem ser vistas na rebelião zapatista de Chiapas, e no levante popular em Oaxaca, ambas regiões do México, bem como na luta pela água em Cochabamba, na Bolívia, na luta pelo território dos índios Mapuches no Chile, no levante indígena do Equador e na intensificação da luta pela democratização do acesso à terra pelos camponeses do MST, no Brasil.

Ainda segundo o autor (NOGUEIRA, 2016), a formação social está como elemento norteador para a análise destes movimentos sociais na América Latina, considerando a colonização como sendo o ponto de partida para os conflitos existentes. Por sua vez, é notório ver como é inerente aos movimentos sociais latino-americanos a busca da reorganização do acesso ao espaço e bens de consumo, como visto no caso das cooperativas de habitação social na experiência do Uruguai (CABRERA, 2018) ou os escambos solitários nas *Villas Misérias* na Argentina (MAYO, 2009), respectivamente.

Nesse sentido, numa leitura geral, é vista a importância do acesso ao direito comum em representações sociais, pois “o território é o espaço em que se constrói

coletivamente uma nova organização social, onde os novos sujeitos se instituem, instituindo seu espaço” (NOGUEIRA, 2006, p.9).

Os atos sociais citados acima servem para elucidar a riqueza do território latino-americano em postular dinâmicas, em ter um caráter inspirador e em partilhar influências diretas ou indiretas entre seus países. Indo de encontro às novas correntes latino-americanas acerca do tema da sustentabilidade, evidencia-se através de apontamentos de alguns autores arquitetos e urbanistas¹³, o uso do discurso do Bem Viver.

Alçando ideias que promovam a construção coletiva por uma alternativa sustentada pelo pós-productivismo e pós-extrativismo, vistas como práticas antagônicas ao capitalismo e desenvolvimentismo, o Bem Viver indaga relações de harmonia, entre o indivíduo consigo, com a comunidade e com a natureza. A discussão questiona padrões engessados constitucionalmente, bem como práticas cotidianas de excessos - como o consumo -, que condicionam o modo de vida social, cultural, político e econômico.

O Bem Viver, nesse sentido, toma emprestado visões, cuja base se encontra nas comunidades indígenas da Bolívia, do Equador, do Peru, além de outras nações e de outros ativismos contemporâneos. Para se desdobrar numa espécie de alternativa latino-americana rumo à harmonia entre os povos na integração com a natureza, vendo nisso o sentido de sustentabilidade. Permeando vários campos dos saberes como filosofia, sociologia, este trabalho parte, portanto, da conceituação do Bem Viver para aproximar quais caminhos da arquitetura contemporânea podem ser traduzidos nessa relação de equilíbrio.

2.2.2 Conceituação geral do Bem Viver

Para a conceituação do termo Bem Viver, foram adotadas as definições colocadas por Alberto Acosta (2017), economista equatoriano que escreveu livro de título homônimo ao tema. Assim, está o “Bem Viver”, tradução para o português que

¹³SARAMAGO, Rita de Cássia Pereira. **ARQUITETURA SUSTENTÁVEL? Quando o discurso não mais sustenta um futuro para a prática arquitetônica**. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo Instituto de Arquitetura e Urbanismo. São Carlos, 2022.

PESSOA, Pablo. **Bem Viver Urbano ou o abandono do deszele**. Tese de doutorado, Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Brasília, 2019.

mais se aproxima do original em castelhano *Buen Vivir*, como é denominado no Equador, ou *Vivir Bien*, na Bolívia. O Bem Viver é a combinação das interpretações dadas às cosmovisões dos povos ameríndios, andinos e amazônicos, respectivamente, do *sumak kawsay* (pelos *kichwa*), o *suma qamaña* (dos *aymara*) e o *nhandereko* (*guarani*), às discussões da atualidade e da filosofia de outros povos, como o ubuntu, o decolonialismo, o ecossocialismo, o ecofeminismo, além dos movimentos ativistas citados anteriormente por Nogueira, como uma “sabedoria em construção” (ACOSTA, 2017, p. 14). O Bem Viver, dessa forma, se coloca enquanto revelação dos erros e das limitações estruturais de sistemas sociopolíticos implementados nas nações do ocidente, criticando as teorias do desenvolvimento e pondo em questão, concisamente, a noção comum do que é “desenvolver-se” enquanto sociedade.

É necessário acrescentar, antes de mais nada, que a visão da utopia indígena, pilar central do Bem Viver, parte do entrave histórico dos povos ameríndios, resistentes, e do colonialismo, transformado em outras formas de controle do capital. Portanto, o contraponto entre os diferentes costumes da cultura ocidental hegemônica e os povos originários é discutido no ímpeto de se alcançar a busca pela superação da iniquidade, entendendo a existência do pluralismo cultural.

Em respeito a isso, o Bem Viver se define como cosmovisão indexada ao meio ambiente, que não diz respeito somente aos segmentos de população indígena e as suas crenças religiosas. De acordo com Afonso, Moser e Afonso (2015) que definem cosmovisão, em geral, como a forma particular de perceber, conceber, organizar e experimentar o mundo. No entanto, é fundamental buscar compreender as experiências das pessoas em seu contexto de vida, bem como entender como elas percebem o mundo ao seu redor, como é preconizado na abordagem fenomenológica¹⁴.

Nesse sentido, a perspectiva fenomenológica da cosmovisão vai além da concepção de um mundo preenchido apenas por objetos inertes e espaços físicos ocupados, resultado da materialidade. Na verdade, o mundo em que vivemos, enquanto indivíduos, é um espaço co-construído, uma espécie de espaço semântico

¹⁴Conceituado por Edmund Husserl (1859-1938) e influenciando filósofos como Martin Heidegger, Alfred Schutz, Jean Paul Sartre, a fenomenologia é o método filosófico que busca o conhecimento dos fenômenos da consciência, ou, daquilo que aparece à consciência buscando explorá-los para além do objeto à sua primeira vista. HUSSERL, Edmund. A Ideia da Fenomenologia. Lisboa: Edições 70, 1990.

que se abre para um horizonte de infinitas possibilidades de sentidos, direções, orientações e significados. A cosmovisão seria, portanto, o modo de se viver o mundo.

Além disso, outro apontamento ao Bem Viver é sua caracterização como utopia¹⁵, alçando um mundo ideal a ser vivido e partilhado em equilíbrio. De acordo com Acosta, a utopia necessita ser passada adiante para o sentido da espiritualização do indivíduo, a temas sensíveis à valorização do ser humano, natureza:

O Bem Viver é um processo em construção e reconstrução que encerra processos histórico-sociais de povos permanentemente marginalizados. Esta proposta não pode ser vista só como uma alternativa ao desenvolvimento economicista. Tampouco é um simples convite a retroceder no tempo e reencontrar-se com um mundo idílico, inexistente por definição. E não pode transformar-se em uma sorte de religião com seu catecismo, seus manuais e seus comissários políticos (ACOSTA, 2017, p. 73).

O autor argumenta que, por não se tratar de uma diretriz a ser seguida, fechada, o processo em construção promove a equidade, focada no benefício mútuo entre ser humano, urbanidade e natureza. Para isso, o Bem Viver conceitua o fim da vida predatória, no sentido de comunidade onde ninguém “pode ganhar se seu vizinho não ganha”. Nesse sentido, Acosta toma como referência a contribuição do filósofo e antropólogo francês Bruno Latour¹⁶ ao assumir que “a questão é sempre a de reatar o nó górdio, atravessando, tantas vezes quantas forem necessárias, o corte que separa os conhecimentos exatos e o exercício do poder, digamos, a natureza e a cultura” (LATOUR, 2007 apud ACOSTA, 2017, p. 120).

Acosta ainda questiona a concepção capitalista, colocando-a como exatamente oposta: “para que eu ganhe, o resto do mundo tem que perder”:

O bem viver questiona o conceito eurocêntrico de bem-estar. Muitas pessoas só trabalham e produzem pensando em consumir, mas, ao mesmo tempo, vivem na insatisfação permanente de suas necessidades. A produção e o consumo se tornam, assim, uma espiral interminável, esgotando os recursos naturais de maneira irracional e acirrando ainda mais a tensão criada pelas desigualdades sociais. Nesse ponto, desempenham papel determinante muitos avanços tecnológicos que aceleram o círculo perverso de produção crescente e apetites cada vez mais vorazes (ACOSTA, 2017, p. 36).

¹⁵ A origem do termo remonta ao título homônimo do livro de Thomas More, de 1516. O Autor Gregory Claeys trabalha a historiografia da Utopia através do tempo. CLAEYS, Gregory. Utopia: a história de uma ideia. Trad. Pedro Barros. São Paulo: Edições SESC SP, 2013.

¹⁶ Renomado sociólogo, filósofo e antropólogo da ciência francês reconhecido por suas contribuições no campo dos estudos sociais sobre sustentabilidade. Latour desenvolveu a Teoria Ator-Rede (TAR), que busca entender as interações complexas entre humanos e não humanos, atribuindo agência tanto a objetos materiais quanto a atores sociais.

Diante do exposto, complementa-se que o Bem Viver se coloca como utopia de rumo ao futuro, que não visa regressar às práticas mais rudimentares, como se negasse o avanço da tecnologia para retornar aos modos ditos “primitivos” das isoladas comunidades indígenas. Qualquer afirmação nesse sentido se trata de uma falácia.

No que diz respeito à tecnologia¹⁷, por exemplo, deixa-se claro que não há negação do avanço científico e tecnológico humano pelo Bem Viver. O que é posto é uma crítica à maneira como e a quem ele é fornecido e operado. Muitas dos aparatos tecnológicos utilizados no mundo moderno trazem inegavelmente facilidades para o cotidiano, transpondo as barreiras físicas e conectando pessoas. Além de colaborar para uma revolução sanitária e da condição de saúde física e mental humana. Contudo, existem ressalvas no que diz respeito à iniquidade da tecnologia:

A técnica, sabemos bem, não é neutra: parte do processo de valorização do capital. Então haveria que formular outra pergunta: qual é a “forma social” implícita nos avanços tecnológicos aparentemente democratizadores, aos quais deveríamos aderir? Na realidade, muitas novas técnicas são fonte de renovadas formas de desigualdade, exploração e alienação. Muitos dos avanços tecnológicos, por exemplo, fazem com que certos trabalhadores se tornem imprestáveis ao passo que excluem todos aqueles que não conseguem acessar a novidade (ACOSTA, 2017, p. 37).

O que se põe como problema enfaticamente em relação à alta tecnologia, ou tecnologia “de ponta”, é o rumo que ela toma uma vez desenvolvida em torno e em prol da lógica do Capital. O acesso à tecnologia se torna ainda mais desigual, de maneira contraditória aos ideais de homogeneidade que prescreve a globalização (COBOS, 2014, p. 51).

A apropriação social das novas tecnologias é muito desigual, tanto em termos de acesso quanto de uso em processos produtivos, acumulação de capital ou reprodução social, de acordo com a localização dos sujeitos na estrutura de classes e na distribuição de renda. Elas excluem setores produtivos, comerciais ou de serviços, como micro e pequenas empresas, e, em sua aquisição e uso, excluem setores majoritários de trabalhadores urbanos e acentuam a segregação socioterritorial. Essas duas desigualdades significam que seu papel na modificação de vários aspectos do funcionamento estrutural e da vida urbana cotidiana é altamente diferenciado e desigual, o que nos leva a deixar de lado as caracterizações gerais, às vezes típicas de um futurismo sem fundamento, e analisar suas desigualdades e seus efeitos específicos e particulares em termos concretos, em nossa realidade (COBOS, 2014, p. 50).

¹⁷Conjunto de processos, métodos, técnicas e ferramentas relativos a arte, indústria, educação etc.

Por último, temos a posição anti-extrativista que é inerente ao conceito do Bem Viver. Por compreender que o estilo de vida proposto pelo acúmulo de capital e superação da produção gradual também critica profundamente a inviabilidade do crescimento material e sua relação com os recursos naturais disponíveis. No desenvolvimento das nações, pouco se discute da escassez e disponibilidade de recursos, reproduzindo-se e intensificando a produção industrial compulsória, ideia presente desde o século XIX. Como aponta Acosta, a extração dos recursos naturais, e o domínio da natureza, está presente desde a colonização europeia da América Latina:

O desejo de dominar a Natureza para transformá-la em exportações esteve permanentemente presente na América Latina. Nos primórdios da independência, diante do terremoto de Caracas, que ocorreu em 1812, Simón Bolívar pronunciou uma célebre frase, que traduzia o pensamento da época: “Se a Natureza se opõe, lutaremos contra ela e faremos com que nos obedeça.” Para além das leituras patrióticas que interpretam tal pronunciamento como uma decisão do líder em enfrentar as adversidades, deve-se ter clareza de que Bolívar agia de acordo com as certezas de seu tempo. Estava convencido, em consonância com o pensamento imperante, de que se podia dominar a Natureza (ACOSTA, 2017, p. 109).

Dentre as problemáticas do extrativismo, está também a falta ideia de processos associados ao desenvolvimento econômico, como aponta Horacio Machado Aráoz (2020). O autor descreve o paradoxo da mineração e a modernização de centros urbanos, como no caso de Potosí na Bolívia que apresenta as condições extremas de trabalho nas minas, precarização e persistência do subdesenvolvimento numa região de grande concentração de capital.

Tendo estas questões apontadas, trabalha-se através do Bem Viver soluções conduzidas pelas visões de mundo ameríndias, do *sumak kawsay*, os quais interpretam a associação do ser humano e suas tecnologias enquanto comunidade relacionada à natureza, colocando-os no sentido de “elemento vivo” e de relação ecológica mutualística. A definição dos povos andinos à natureza enquanto *Pachamama*, a Mãe Terra, vai de contra ao sentido extrativista e exploratório que o ocidente atribuiu à Terra.

Podemos concluir que não existe uma visão única para o Bem Viver, senão uma construção mútua e coletiva de uma perspectiva utópica a ser alcançada, superando-se dessa maneira as noções de *desenvolvimento* vigentes. O Bem Viver desqualifica o *desenvolvimento* como sinônimo de *crescimento*. De caráter utópico e eximindo-se de quaisquer partidarismos políticos, esta cosmovisão atual não está alinhada a sistemas políticos vigentes. Partindo da premissa de que

independentemente do que já tenha sido implantado outrora, falhou ou fugiu de um senso que priorize a relação mutualista de humanidade e natureza. O equilíbrio está nas mudanças de paradigmas sociais.

2.2.3 *Distinções do Bem Viver*

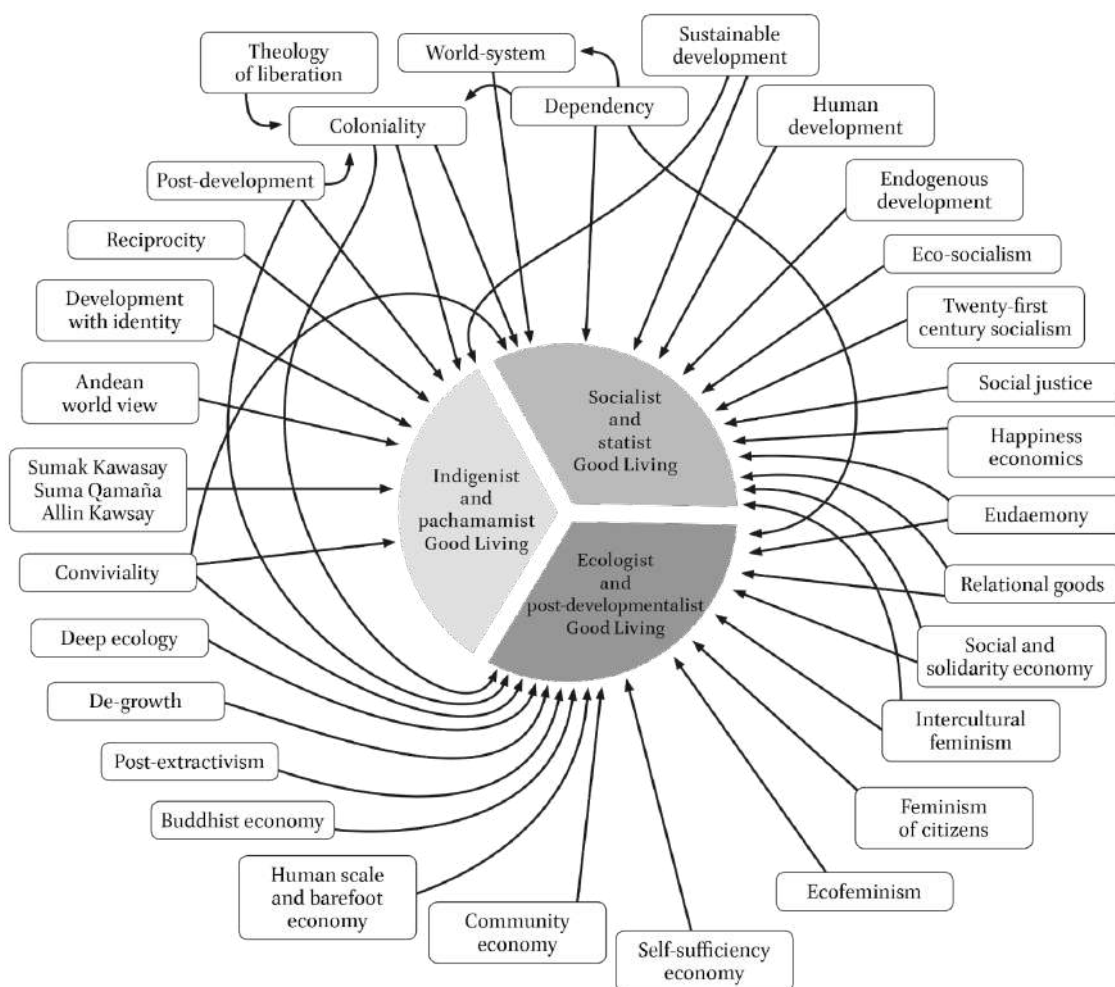
Para dar continuidade ao tema, é necessário antes esclarecer que foram três as distinções conceituais que o Bem Viver adotou ao longo dos anos. De acordo com a pesquisadora Natalia Doukh (2017), diferentes princípios vêm sendo construídos, uma vez que são montadas em cima de aplicações com diferentes finalidades.

Essas narrativas são conduzidas pelo mesmo fio de valores e fundamentos, migrando para derivações também comuns entre si, variando por sua vez pelo fim a que se destina a implantação do Bem Viver (Figura 5):

- (a) Conceitualização indígena do Bem Viver, que proporciona uma perspectiva ancestral de elementos, signos, valores e vigência do fenômeno;
- (b) Pensamento ocidental, que, embora não evocando o conceito do Bem Viver diretamente, aborda-o a partir de perspectivas diferentes, contribuindo para a construção conceitual embutida no mundo contemporâneo, de tal forma que um contraste de abordagens diferentes leva a uma clarificação dos valores fundamentais do Bem Viver;
- (c) Disposições constitucionais e políticas como elemento referente para o projeto marco de um país, em particular a do Equador.

Nesse sentido, o presente trabalho vai de encontro à segunda direção, por onde se assimila o Bem Viver enquanto proposta contextualizada com os modos contemporâneos de vida ocidentais, antológica aos temas relacionados ao consumo, produção e relação com a natureza. Entretanto, os outros fios de pensamento do Bem Viver, podem ser apreendidos enquanto modelos que também orbitam a mesma esfera radical, em suas devidas áreas de relevância.

Figura 5: Palavras-chave para os três Bens Viveres latino-americano



Fonte: Hidalgo-Capitán e Cubillo-Guevara (2017, p. 18)

Através do diagrama apresentado na Figura 5, é possível então visualizar as três distinções do Bem Viver a partir de uma nuvem de palavras-chave que o abrangem. Para a explanação desses três vieses, o trabalho então apresenta a seguir os três subcapítulos. Na respectiva ordem: o Bem Viver Indigenista e Pachamamista (*Indigenist and pachamamist Good Living*) diz respeito à “cosmovisão andina do Bem Viver”, seguido do Bem Viver Ecologista e pós-desenvolvimentista (*Ecologist and post-developmental Good Living*), em “Por um pós-desenvolvimento”; e por último Bem Viver socialista e estadista (*Socialist and statist Good Living*) em “O Bem Viver político”.

Como será visto a seguir, nota-se certa discordância entre o sentido do Bem Viver apresentado na Constituição, e como ferramenta política ao seu sentido “inicial”, enquanto filosofia. Ainda que compelidos por princípios comuns, a visão atrelada pelos povos indígenas compreende razões que partem de um princípio

espiritual. Possivelmente por esse motivo tenha sido difícil a tradução para o campo político. Como será visto a seguir, a implementação do Bem Viver no âmbito da problemática do desenvolvimento, pode ser um caminho para unir estas duas posições mencionadas.

2.2.3.1 *Cosmovisão andina do Bem Viver*

Como mencionado, o Bem Viver é uma discussão contemporânea sobre sustentabilidade baseada no equilíbrio entre sociedades plurais e a natureza. Ela toma como partido a cosmovisão indígena advinda dos povos americanos. Como será apresentado, tem-se na cosmovisão indígena andina, o desenho em três escalas que correspondem aos níveis do individual, do comunitário e da natureza.

Apropriando-se da definição de Gualinga, este seria “uma visão holística acerca do que deve ser o objetivo ou missão de todo esforço humano, que consiste em buscar e criar condições materiais e espirituais para construir e manter o viver bem” (GUALINGA, 2003, p. 1). Para compreender a forma como se relacionam os meios materiais e espirituais para o Bem Viver, por sua vez, faz-se necessário absorver as perspectivas dos povos pré-hispânicos que habitaram o continente americano.

Usando como exemplo os povos ameríndios do Equador e Bolívia, as duas nações onde suas constituições abraçaram o Bem Viver, apresenta-se a seguir as cosmovisões concebidas pelos povos *kichwa* e *aymara*: o Bem Viver como *Sumak Kawsay* e a *Suma Qamaña*, respectivamente. Ressalta-se que estas duas cosmovisões representam também o conjunto de outros “Bons Viveres” latino-americanos, por partirem de um mesmo princípio de relação com a mãe-terra, conforme apontou por Natalia Doukh (2017) ao analisar o trabalho do antropólogo Carlos Viteri Gualinga (2002), *kichwa* da região amazônica do Equador. Segundo a autora, é possível identificar uma filosofia de vida comum também à outros povos, dentro também das concepções dos guarani, o *nhandereko* ou no *lekil Kuxlejal*, do povo *tseltal*, Mexicano.

As similaridades dentro do Bem Viver são estruturadas por meio de uma sistematização que aloja três níveis de conceitos inter-relacionados entre si, comuns entre todas as cosmovisões. Esta sistemática pode ser distribuída em: global, comunitário e individual. Segundo as visões *kichwa* e *aymara*, tanto o *Sumak*

Kawsay quanto o *Suma Qamaña* evocam uma noção de harmonia e equilíbrio, que transcende o ser individual e se situa a nível comunitário e extracomunitário.

Assim, segundo a avaliação da inter-relação entre sujeito, comunidade e natureza, se permite descrever o *Sumak Kawsay*, em linguagem simbólica como uma harmonia trifacetada, sendo: I. O indivíduo consigo mesmo; II. O indivíduo com a comunidade e III. a comunidade com a natureza (DOUKH, 2017, p. 560). Desse modo, pode se entender tal conceito como:

I. O indivíduo consigo mesmo: O termo de *Sumak Kawsay* no kichwa, está composto por dois vocábulos. O “Sumak”, que significa a plenitude, o sublime, e o “Kawsay”, é a vida, o Ser no contínuo Estar. De acordo com as definições apresentadas pelo antropólogo e linguista Luis Macas(2010), indígena *kichwa* do Equador, a conjugação de ambos se traduz como “A vida em plenitude”; “A vida em excelência espiritual e material”; “A magnificência e o sublime se expressam na harmonia, num equilíbrio interno e externo de uma comunidade” (MACAS, 2010, p. 23).

Para o povo *aymara*, a vida é desenvolvida na *Qamaña*, espaço-tempo composto e habitado por seres vivos, que convivem e estão em compartilhamento com o indivíduo, sua família e sua comunidade humana. Esta múltipla interconectividade produz o bem estar. Nisso, os *aymara* estão falando sobre equilíbrio biosférico, porque o equilíbrio, precisamente, é o que produz o bem estar. Tal harmonia integral da vida aos povos andinos, no idioma *aymara* se chama *Suma Qamaña*, ou seja, Viver Bem em harmonia com os outros membros da natureza e consigo mesmo (YAMPARA, 2001, p. 49 apud DOUKH, 2017, p. 560).

Assim, na perspectiva *aymara*, a convivência pode ser compreendida como as interações com o ambiente, em que tudo é percebido como uma comunidade de seres vivos, em que o tangível e o intangível são complementares e opostos. O ser humano consegue compreender apenas uma parte da vida relacionada ao local onde sua comunidade se desenvolve, enquanto os laços estabelecidos com esse lugar abrangem aspectos tanto materiais como espirituais.

Diante da integração espiritual, é possível compreender que a relação do indivíduo consigo mesmo se faz simultaneamente intrínseca à relação entre plantas-animais-seres-humanos-habitat, aos *aymara*, são um contínuo. Assim, individualidade no quesito do Bem Viver está muito associado ao equilíbrio de cada

ser sobre si, em que se alcança a plenitude de si respeitando o espaço limite material e imaterial.

II. O indivíduo com a comunidade: discorre sobre as práticas sociais e econômicas dos povos indígenas. A harmonia da sociedade indígena repousa sobre o fato de que as relações de produção, distribuição e redistribuição dos bens materiais. Essas relações, a fim de garantir a máxima da segurança alimentar da comunidade, estão assentadas sobre vínculos que mantêm os membros de uma comunidade no plano moral, sobre códigos de conduta éticos.

Nesse sentido, o artifício de práticas participativas é dirigido em primeiro lugar pelo consenso de benefício a todos, não somente no plano do capital, que, de acordo com Gualinga, é característica de uma sociedade moderna ocidental, voltada para a agenda neoliberal. O indivíduo, neste caso, está dificilmente indissociado das aspirações da comunidade, não-individualista.

As bases econômicas são sustentadas com o ambiente pela disponibilidade dos meios para a subsistência do indivíduo, através dos produtos provenientes de suas parcelas de terra. Em condições de igualdade sobre os meios de produção, o ponto diferencial consiste no domínio sobre o conhecimento, como destreza que assegura o manejo exitoso do ambiente para o abastecimento. No caso dos kichwa o conhecimento, ademais de ter um valor intrínseco para o estabelecimento de processos produtivos adaptados às condições de entorno, permite que este seja desfrutado pelos demais, oferecendo as condições de equidade, enquanto a capacidade, destreza, identidade (GUALINGA, 2003, p. 2).

A estruturação socioeconômica do Bem Viver, como forma de viver em harmonia com os outros membros da sociedade e com a natureza, pode ser traduzida enquanto sociedade igualitária. O equilíbrio econômico, mitigando a desigualdade entre grupos de mesma comunidade, é alcançado através da implementação efetiva de mecanismos de acesso aos meios de produção, como a redistribuição dos excedentes e o sentido de propriedade coletiva de bens de uso comum, que tem caráter decisivo para a sustentabilidade da comunidade.

Os mecanismos de equidade na gestão dos povos ameríndios, segundo Doukh (2017), estariam dispostos na realização humana alcançada em dois níveis: em nível familiar, através da realização efetiva das aspirações individuais em complementaridade, e a nível da sociedade num papel ativo na determinação do caminho da comunidade, através da prática da participação comunitária, do consenso, o qual poderia ser interpretado como democracia participativa.

Além disso, esta economia sustentável está também diretamente associada ao respeito aos recursos naturais considerados esgotáveis, à equidade no consumo

e, conseqüentemente, ao estabelecimento de uma produção de acordo com a capacidade de renovação dos ciclos da natureza.

III. A comunidade com a natureza: existe uma relação de proteção baseada em duas inspirações. A primeira se relaciona com a cultura de respeito pelos elementos naturais que conformam a vida, alimentada pela cosmovisão de igualdade que atravessaria todo o mundo material. A outra, se deve à noção de mínima interferência na natureza a fim que não se alterem as condições favoráveis daquele lugar.

Entendendo as relações entre os povos indígenas e a natureza de maneira plural das diferentes etnias, apresenta-se o exemplo abaixo posto pelo ativista Ailton Krenak¹⁸ em seu livro *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*(2019), em que narra a relação entre a etnia Krenak e a relação parental com o rio Rio Doce:

O rio Doce, que nós, o Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. Ele não é algo de que alguém possa se apropriar; é uma parte da nossa construção como coletivo que habita um lugar específico (KRENAK, 2019, p. 40).

Tendo vista a natureza como uma entidade, a Mãe-Terra ou *Pachamama* nas religiões andinas, fica visível como a noção do meio-ambiente, da relação com os recursos naturais, são pilares materiais e imateriais para o sustento do povo indígena. Conforme Gualinga (2003), no mundo kichwa, o *Sumak Kawsay* se dá em um território construído por três esferas: a horta, a floresta e a água, por onde o indígena se insere como parte integrante, mediante um processo de ensinamento e aprendizagem comunitário de elementos simbólicos e materiais. Assim, essa relação com o meio ambiente se resguarda nos conhecimentos e esforços para que haja um uso equilibrado, no qual a preservação é intrinsecamente relacionada à manutenção dos bens, que por sua vez alimentam a comunidade.

Por fim, conclui-se a partir dos três tópicos elucidados acima, que indivíduo, comunidade e natureza, respectivamente, funcionam interligados. Prezando pelo não-desperdício e não-abundância, o modo de vida destas comunidades indígenas toma como diretriz o equilíbrio com a natureza e práticas coletivas equitativas para a vida em harmonia.

¹⁸Ailton Krenak é um líder indígena, escritor e ativista brasileiro, nascido em 1953, pertencente à etnia Krenak. Reconhecido por seu papel fundamental na defesa dos direitos dos povos indígenas e na preservação do meio ambiente, ele se tornou uma voz proeminente na luta pela proteção da cultura e dos territórios indígenas no Brasil.

2.2.3.2 *Por um pós-desenvolvimento*

Vivemos uma crise global e múltipla de enormes proporções - política, social, econômica, ecológica, ideológica e ética. O crime ecossocial no Vale do Rio Doce, em novembro de 2015, perpetrado por mineradoras transnacionais com a cumplicidade e omissão de instâncias estatais nacionais e regionais, numa aliança típica dos nossos tempos, tornou-se a advertência de um sistema capitalista predador que determina nossas vidas.

- Gerhard Dilger.

O Bem Viver, em seu sentido amplo, integra diferentes visões humanistas. Como mencionado, a construção do Bem Viver está relacionada não somente aos povos andinos *kichwa* e *aymara*, mas também se estabelece a devoção à Mãe-Terra, entre os guaranis, na porção sul do Brasil e no Paraguai, além do povo *tseltal*, no México. Além destes, como colocou Acosta (2016), o culto à vida em harmonia tem sido praticado por distintos povos ao longo dos anos, em diferentes lugares do mundo. Assim, pode-se exemplificar outras comunidades que também estão em consonância ao Bem Viver, em vista: os *ubuntu* da África do sul ou os *swadeshi*, *swaraj* e *apargrama* da Índia.

A validação do conjunto de “bons viveres”, é muitas vezes apontada como um conjunto de forças que antagonizam as condicionantes hegemônicas do globo. No mundo ocidental, tendo como perspectiva as discussões contemporâneas, em que ressoam as vozes como o *ecofeminismo*, *ecossocialismo*, *economia do decrescimento* (SOLÓN, 2019), também se juntam às premissas ameríndias. Agrega-se forças a ótica da luta indígena e cobrem-se lacunas ao tema do Bem Viver, pluralizando o tema rumo ao pós-desenvolvimento.

Usando o ecofeminismo de exemplo, de maneira sucinta, é possível estabelecer algumas das colocações sobre estas alternativas sistêmicas. De acordo com a psicóloga social Elizabeth Beltrán (2019) a posição da mulher é colocada em meio a todo o papel participativo na relação entre a natureza e o ser humano. Entende-se que o próprio patriarcado tem também relação com o extrativismo. Desse modo,

O ecofeminismo denuncia os elos do sistema de dominação capitalista: a invisibilização, a desvalorização, o menosprezo, a exploração, a desapropriação e apropriação do saber, do conhecimento, do trabalho e atividades realizadas em sua maioria por mulheres (BELTRÁN, 2019, p. 113).

Nesse sentido, o Bem Viver, colocado enquanto tema da discussão sobre as práticas de vida ao contemporâneo, se soma a outros grupos, normalmente minorias

que contribuem de maneira plural ao viver em equilíbrio. Nesse sentido, outras abordagens, como ecofeminismo, pós-extrativismo, decrescimento econômico, complementam a nova filosofia do Bem Viver.

O próprio conceito de pós-desenvolvimento leva a alguns questionamentos. Antes de tudo, o jargão é colocado mais como rompimento à uma noção pré concebida de “desenvolver” que de sua continuidade. Uma vez que “o desenvolvimento, enquanto proposta global e unificadora, desconhece violentamente os sonhos e as lutas dos povos subdesenvolvidos” (ACOSTA, 2016, p. 50).

De acordo com Pablo Solón (2019), o ecofeminismo, assim como os outros movimentos sociais da civilização ocidental, apontam o olhar justamente à desconstrução da ótica do mundo conduzida pelo capitalismo, e em outras palavras, à lógica da produção. O caminho utópico trilhado pelo Bem Viver, por sua vez, desdobra-se num caminho ao pós-desenvolvimento.

Na busca desenfreada pelo crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) , países considerados periféricos aplicam um conjunto de políticas, instrumentos e indicadores para deixarem de ser “atrasados”, buscando alcançar o desejado desenvolvimento (ACOSTA, 2016). Nesse ímpeto, a produção compulsiva de produtos, por meio da maximização da extração de recursos naturais, sejam minerais, seja madeira, seja o desmatamento para a pecuária, é realizado e incentivado.

A metáfora do desenvolvimento obteve vigor inusitado. Transformou-se em uma meta a ser alcançada por toda a Humanidade. Converteu-se em uma exigência global que implicava a difusão do modelo de sociedade norte-americano, herdeiro de muitos valores europeus (ACOSTA, 2016, p. 45).

Pós-desenvolvimento, portanto, segue a ideia de alternativa ao desenvolvimento, a intenção da mudança de paradigma. Ao longo das crises econômicas históricas¹⁹, é visto como o desenvolvimento foi se alternando, mas nunca deixando de estar em evidência:

Como aponta o sociólogo peruano Aníbal Quijano, colocamos sobrenomes ao desenvolvimento para diferenciá-lo do que nos incomodava, mas seguimos pela trilha do desenvolvimento: desenvolvimento econômico, desenvolvimento social, desenvolvimento local, desenvolvimento global, desenvolvimento rural, desenvolvimento sustentável ou sustentado, ecodesenvolvimento, etnodesenvolvimento, desenvolvimento humano,

¹⁹A Grande Depressão de 1929 a 1933; a crise de 1988; e a crise de 2008, também conhecida como a Crise Financeira Global.

desenvolvimento endógeno, desenvolvimento com igualdade de gênero, codesenvolvimento, desenvolvimento no final das contas. O “desenvolvimento”, como toda crença, nunca foi questionado: foi simplesmente redefinido por suas características mais destacadas (ACOSTA, 2016, p. 49).

Para que seja possível reconfigurar processos econômicos, é necessário em primeiro lugar repensar noções de desenvolvimento como então colocadas desde a industrialização, que vem a tratar desenvolvimento enquanto fator indicativo de qualidade. Essa aproximação aos padrões qualitativos que tem sido uma base de referência europeia e norte-americana, em muito reforça o ciclo vicioso por qual os países “em desenvolvimento” foram colocados.

Um dos caminhos defendidos pelo qual é possível alcançar a estabilidade que o Bem Viver sugere é o “decrescimento”. Segundo Geneviève Azam, economista francesa, professora da Universidade de Toulouse Jean Jaurès, o termo seria uma provocação e uma blasfêmia: “É uma expressão que interpela a consciência do mundo dominado pelo culto ao crescimento pelo crescimento, ou seja, à busca do lucro pelo lucro” (AZAM, 2019, p. 70). Ainda de acordo com a autora, o decrescimento é uma provocação às ideias hegemônicas. Seu significado é simultaneamente:

- A redução do consumo dos recursos naturais e da energia para responder às restrições biofísicas e à capacidade de renovação dos ecossistemas. Implica a saída de um ciclo produtivista (AZAM, 2019, p. 71);
- A invenção de um novo imaginário político e social oposto àquele que subjaz na ideologia do crescimento e do desenvolvimento (AZAM, 2019, p. 71);
- Um movimento social, plural e diverso, no qual convergem diferentes correntes, experiências e estratégias que buscam a construção de sociedades autônomas e frugais (simples e moderadas). O decrescimento não é uma alternativa em si, mas uma matriz de alternativas (AZAM, 2019, p. 71);
- Caminhos diversos para sair do crescimento e rejeitar o excesso (AZAM, 2019, p. 71);
- Um movimento que retoma a questão política e democrática “como queremos viver juntos com a natureza?”, em lugar de “como podemos crescer?” (AZAM, 2019, p. 71).

Segundo Acosta (2017), a transição da sociedade pós-extrativista se dará sobre bases ecológicas, aportando uma crescente equidade social, sobre fundamentos eminentemente democráticos. É preciso, portanto, assumir que nenhum processo econômico pode ser sustentável se não respeita os limites dos ecossistemas e que a economia é parte de um sistema maior e finito: a biosfera. Desta maneira, a ideia do crescimento exponencial e permanente é efetivamente impossível.

Em suma, o Bem Viver entra na discussão ocidental como antologia de práticas pós-extrativistas e alternativas ao desenvolvimento. Cabe a inclusão de posturas que vão de encontro ao decrescimento, tendo-o numa perspectiva positiva, numa sociedade sem esquizofrenias e disposta a repensar o consumismo desenfreado. Para tanto, discute-se a quebra de visão tão ultrapassada que ainda se perpetua na América Latina e tão reforçada desde as revoluções industriais até os dias atuais. Há de ser estratégico, sem negar os avanços tecnológicos em prol da humanidade, vislumbrando um crescimento homogêneo da sociedade, ao invés do alto desempenho de uma classe sobre outra.

2.2.3.3 *Bem Viver Político*

Na primeira década do século XXI, novas revisões de desenvolvimento foram implementadas nas Constituições - nas Cartas Magnas - do Equador, o *Buen Vivir* (Sumak Kawsay) em 2008 e da Bolívia, com a *Madre Tierra* (Pachamama) em 2009. Surgindo inicialmente no contexto político do Equador em 2008, o Bem Viver entra na Constituição do país vestido em sua roupagem de horizonte utópico, enquanto diretriz para “uma nova forma de convivência cidadã, diversidade e harmonia com a natureza” (CONSTITUIÇÃO DO EQUADOR, 2008, p. 9).

Como pontua Acosta (2016, p. 19), o município equatoriano no litoral noroeste chamado por Montecristi, foi palco da Assembleia Constituinte que debateu, escreveu e aprovou o Bem Viver. Neste momento este foi reconhecido no 1º capítulo, como o caráter intercultural e plurinacional do país. Estabelecido em seu preâmbulo a decisão de construir uma nova forma de convivência cidadã em diversidade e harmonia com a natureza para alcançar o *Buen Vivir*, o *Sumak Kawsay*. Por sua vez, é possível identificar na Constituição, o atravessamento de tópicos concernidos à sociedade, natureza e desenvolvimento (econômico).

Assim, a Carga Magna caracteriza o Bem Viver como o entrelaçamento de elementos que por sua vez regem a sociedade, colocando o sentido individual e coletivo em relação com a natureza. Nota-se também a inserção do espaço público como lugar de desenvolvimento dessa relação: “Enquanto conjunto social, a possibilidade de construir e manter a identidade cultural e dispor o espaço público, que possui uma estreita relação com os direitos de liberdade dentro da perspectiva da vida digna” (CONSTITUIÇÃO DO EQUADOR, 2008, p.15).

No que diz respeito à natureza e ao meio ambiente, a Constituição equatoriana faz uso do sinônimo Pachamama à natureza e a define como o lugar no qual se reproduz e realiza a vida (CONSTITUIÇÃO DO EQUADOR, 2008). A definição da natureza é tida como este ente de reprodução da vida, independente da utilidade para a reprodução da vida humana. Assim, o documento reconhece os direitos próprios da natureza ou *Pachamama*, entretanto sem vinculá-la aos direitos humanos, ao incluir na Carta Magna uma seção separada em “direitos da natureza”.

A contradição com o sentido de equilíbrio em todas as esferas, ambientais e econômicas, como aponta Doukh, está em que, para alcançar o direitos, a Constituição estabelece o “regime de desenvolvimento” separado do “regime do Bem Viver” (DOUKH, 2017, p. 559). O que pode ser apontado, a partir disso, é como o documento em questão não abandona o sentido de desenvolvimento, mas apenas o subordina a algumas metas de sustentabilidade e usa como roupagem o termo de Bem Viver. Ainda de acordo com a autora, não estaria então explícita de que maneira essas metas, ou forças produtivas, seriam conduzidas para alcançar esse novo objetivo social.

Assim, frente à antinomia da Constituição em galgar o Bem Viver, mas separando-o com as práticas socioeconômicas regulamentadas pelo Estado, Acosta (2016) critica a maneira como a mesma não abre espaço para questionamentos referentes ao modelo econômico. E mais ainda, de que maneira este se atrela para alcançar o que está sugerido como proposta de Bem Viver.

A construção de uma sociedade igualitária, que possa entrar em acordo com a natureza precisaria primordialmente quebrar suas amarras com o cenário vigente, ou pelo menos, apontar uma direção para isso. Acosta ainda vê no Bem Viver constitucional uma campanha muito mais política e partidária, que está aproveitando-se do termo então em evidência para fazer campanha.

Assumir o Bem Viver simplesmente como um slogan político pode conduzir a seu debilitamento conceitual, caso não se consiga esclarecer o que realmente representa essa proposta de mudança civilizatória. [...]. A lista de incongruências nos governos “progressistas” andinos, tanto em nível nacional como nos territórios descentralizados, adverte intenções distintas entre os mandatos constitucionais e a *realpolitik*. Na prática, revelam-se formas continuistas de consumismo e produtivismo, refletindo também o uso propagandístico do termo Bem Viver. Basta ver a quantidade de documentos e programas oficiais que anunciam o Buen Vivir no Equador e o Vivir Bien na Bolívia. [...]. Como exemplo, projetos municipais para melhorar as ruas, em cidades construídas em torno da cultura do automóvel e não dos seres humanos, são apresentados como se se tratassem de Bem Viver; Enquanto se aprofunda o extrativismo com a megamineração,

implementam-se programas governamentais desavergonhadamente timbrados como iniciativas de Bem Viver (ACOSTA, 2016, p. 92-93).

Em luz do exposto, sendo então restituído a uma chamada midiática que não se atenta a quebrar paradigmas políticos, sociais e ambientais, o Bem Viver político, ainda que alcançando um importante espaço, se distancia da discussão pelo decrescimento. É perceptível a dificuldade em se aplicar o Bem Viver concisamente às políticas públicas, uma vez que aplicar sustentabilidade e não conciliar a outros parâmetros, afasta-se do real Bem Viver. Nesse sentido, ainda que utilizado na Constituição do Equador, sua tradução para o sentido político está distante do seu sentido original.

2.2.4 *Perspectiva Axiológica*

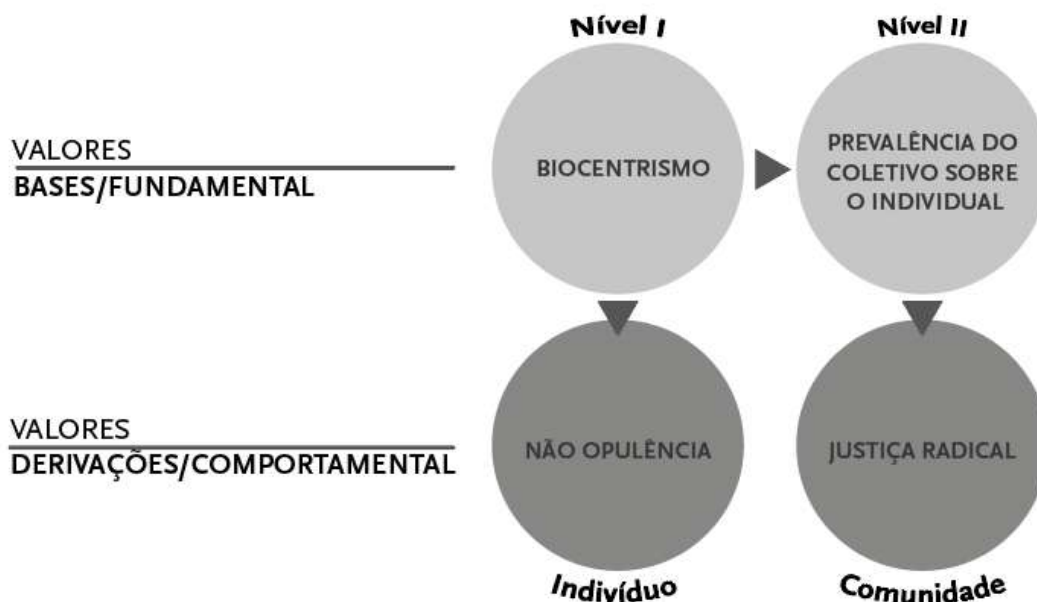
Conclui-se que, nas três instâncias em que o Bem Viver se desenvolve: 1. enquanto cosmovisão andina; 2. as de sentido político constitucional; e 3. na roupagem contra-hegemônica ocidental contemporânea, é possível caracterizar uma cadeia de valores inerentes a todos eles. Em todas as três abordagens, esses radicais desdobram-se a partir de valores de base, tidos como valores fundamentais e desenvolvem-se em valores comportamentais, que transitam entre indivíduo e coletivo. Apoiado a isso, Natalia Doukh (2017) constrói uma axiologia para o Bem Viver, enquadrando seus quatro elementos-chave: Biocentrismo, não-opulência, prevalência do coletivo sobre o individual, e a justiça radical (figura 06). É apresentada a seguir, uma breve síntese de cada um destes atributos do Bem Viver:

- *Biocentrismo*: Coloca a vida em evidência no seu sentido mais amplo, por onde as relações entre as espécies e o ecossistema estão inseridas e são cruciais. Do ponto de vista humano, o biocentrismo são as relações do indivíduo em comunhão com sua comunidade e também como o indivíduo se insere com a natureza. Entendido esta como provedora de abrigo, alimento e ócio. Sendo o seu habitat o bem mais precioso, o qual precisa ser mantido e não esgotado.
- *Prevalência do Coletivo Sobre o individual*: Denota a predileção pelo senso de comunidade e pertencimento a ela. A prevalência do coletivo não nega o indivíduo nem seus desejos pessoais, entretanto indica que para a construção de uma sociedade igualitária é necessário pensar o melhor para todos,

revertendo os ideais individualistas tão intrínsecos a nossa sociedade contemporânea. Uma vez buscando o equilíbrio entre todas as partes, coloca-se o benefício generalizado sobre o privado.

- *Não Opulência*: Partido pela negação da opulência, sua antítese indica justamente o rompimento de práticas do indivíduo, como as aspirações à grandeza, riqueza e fausto. O ser humano identifica na sua própria existência um papel mais altruísta que egoísta, enxergando que seu sucesso entra em completude quando todo seu círculo ou comunidade, também estão em bonança.
- *Justiça Radical*: A igualdade na propriedade e os meios de produção cimeta as bases para instalar as normas que asseguram que todos e cada uma das pessoas gozem do mesmo acesso aos meios materiais, sociais e culturais necessários para levar uma vida satisfatória, como uma primeira dimensão de sociedade radicalmente justa. A governabilidade se torna fortalecida pela participação ativa da sociedade nas instâncias locais, principalmente municipais, mediante o desenvolvimento de uma democracia qualitativa.

Figura 6: Os valores do Bem Viver

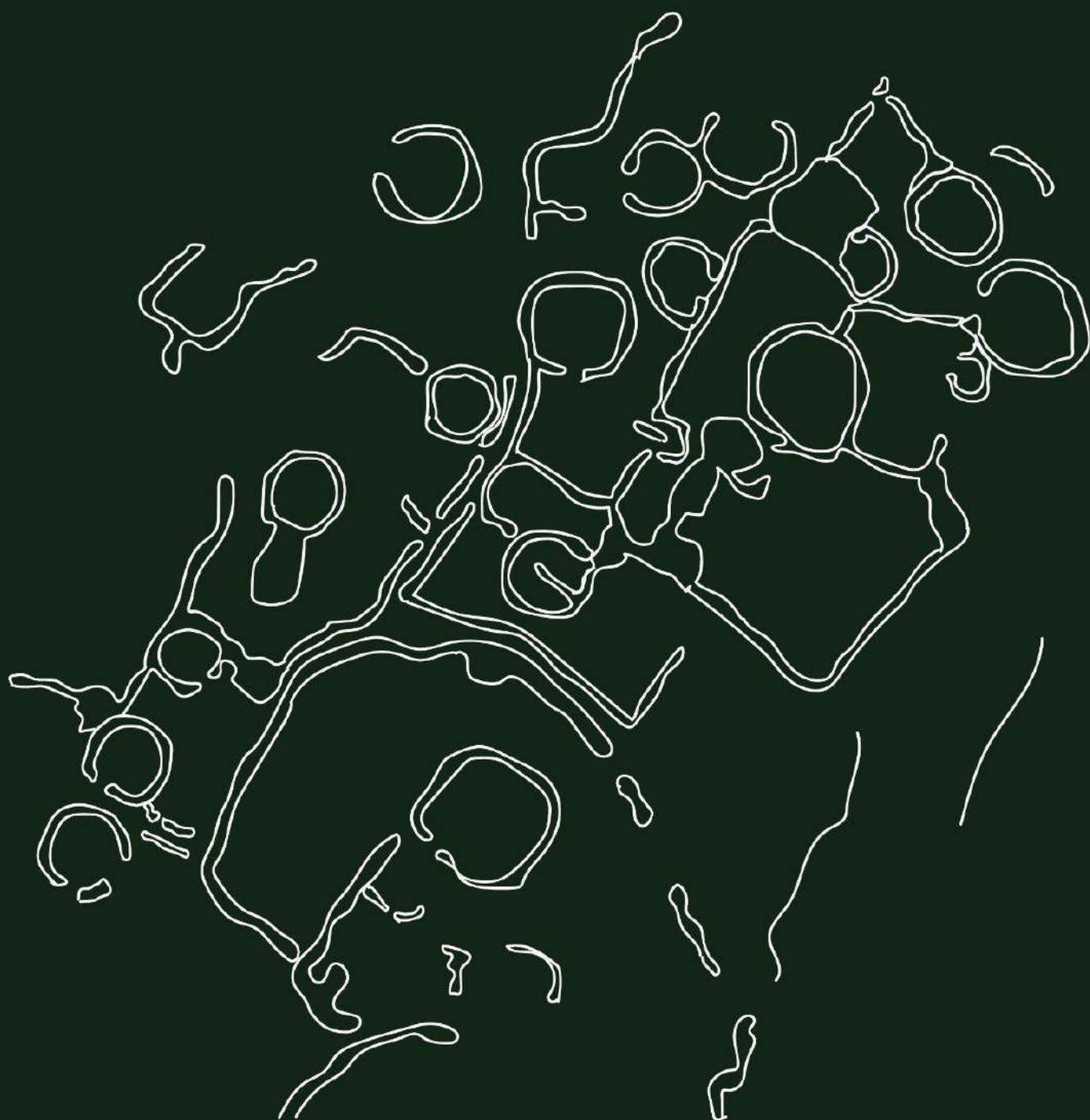


Fonte: Baseado na tabela de Natalia Doukh. elaborado pelo autor

Com base no exposto, visualizamos a disposição das quatro categorias do Bem Viver contidas nos valores de base ou fundamentais e nos de derivações ou comportamentais, que estão distribuídos em dois níveis: o Nível I, referente ao próprio indivíduo e o II, referente à comunidade. Estes valores, por sua vez, são indissociáveis com a relação da natureza. Com base neles, e em suas quatro instâncias, de Justiça Radical, Biocentrismo, Não Opulência e Prevalência do coletivo e individual, é possível construir paralelos com os modos de pensar, a cosmovisão, desdobrados na maneira de habitar e construir. Destarte, o capítulo seguinte, intitulado “A arquitetura do Vernáculo e Modernidade”, inicia-se fazendo a ponte entre a cosmovisão e valores do Bem Viver, apresentadas neste capítulo, com a arquitetura vernacular.

3

Do vernáculo ao pós-industrial



Em uma primeira aproximação pode-se dizer que tecnologia avançada é aquela que permite, com base em recursos humanos e materiais acessíveis, alcançar, mediante seu aperfeiçoamento e desenvolvimento, o mais alto grau de produtividade para conseguir um habitat adequado para cada região e seus modos de vida, tanto em qualidade como em quantidade.

(WAISMAN, 2013, p.93)

3.1. Arquitetura do vernáculo: antecedentes

3.1.1 Considerações sobre o vernáculo

Neste capítulo serão discutidos os princípios e desdobramentos do Bem Viver e da cosmovisão indígena em sua arquitetura. Para tanto, o presente capítulo se inicia com a definição do que se pretende ilustrar enquanto arquitetura vernácula latino-americana. Essa breve introdução nos permite esclarecer qual o conceito de arquitetura vernácula, ou vernacular que será empregada nesta pesquisa, englobando categorizações da arquitetura primitiva, bem como da arquitetura popular.

Estas definições contextualizam a abordagem que o capítulo busca explorar: das dinâmicas socioculturais e ritualísticas inseridas no processo construtivo em povos originários latino-americanos, bem como a tradução no espaço construído destes elementos. Como visto anteriormente, a cosmovisão, a forma de ver e o viver o mundo desses povos é traduzida para todas as suas aplicações de ofícios e tarefas de subsistência. Para a construção e planejamento de suas comunidades não seria diferente.

De acordo com arquiteto e historiador argentino Ramon Gutierrez (2013)²⁰, ao se debruçar nas investigações da arquitetura indígena, de sua religião, do construir e dos meios físicos e naturais, percebeu que estas estão em consonância. Citando o caso dos povos *aymara*, ao redor do lago Titica no altiplano peruano e boliviano, Gutierrez menciona que dentro da cosmovisão do camponês puneño²¹:

Todos os elementos da natureza alcançam sentido religioso. Daqui se deriva um tipo de relação aparentemente mecânica entre os resultados da produção do camponês e seu diálogo íntimo ou público com as deidades que moram na paisagem, então o “pagamento” à terra. Esta visão mítica e sagrada em que todo o cotidiano está entrelaçado de valor simbólico e de crenças, e na qual as formas rituais adquirem relevância, se faz de maneira que a habitação, como microcosmo, manifeste uma presença não meramente mecânica, senão vital à formação do habitat *puneño* (GUTIERREZ, 2013, p. 59).

Assim, parte-se da noção de habitação como microcosmo para evidenciar o vernáculo enquanto antítese à produção pós-industrial, posteriormente apresentada.

²⁰Importante investigador da arquitetura latino-americana, juntamente à conterrânea argentina Marina Waisman, Ramon Gutierrez colocou pertinentes reflexões entre a arquitetura latino-americana do século XX seguindo a linha do regionalismo crítico e defendendo uma historiografia própria do continente. MONTANER, Josep Maria. *Arquitetura e crítica na América Latina*. Coleção RG bolso, São Paulo, Romano Guerra, 2014.

²¹Nascido em Puno, região às margens do lago Titicana, no Peru.

Duas ressalvas são necessárias ao expor essa abordagem sobre a arquitetura dos povos indígenas. A primeira diz respeito a justificativa da apresentação de somente alguns exemplos, que não sugere a homogeneização desses microcosmos.

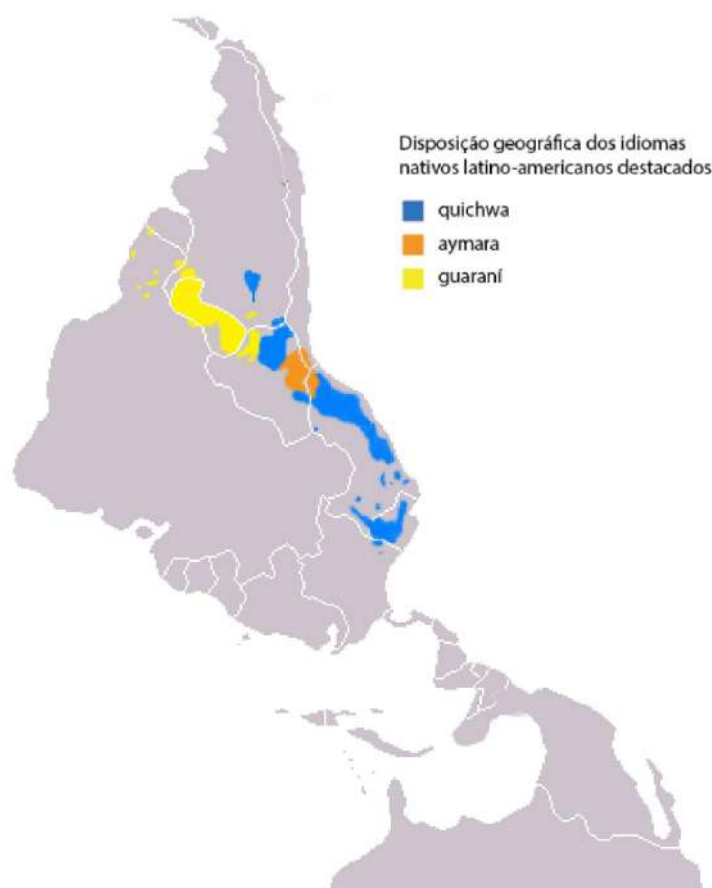
Enfatiza-se que cada grupo e etnia desenvolveu suas próprias características, seria portanto um equívoco generalizá-las. Faz-se muito denso e possivelmente raso, o destacamento unitário de cada comunidade, e portanto, os casos apresentados contribuem para ilustrar a riqueza desde modos de vida. Diferentes culturas, regiões, climas e aspectos físicos e naturais moldaram com exclusividade uma diversidade de comunidades originárias da América Latina.

Como exemplifica Gutierrez (2013) com o caso de outra comunidade *aymara*, os *uros*, está implicado que os distintos assentamentos no território, e por consequência distintas disponibilidades materiais, resultaram em soluções arquitetônicas particulares mesmo dentre o mesmo grupo étnico:

Dentro deste panorama dominante existem, entretanto, os "bolsões" de grupos linguísticos ou parcialidades indígenas que desenvolvem suas próprias temáticas arquitetônicas que dão resposta - e por sua vez condicionam - os modos de vida. O caso mais peculiar conhecido é o dos *uros*, os quais recorrem a um único material, a *tótor*, para fabricar suas embarcações, alimentar seus animais e construir suas casas. Estamos então diante de um caso extremo de uso de um "mono-material" que cobre um universo de demandas e cuja reiteração através do tempo nos diz respeito a uma aceitação estabelecida (GUTIERREZ, 2013, p. 58).

Para tanto, será necessário colocar somente alguns exemplos característicos de algumas culturas em razão de produzir um rebatimento com o tema do Bem Viver. Casos por onde se podem ver traduzidos na relação sociocultural à construção em assentamentos rurais de ascendência ameríndia. Os grupos selecionados estendem-se geograficamente (Figura 7), respectivamente, por alguns países andinos (Bolívia, Colômbia e Peru) e a região do chaco (Brasil, Paraguai e Argentina).

Figura 7: Localização geográfica de algumas das comunidades indígenas selecionadas



Fonte: Instituto de investigação e desenvolvimento em Política Linguística - IPOL²². Adaptado pelo autor

Nessa conjuntura, para não reduzir a tarefa de destacar uma miríade de processos manifestados por diferentes grupos, que não é o foco desta pesquisa, serão apresentados alguns casos que exemplificam a comunhão entre a construção, o território e o próprio entendimento sociocultural indígena.

A segunda ressalva diz respeito a ordem cronológica da arquitetura vernácula. À medida em que os povos originários estiveram diante de novos fatores socioculturais advindos da colônia, houve a gradativa transformação da construção tradicional para uma mescla de elementos arquitetônicos europeus. Pela manufatura de materiais da construção que se tornaram parte dos assentamentos coloniais, como a telha e o tijolo cerâmico, a habitação vernacular com o tempo ainda incorporou as práticas indígenas com as europeias, mantendo lógicas híbridas em programa e tipologia.

²²Disponível em: <http://ipol.org.br/as-linguas-amerindias/>

Como colocado por Enrique Saito (2021), existe uma forte correlação entre os padrões construtivos utilizados ainda hoje nos assentamentos rurais no Valle del Sondando, no Peru. Alega então que não há grandes diferenças entre “uma arquitetura vernácula que tem entre cento e cinquenta e duzentos anos de antiguidade e uma arquitetura comunal que recorre à arquitetura vernácula várias de suas configurações materiais e espaciais” (SAITO, 2021, p.112).

Ainda imbuídos de vários princípios de sua cosmovisão, muitas comunidades, de ascendência *aymara*, *kichwa* ou *guarani*, adaptaram suas residências aos materiais construtivos desenvolvidos pelos colonos, às tipologias e seus programas arquitetônicos. Apesar dessa transformação, considera-se clara a virtude vernácula destas obras.

Figura 8: Casa huerto de Ishua. A “zona intermediária” representa o sincretismo cultural da habitação colonial e da tipologia *quichwa*



Fonte: Enrique Saito, 2021

Posto isto, será abordada a transformação do fazer construir originário à medida em que ocorre a intensificação dos meios de produção no contexto urbano. Uma vez fora do meio rural, e de menores comunidades, onde os processos e as

demandas passam por diferente tempos que em relação às urbes, denota-se um processo do fazer arquitetônica que vai, do processo colonial à modernidade, diretamente associado ao consumo e tendências da arquitetura inseridas no mercado formal.

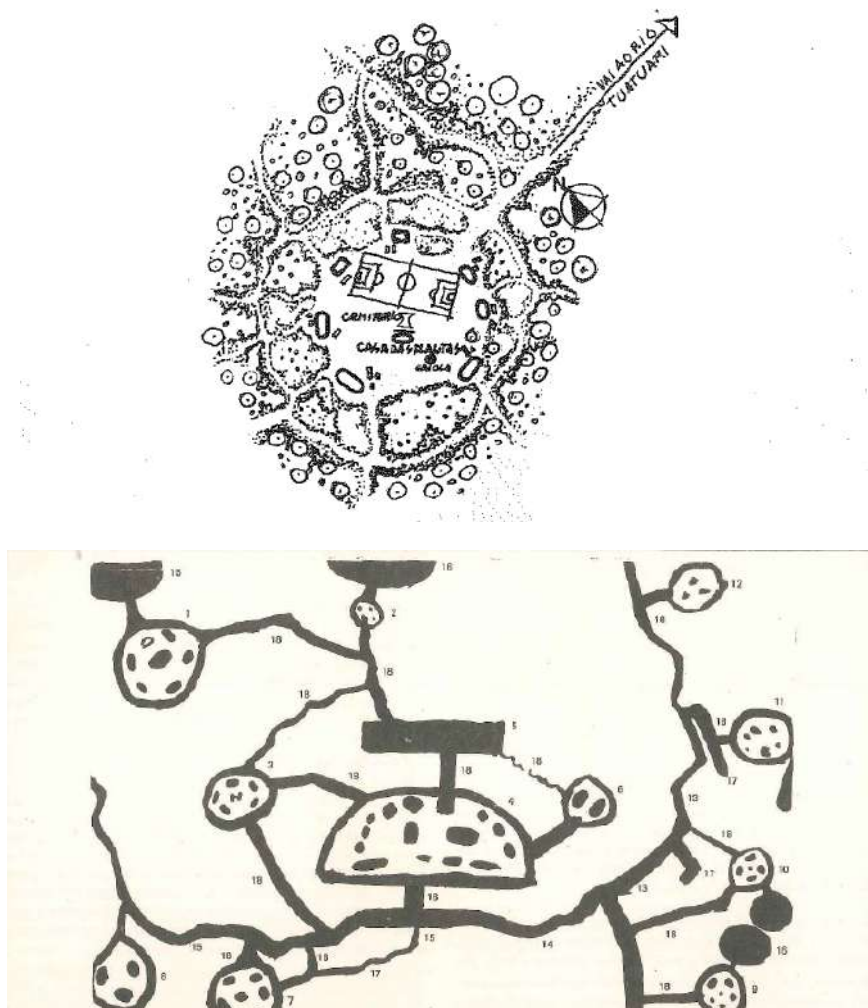
Por sua vez, estes povos outrora marcados pela correlação da construção com práticas religiosas vão dando sentido às concepções mais modernas de interdependência com o Capital. Nota-se a marcada distinção destas relações de trabalho do construtor pré-ocupação portuguesa e espanhola das Américas em relação à pós-ocupação. O processo construtivo, então, ignorava as divisões sociais formais do trabalho da então arquitetura pós-industrial.

De acordo com José Rodolfo Pacheco Thiesen (2022), a subversão nas relações de trabalho dentro do canteiro de obras foram substanciais, mesmo nas sociedades de maior contingente populacional e com grandes cidades estabelecidas na América Latina, como fora o caso de alguns povos astecas na porção central, com instituições já bem definidas e organizadas antes da ocupação europeia. Thiesen discorre a distinção entre o vínculo do construtor europeu e o construtor asteca, estando esse segundo relacionado religiosamente ao ofício:

Na sociedade europeia, esse vínculo há muito havia sido rompido, chegando ao ponto de o trabalho se converter em “exercício de piedade”. Se ritual e trabalho andavam juntos na sociedade asteca, então pode-se dizer que o trabalhador ia ao trabalho como se fosse ao culto religioso; ou seja, “voluntariamente” (entre aspas, porque é evidente que se trata de um voluntariado submetido à persuasão e ao meio social). De todo modo, o trabalho exercia sobre os trabalhadores um poder de atração (THIESEN, 2022, p.7).

Deste modo, apresenta-se a seguir, principiando pela definição da arquitetura vernácula, exemplificada na habitação simbiótica aos aldeamentos originários e a natureza. Em seguida, será demonstrada a relação da habitação vernacular com os aspectos subjetivos e espirituais da relação do indivíduo com comunidade e natureza, sendo exemplificados com o caso da casa guarani, *culata jovai*. Com isso, rumo-se para a segunda parte do capítulo, onde serão estabelecidas as rupturas com o modelo contemporâneo urbano latino-americano.

Figura 9 e 10: morfologia de aldeias tupi-guaranis: planta baixa da aldeia Yawalapiti, no Mato Grosso, e Mapa de toda a rede integrada e orgânica de aldeias



Fonte: Leonardo Villas Boas, 1978, p.32 e 44

3.1.2 Arquitetura vernácula

Muito se discute sobre a caracterização do que se entende por construções populares. Possivelmente uma das mais emblemáticas, está a discussão que diz respeito à arquitetura vernácula, ou vernacular, conceituação que fora se transformando através do tempo.

Como apresenta Teixeira (2017), a origem da palavra vernacular é oriunda do latim “vernae”, em que o mesmo aponta que o termo “foi utilizado para identificar a linguagem vulgar durante o império romano. Por extensão, o termo foi adaptado e adotado na arquitetura, com este mesmo significado” (TEIXEIRA, 2017, p.3).

Como também aponta Saito (2021), este termo “vulgar” também foi empregado para arquitetura em meados do século XIX na Inglaterra, num contexto histórico marcado pelo início da Segunda Revolução Industrial, no qual foram desenvolvidas uma série de novos processos industriais para a produção de materiais de construção passíveis de serem comercializados e empregados na construção civil intensamente. Naquele momento, o sentido de “vulgar” se referia a uma arquitetura que naquele tempo se desenvolvia nos subúrbios, nas periferias, com mínima intervenção de construtores, totalmente alheia à então ‘modernidade’ trazidas por aqueles materiais de construção produzidos industrialmente.

Neste capítulo, nos deteremos a apresentar o vernáculo enquanto arquitetura para além do pré-industrial. Deixa-se claro que o significado de vernáculo também caracteriza construções contemporâneas, entendendo-a também enquanto arquitetura popular. Ao mesmo tempo, no caso latino-americano, desmistifica-se uma possível ideia de que o vernáculo seja aquela arquitetura tradicional e popular feita no período colonial, e a arquitetura indígena, a primitiva.

Para conceituações iniciais, a discussão do tema proposto gira em torno do conceito apresentado por Amos Rapoport no seu clássico *House, Form & Culture* (1969). A distinção de trabalhos anteriores, como pontuou Saito (2021, p.47), acrescenta-se à arquitetura vernácula o sentido de além de ser toda aquela construção tradicional resultante de fatores físicos, materiais, climáticos e geográficos, aquele de que a forma da habitação vernácula é sustentada principalmente por suas estruturas culturais

Ainda segundo Saito, Rapoport faz a distinção destes grupos construtivos entre o: 1. primitivo; 2. o vernáculo pré-industrial; e 3. o vernáculo moderno. Estes dois últimos estariam então sujeitos a um construtor, porém respectivamente distintos pela participação do morador, no caso rural, e o segundo, no caso urbano, uma tradição que caiu ao gosto popular e foi replicada (SAITO, 2021, p.48).

Consultando as definições apresentadas por Rapoport em seu livro, podemos vislumbrar a maneira como este separou os três tipos de arquitetura como primitiva, pré-industrial e moderna:

1. Primitivo: Muito poucos tipos de construção, um modelo com poucas variações individuais, construído por todos.

2. Vernáculo pré-industrial: Um número maior, embora ainda limitado, de tipos de construção, variação mais individual do modelo, construído por artesãos.
3. Estilo High-style e moderno: Muitos tipos de edifícios especializados, cada edifício sendo uma criação original (embora isso possa estar mudando), projetada e construída por equipes de especialistas (RAPOPORT, p. 8, 1969).

Pontua-se aqui que o “vernáculo moderno” de Rapaport é de certa forma apresentado a uma mais recente conceituação, em *Concepts of Vernacular Architecture* (2012), em que Brown e Maudlin colocam como os conceitos de arquitetura vernacular extrapola diversas questões sobre “cultura, tradição e técnica construtiva”. Para o caso estadunidense, por exemplo, os autores consideram como parte do vernáculo toda a arquitetura popular e sem arquitetos, e podendo fazer parte da arquitetura do dia-a-dia: “conjuntos de trailers, bairros populares, aldeamentos comerciais provinciais, lanchonetes de beira de estrada, conjuntos habitacionais, armazéns de varejo genéricos na margem da cidade e complexos industriais anônimos” (BROWN et MAULDIN, 2012, p. 341).

Fechado o parêntesis, e retomando-nos para os dois primeiros casos apresentados por Rapoport, certas ambiguidades ainda se mostram entre o que é “primitivo” e o que seria o “vernacular pré-industrial”. Muitas destas se dão pelo fato de que exista, efetivamente, a superposição destes conceitos, cuja distinção é que “A primitiva se refere à arquitetura das sociedades “tecnológica e economicamente pouco desenvolvidas (...). As edificações vernaculares pré-industriais se distinguiriam das primitivas pela existência da figura do “construtor” (RAPPORT, 1969, p.1 apud TEIXEIRA, 2017, p. 2).

Um ponto questionável é do que viria a ser uma “tecnologia” e “economia pouco desenvolvida”. Tem-se em mente que estas comparações são colocadas dentro de um referencial determinado na historiografia. Sabemos hoje que a validade universal de definições históricas são na verdade definições do historiador²³. Logo, no que diz respeito ao desenvolvimento tecnológico, o recorte apresenta certa vulnerabilidade, uma vez que aos padrões atuais, eleva limitações de autoconstruções tradicionais para o lugar de “primitivas”.

²³Em “O interior da história”, Marina Waisman(2013) pondera sobre a questão da adoção irrefletida de uma cronologia histórica produzida para descrever os estilos europeus como processos que possuem um início, um desenvolvimento e um declínio. Isso se deve ao fato de que, na América Latina, costumou-se abordar a periodização da arquitetura de nosso continente em relação às definições europeias. Parece haver uma interdependência inevitável com essas definições de períodos e durações.

Essas conjecturas advêm de uma tentativa de se presumir o vernacular para um escopo generalizado, na razão de que essa é uma arquitetura pré-industrial manifestada por diferentes povos e assentamentos ao redor do globo. Faz-se nota, portanto, que o termo foi empregado pela primeira vez dentro de um pensamento crítico centrado nas questões da Europa no período. Como aponta Saito (2021, p. 44), em 1857, George Gilbert Scott utilizou o termo "arquitetura vernacular" para abranger todo o estilo arquitetônico que estava emergindo nas cidades, vilas e, mais especificamente, nos subúrbios durante aquela época. Ele levantou questionamentos acerca do merecimento dessa arquitetura corrente desenvolvida por construtores e pedreiros, como o caso de se ela realmente deveria ser considerada parte da modernidade daquele momento²⁴.

Para o caso da América Latina, onde várias camadas étnicas se sobrepõem, deixando mais complexos o limite do vernáculo. No intuito de se desvencilhar das superposições de primitivo e vernacular, Teixeira se apropria da reflexão de Pelli (1990) sobre os tipos de tecnologia empregados na América Latina, associando então o vernacular ao que Victor Saúl Pelli apresenta enquanto *tecnologia autóctone*:

O uso de uma *tecnologia autóctone* é outro traço marcante da arquitetura em apreço. Victor Saúl Pelli, ao fazer uma reflexão sobre uma tecnologia apropriada para a América Latina, classifica quatro tipos básicos de tecnologia no continente: a tecnologia formal, a tecnologia informal, a *tecnologia autóctone* e, finalmente, a tecnologia dos países hegemônicos (a tecnologia avançada ou de "ponta"). A *tecnologia autóctone*, segundo o autor, dispõe de algumas características básicas, a saber: ela não está integrada à estrutura cultural predominante, mas existe dentro de uma organização sócio-econômico-cultural subjacente; ela se caracteriza por ser primitiva em relação às demais tecnologias, em particular à formal e principalmente à hegemônica; também se caracteriza por ter uma relação não agressiva e nutrente com a natureza; a *tecnologia autóctone* é parte de um mecanismo de integração entre produção, vida comunitária e vida cotidiana; finalmente, e dentro das condições atuais, ela tende a desaparecer no futuro (TEIXEIRA, 2017, p.3).

Ao incorporar o viés da tecnologia alinhada à organização sócio-econômica-cultural de grupos subjacentes aos hegemônicos, como referencial ao vernáculo, estaríamos condensando as três classificações de Rapoport, o primitivo, o pré-industrial e o moderno. Nesse sentido, evoca-se o vernáculo enquanto um processo intrinsecamente cultural, relevante ainda manifestado no

²⁴Ver SCOTT, Gilbert. Remarks on secular & domestic architecture, present & future. Disponível em: <<https://archive.org/details/remarksonsecula00scotgoog/page/n13/mode/2up>>

presente, englobando estes processos sem arquitetos a uma arquitetura e tecnologia vinculada ao lugar, vista como não-hegemônica.

Defendendo sua posição, Teixeira coloca razão na *tecnologia autóctone* às condicionantes de dimensão social e temporal do autóctone. Usando o caso da taipa, o autor infere:

Pouca gente questionaria a afirmação de que, na atualidade, a taipa não está mais integrada à estrutura cultural predominante, ou de que ela é subjacente, primitiva, inferior, em relação aos “valores tecnológicos” da classe média e alta. É neste contexto atual que a caracterização de Victor Pelli ganha toda sua força. Aliás, a própria noção de arquitetura vernacular – da qual a tecnologia autóctone é parte integrante – inexistia para as sociedades pré-industriais. Considerar essas definições a partir do olhar da sociedade daquela época é, assim, algo completamente anacrônico. Portanto, e à luz das características definidas por Pelli, a taipa, mencionada aqui apenas como exemplo do que seja uma *tecnologia autóctone*, só pode ser tida como tal em sua integralidade, isto é, como atendendo a todos os pré-requisitos citados pelo referido autor, se considerarmos o tempo presente e a sociedade atual (TEIXEIRA, 2017, p.5).

Diante do exposto, identificamos o vernáculo pré-industrial alinhado à condição de *tecnologia autóctone*. Passada durante gerações de construtores, assim replicada, esta se condiciona e se adapta às condições climáticas da região. É, por conseguinte, uma construção efetivamente pertencente e simbiótica ao lugar.

Além disso, a sua relação “não agressiva e nutriente com a natureza” (TEIXEIRA, p. 3), trata o produto construído como continuidade coerente ao sentido do Bem Viver. Além dos fatores apresentados anteriormente à tecnologia desenvolvida e relacionada ao lugar, e não hegemonicamente às pessoas, num sistema sócio-econômico-cultural subjacente. Nesse sentido, a arquitetura do vernáculo e a tecnologia autóctone se relacionam enquanto sustentabilidade socioambiental.

No contexto trabalhado nessa pesquisa a arquitetura vernacular se destaca por sua notável capacidade de considerar e honrar as características e peculiaridades locais. A arquitetura vernacular é altamente sensível às condições locais, incluindo fatores geográficos como clima, vegetação, solo e topografia. Temos as distintas adaptações das construções em diferentes biomas, temperaturas, além da disponibilidade material, que por sua vez delimita os motivos como “de que” e “como” será feita a habitação.

Assim, o que será exposto a seguir oriunda desta apreensão da habitação indígena pelo viés sociocultural e conduzido pela técnica ou tecnologia construtiva. O estudo se debruça nos casos das arquiteturas, que como veremos, possuem a

superposição da tradição colonial em simbiose aos de comunidades ameríndias. Por sua vez, a tradição do construir, do abrigo, é extensão do ritual do habitar.

3.1.3 O ritual de construir e habitar

Buscando cumprir a árdua tarefa de cobrir tantos tipos construtivos do vernáculo latino-americano, tem-se em conta que esta explanação visa explicitar como se dá a tradução da cosmovisão do Bem Viver para a habitação indígena. Tendo isto em vista, daremos foco ao vernáculo andino e também apresentaremos um emblemático caso da construção guarani, a *culata jovai*. Antes de mais nada, entretanto, procura-se aqui reforçar em como a cosmovisão ameríndia se dilui nos ritos de habitar.

Em “arquitectura popular y ritos no altiplano peruano”, Ramón Gutierrez coloca a importância da casa para os grupos *aymara*, localizados ao redor do lago Titicaca na divisa entre Peru e Bolívia como “(...) o ponto central de sua existência. Constitui na aceitação genérica do “lugar” que identifica a família e os núcleos das atividades sociais e das relações” (GUTIERREZ, 2013, p. 63). Observamos como a relação de habitar para os *aymara* tem uma extensão mais subjetiva. Nesse âmbito, podemos traçar um paralelo ao sentido fenomenológico da habitação descrito por Heidegger.

Para o filósofo alemão Martin Heidegger, o sentido de habitar vai muito além da moradia, do abrigo²⁵. A conferência intitulada “Construir, habitar, pensar”²⁶, proferida em 1951 na “Segunda Reunião de Darmstadt”, Heidegger elabora, como sugere o título, uma trajetória subjetiva do habitar (ou do morar), do construir, e da cognição (do pensar), através da etimologia das três palavras de radicais, que no idioma alemão, se entrelaçam.

Fluindo pelos étimos destas palavras, como aponta o arquiteto Fernando Fuão, para Heidegger “pensar já é um morar, pensar é também construir, e construir é morar, pensar. Trocando o ser pelo estar: o pensar está no morar, o pensar está também no construir, e o construir está no morar, no pensar” (FUÃO, 2015, p. 14). A

²⁵FUÃO, F. CONSTRUIR, MORAR, PENSAR: UMA RELEITURA DE ‘CONSTRUIR, HABITAR, PENSAR’ (BAUEN, WOHNEN, DENKEN) DE MARTIN HEIDEGGER. Revista Estética e Semiótica, [S. l.], v. 6, n. 1, 2016. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/esteticaesemiotica/article/view/12052>. Acesso em: 30 maio. 2023.

²⁶HEIDEGGER, Martin. [Bauen, Wohnen, Denken]. Conferência pronunciada por ocasião da “Segunda Reunião de Darmstadt”, publicada em Vorträge und Aufsätze, G. Neske, Pfullingen, 1954. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback

enovelada explicação sugere que na domesticação do homem, o seu sedentarismo ante o nomadismo, muda-se também a razão do pensar e o do ser.

Assim, através da definição de “*Bauen, Wohnen, Denken*”, o filósofo aborda questões que tocam a subjetividade do estar na terra e o pertencer, além de trabalhar a habitação como o meio termo entre recurso físico, material, e metafísico, uma abstração que conecta o ser humano ao mundo.

O próprio modo de morar é também variável a depender de cada cultura, tendo cada uma destas uma relação própria com a natureza. Recorrendo ao campo da abstração do viver e ser: “Na concepção de Heidegger o homem é uma ponte entre o céu e a terra, entre o acima e abaixo, ele está “sendo” no “estando” (being), nem de um lado nem de outro, sempre no meio, no “espaçamento”” (FUÃO, 2015, p. 20).

O habitar se estende ao construído, à casa ou comunidade, tendo um sentido muito mais amplo, de cunho espiritual. Esta parte da pesquisa procura neste raciocínio, demonstrar o habitar e o construir numa abordagem que é intrínseca para Heidegger. O ritual da construção, o ser e o estar na terra dos povos, são a sua própria identidade cultural, individual e comunitária. Por sua vez, através da obra (pelo construir) é possível enxergar como se desdobra essa relação sugerida ao campo, no qual Fuão pontua que parte do pensamento de Heidegger se desdobra, numa maior relação à natureza (FUÃO, 2015, p. 17).

Destas impressões *heideggerianas* endossam a abordagem central do objeto de estudo, o Bem Viver, pela qual intentamos compreender que para as comunidades indígenas andinas são intrinsecamente interligados à sociedade, ao meio ambiente e à espiritualidade. Na *Chakana* (Figura 11), ou *cruz andina*, é um símbolo que exemplifica essa relação intrínseca. Utilizado em diversas culturas e sociedades pela cordilheira dos Andes, a cruz é a representação simbólica da simetria entre céu, terra e submundo, e simultaneamente, a indicação das estações do ano, equinócios e solstícios.

Figura 11: Cruz andina. Tiahuanaco, Bolívia



Fonte: acervo do autor

Para a habitação, a devoção à *pachamama*, a Mãe Terra, incita a produção comunitária, e além, o uso racional e não excessivo da matéria-prima para a construção. Listando as características gerais da cultura vernácula andina, Saito (2021, p.74) elenca o que seriam as duas principais heranças em comum das arquiteturas vernaculares indígenas: a construção comunal e a maximização dos recursos materiais. Nesta segunda, ressalta a capacidade do reúso da matéria-prima.

Isso pode ser visto em diversas comunidades andinas, pré-existent e atuais, e caso não isolado, como explicitado com o Bem Viver, em outras culturas indígenas latino-americanas.

Dentro do caso dos *aymara* do lago Titicaca, Gutierrez afirma uma mesma importância do pertencimento da comunidade por parte da estrutura social do mundo andino, na qual a contrapartida é a perda dessas raízes, implicando na “solidão” do indivíduo (GUTIERREZ, 2013, p. 63). A habitação dá o sentido à união da família, que por sua vez se desdobra num conjunto de habitações e conformam as pequenas comunidades, ou seja, um conjunto de famílias. Além disso, a própria

casa seria o prolongamento da terra, no conceito de *pachamama*, e nela os *aymara* devem creditar o sentimento de sintonia entre corpo e espírito.

Os ritos da construção da casa procuram, pois, em primeiro lugar, agradecer, pedir pelo bem-estar dos moradores e afastar do lar os maus espíritos. Todo ele porque a casa é a síntese de uma vida e o âmbito por onde ela transcorre. Mas junto a essa visão religiosa aparece emergente com vigor um conjunto de pautas de socialização que formam os laços de solidariedade entre os membros da comunidade. Nos referimos fundamentalmente ao “ayni”, forma de ajuda mútua com carga de reciprocidade que é muito frequente na estrutura aymara e que pode ir acompanhado de outras formas, como a “yanapisiña”, que é uma colaboração voluntária que não exige retorno, uma contrapartida (GUTIERREZ, 2013, p. 64).

Ainda hoje, vemos comunidades campesinas *aymaras* nas intermediações do lago Titicaca, em mutirões da construção. No caso que se demonstra abaixo, para a construção do *templo del Sol* localizado na *Isla del Sol*, ao lado da fronteira boliviana, a divisão de tarefas ainda se dá de forma anacrônica. Os homens são encarregados da lapidação das pedras que servirão para o empilhamento dos muros do templo. As mulheres, por sua vez, utilizando grossas bolsas de pano nas costas, levam as rochas a serem trabalhadas no canteiro de obra (Figura 12).

Figura 12: Construção do templo do Sol. Isla del Sol, Bolívia



Fonte: acervo do autor

Um outro interessante exemplo do trabalho participativo como traço sociocultural existiu em Huaca Pucllana, atual sítio arqueológico localizado em Lima, Peru, homônimo desta civilização predecessora. Como descrito na Figura 13, de acordo com as informações etnográficas do local a cultura Lima, sociedade

pré-hispânica que antecedeu o domínio da civilização Inca na região, já apresentava o domínio e utilização do adobe por volta do Século V. Para a produção destes tijolos adobe utilizados nas fileiras do centro cerimonial, crianças e adultos já participavam da cerimônia de “amassar o barro”, como fora visto por arqueólogos em diferentes tamanhos de pegadas encontradas no sítio.

Figura 13: Elaboração de Adobe Lima, Peru



Fonte: acervo do autor

Já no emblemático caso do uso de um mono-material dentre as comunidades da região do lago Titicaca, vemos como o uso da *champa*, um tipo de bloco combinando barro e palha que cresce ao redor do vale, como um definidor da construção de seus *putucos* (Figura 14). A base das residências, feitas de uma mistura do barro com a palha, vão sendo empilhadas até formar uma pequena pirâmide cônica e com apenas uma única abertura. O motivo desta última é desenvolver a proteção ao clima frio da região. Como descreve Gutierrez, os *putucos* se impõem na paisagem erma do altiplano, marcando a presença humana, porém são simultaneamente parte simbiótica do lugar, por serem de mesma materialidade que o entorno:

Na planície natural e sem limites do altiplano, os conjuntos de *putucos* emergem como um claro sentido de contradição. A obra do homem se destaca claramente e recorta seu perfil, diferenciando-se da natureza. Porém ao mesmo tempo é parte que se integra a ela. Isso sucede porque a

palha não é oculta ou rebocada e se integra ao ocre que parece pintar aos homens, terra e casas. Mimetização e contradição: duas formas de expressar simultaneamente pertencimento e presença. O putuco é a resposta centenária às limitações do meio e a potencialidade simbólica do mundo místico (GUTIERREZ, 2013, p. 61).

Figura 14: Habitações de *putuco*. Puno, Peru



Fonte: Nicolás Valencia

O Bem Viver aponta os muitos valores inerentes às comunidades indígenas. Da razão individual à comunitária, o biocentrismo; a prevalência do coletivo sobre o individual; a não opulência; a Justiça Social²⁷, são de certa maneira transcritos para a arquitetura vernácula ameríndia, nesses ritos de coexistência. Em comunidades mais afastadas e tradicionais, é perceptível a permanência destas estruturas de senso coletivo.

Como indica Saito, no que ele apresenta como o sincretismo entre a cultura andina dos povos indígenas com a presença do europeu, alguns elementos permaneceram como continuidade. Como o que o autor apresenta em sua pesquisa como “zonas intermediárias”, sendo vazios nas residências andinas que interligam os espaços privativos com o meio exterior, como uma antecâmara aberta.

Finalmente, o sincretismo, produto de encontro entre duas culturas, fez que muitas formas construídas mantivessem um parecer físico com os elementos arquitetônicos provenientes do ocidente, porém, esta arquitetura

²⁷Ver subcapítulo 2.2.6: O Bem Viver - Perspectiva axiológica.

vista em mais detalhe mostra qualidades culturais e estruturais inerentes à própria cultura andina. Exemplo, o corredor *casa-jardim* (SAITO, 2021, p. 75).

Este ainda constitui um cenário mais consolidado no meio rural, entretanto, e como será discutido na parte dois deste capítulo, o que temos visto ao longo dos anos foi o rechaço pela habitação tradicional, e mais importante, pelos valores intrínsecos ao habitar aqui discutidos. Os ritos foram dando lugar a outros gestos. Assim, princípios de reciprocidade nos processos construtivos, ou a carga de pertencimento da habitação, não deixaram de existir, entretanto se transformaram.

Em se tratando das habitações nas urbes, alguns casos ainda persistem através do tempo. Dar-se-á dessa forma um destaque para a residência tipo “culata jovai”, herança Guarani. Este exemplo emblemático demonstra a tipologia indígena apropriada durante o colonial e que vem sendo utilizada por arquitetos no pós-moderno.

3.1.4 *Culata Jovai*

A casa paraguaia, *culata jovai*, ou *yovai*, ou até *Vivienda de cuartos enfrentados*, tornou-se um clássico exemplo de como construir fazendo referência às condições climáticas da maneira apreendida da tradição pré-colombiana. Vista particularmente no Paraguai, a habitação também é encontrada na Bolívia, no norte da Argentina e no sudoeste do Brasil (BAROSSO, 2005, p.3).

Em sua visita à Assunção, Paraguai, durante a Bienal de Arquitetura de 2002, o professor da FAU-USP Antonio Carlos Barossi, convidado como palestrante do evento, descreve as suas impressões ao se deparar com o tipo corriqueiro de residência instalada às margens do rio em meio rural paraguaio. Como narra o professor Barossi, durante uma excursão feita à barco, José Cubilla, o arquiteto e professor da FADA (*Facultad de arquitectura y diseño de Asunción*) ao se deparar com seu fascínio com as habitações dispersas pela paisagem apresentando sempre o vão livre na sua parcela central, apresenta-o a *Culata Jovai* (BAROSSO, 2005, p.3):

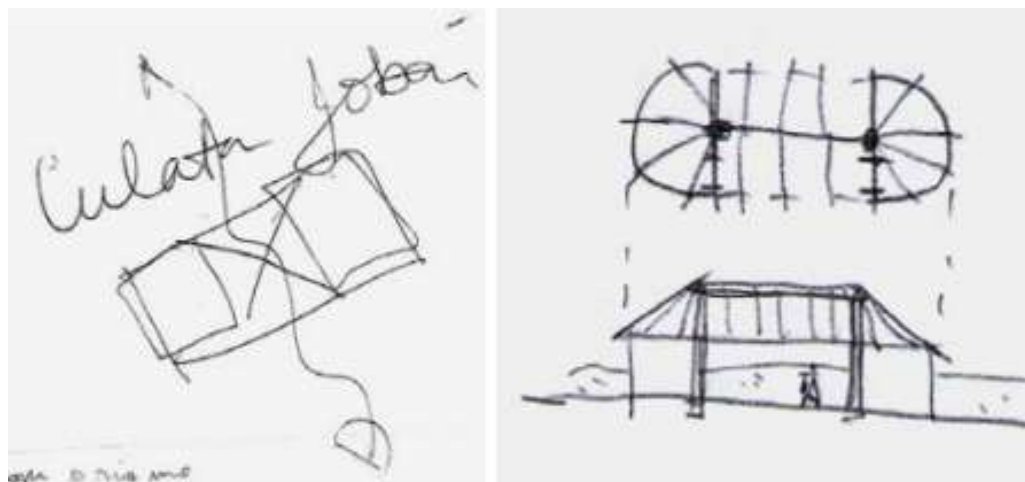
Essa organização espacial denominada “Culata Yovai” ou “Vivienda de Cuartos Enfrentados” me foi descrita então como uma construção com dois blocos fechados contrapostos, com um espaço entre eles coberto e vazado. As áreas fechadas podem abrigar tanto os quartos como uma sala, um depósito ou, nas configurações mais recentes, a cozinha. O espaço central tem uma utilização variada e flexível, tanto para o trabalho como para o estar, sendo local de encontro e passagem, constituindo-se numa transição entre um “quarto” e outro, quer entre um lado e o outro das áreas externas. O sistema construtivo remeteria às ocas indígenas, com seus esteios centrais sustentando um tronco na cumeeira, onde se apoia o

encaibramento em duas águas e balizando o espaço central (BAROSSSI, 2005, p. 4).

Na breve explanação de Cubilla, Barossi desdobre a sintaxe espacial da pequena habitação com os seus arredores. Estas, também encontradas no meio urbano do país, apresentam a mesma espacialidade da oca indígena, e porventura, a mesma relação subjetiva entre a casa e o lugar (Figura 15):

Sua forma [...] parece inflexionar o espaço para a própria geografia. Sua inserção no espaço único do território o qualifica em identidades distintas de um lado e de outro, estabelecendo uma transição que afirma estas identidade e ao mesmo tempo as unifica (BAROSSSI, 2005, p. 6).

Figura 15: Esquemas da culata jovai, autoria de José Cubilla



Fonte: BAROSSSI, 2005

A experiência de Barossi com a *culata jovai* transmite além da sensibilidade da residência à geografia, a relação do trabalho com o vazio tão imprescindíveis para a arquitetura; “Esta configuração nos mostra também, tanto pelo espaço central quando por esta inflexão que se faz conectando e qualificando o espaço externo, que a arquitetura é a construção do vazio” (BAROSSSI, 2005, p.6). Vemos nesta casa de campo que, ainda na ausência do arquiteto, a qualidade de uma cultura construtiva pré-colombiana bem se adapta aos novos materiais.

Dessa forma, é notável como *Culata Jovai* apesar de simples, se transforma num partido arquitetônico bem apurado. Vemos que este princípio da zona intermediária vem sendo aplicado na arquitetura contemporânea de maneira, digamos, formal.

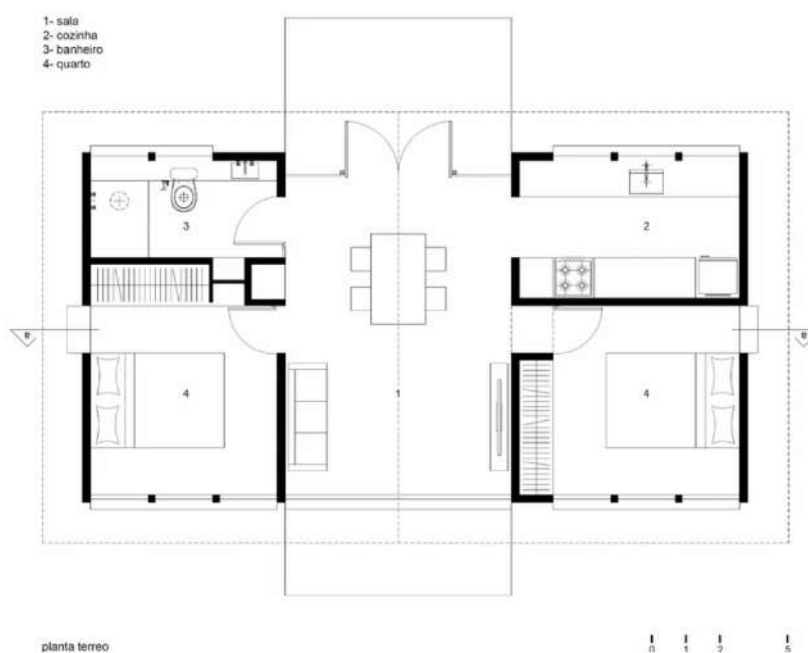
Das aproximações dessa arquitetura tradicional paraguaia para a composição do programa moderno de uma habitação, no ano de 2018 é construída a residência rural em Cunha, no interior de São Paulo. O escritório de Rodrigo Messina e Francisco Rivas, apropriam-se do conceito do “espaço intermediário” para conceber a *Casa Nica* (Figura 16 e 17), conforme está na descrição feita da obra pelos arquitetos:

O projeto da Casa Nica está localizado nos arredores da cidade de Cunha, há 250 km de São Paulo. Nos foi pedido para reformar uma residência de 50 m². Devido a legislação ambiental local, não é possível construir obras novas na região próxima aos rios e, portanto, foi necessário preservar as volumetrias existentes.

Para isso, no projeto da Casa Nica construímos novas fachadas seguindo a periferia da casa antiga, que foi demolida de forma a reutilizar os tijolos para construir as divisórias internas da casa nova. Para conseguir uma melhor qualidade espacial, buscamos referência na tipologia paraguaia *Culata Jovai*, na qual o ambiente compartilhado da sala de estar é o principal da residência e para onde todos os outros se direcionam.²⁸

²⁸Descrição encontrada no site do escritório Messina | Rivas. Disponível em: messinarivas.com/casa-nica

Figura 16 e 17: perspectiva posterior e planta baixa da Casa Nica. Cunha, São Paulo - Brasil



Fonte: Federico Cairolí. Acervo dos arquitetos

Os exemplos citados acima, das duas experiências paulistas: uma na Bienal no Paraguai de Barossi, e a outra da casa contemporânea do grupo Messina|Rivas em Cunha, denotam como a produção arquitetônica local preserva sua cultura material e construtiva, e mais, a dissemina.

De acordo com Eduardo Verri Lopes (2016), é vista uma ênfase na escola de arquitetura paraguaia pelo ensino destes elementos “ancestrais”. Arquitetos locais,

como José Cubilla, Solano Benítez, Javier Corvalán, Gloria Cabral, Sergio Ruggeri dentre muitos outros docentes, são, além de arquitetos ativos, professores integrantes de disciplinas de projeto da FADA (LOPES, 2016, p. 12).

Produzindo e repassando esses elementos tradicionais de uma cultura arquitetônica, estes arquitetos vão formando discípulos que além de reproduzirem a técnica e elementos tradicionais como partidos arquitetônicos, levantam as problemáticas sociais e econômicas do país através da bandeira da cultura material.

Tem-se em conta que vários são os profissionais que corroboram com a continuidade da tradição da arquitetura. No ensino, o que se aponta principalmente como norte, é, acima de tudo, a racionalização de soluções arquitetônicas para condicionantes climáticas locais. No exemplo clássico de *Roteiro para se construir no Nordeste*, Armando de Holanda reúne em sua cartilha diretrizes reproduzidas por eles e outros arquitetos da época de como intervir no Nordeste Brasileiro zelando o conforto térmico.

A relação da reprodução da arquitetura com elementos antecedentes é inegável. Podemos averiguar que a arquitetura é uma das artes de razão consonante à tradição, e por isso, faz-se pelo processo de continuidade de seus profissionais anteriores. Hassan Fathy discute em seu livro *Construindo com o povo* (1982), que a arquitetura que é produzida, deve, ou pelo menos deveria, ser respaldada por antecedentes:

Na verdade, nenhum arquiteto pode deixar de utilizar o trabalho dos arquitetos que o precederam; por mais que ele se esforce para ser original, a maior parte de seu trabalho existe em alguma tradição [...] os homens levaram um tempo enorme para chegarem, por exemplo, ao tamanho certo de uma janela dentro de várias tradições arquitetônicas (FATHY, 1982, p. 41).

Contudo, os modos de produção da atualidade revelam um desprendimento de valores mais clássicos da arquitetura local por um apelo mais “universal”. A quantidade de informação trocada principalmente no núcleo urbano acaba por diluir os processos de construção, morfologia e tipologia tradicionais, acabando por deixá-las principalmente no meio rural. Muitas destas propostas, como discute Waisman (2013), vem do centro para a periferia, excluindo a própria produção periférica.

Não é papel ou objetivo dessa pesquisa invalidar a produção universal, ou assimilar por exclusão a arquitetura tradicional, popular ou vernácula como sendo o

objeto ideal. Contudo, como será apresentado na próxima parte do capítulo, no qual trata dos modelos hegemônicos; a demonstração ostensiva de novos materiais; a lógica *starsystem* na arquitetura, vão minando a significância sociocultural da arquitetura nacional, e técnicas tradicionais e originárias.

Mais ainda, como discute o Bem Viver, quando novas soluções não estão harmoniosas com o meio onde é inserida, agravantes para a sociedade e natureza são intensificados. Segregando e exacerbando desigualdades sociais por um apelo meramente visual, estético. O uso não sustentável da produção arquitetônica, por sua vez, fundamenta a lógica de desenvolvimento pelo uso desmedido de materiais: o extrativismo como sinônimo de desenvolvimento.

3.2 Arquitetura produtivista: o desejo do habitar pelo desejo de consumir

A angústia de estarmos na moda, de nos mimetizarmos com a última novidade, de nos sentirmos participantes da modernidade dos países centrais arrasa com a possibilidade de ser a partir da nossa própria realidade periférica (nossa identidade cultural).

(GUTIERREZ, 1989, p.44-45)

3.2.1 Arquitetura enquanto produto

Uma vez apresentado o debate sobre a arquitetura vernacular, a pesquisa vem portanto traçar a contraposição a esta, por meio da caracterização da arquitetura do pós-industrial. A essa aproximação, considerando os elementos já discutidos de cultura, lugar e sociedade, serão destacadas na abordagem do pós-industrial, e em específico o produtivismo, algumas de suas consequências e seus desdobramentos, implicados no recorte temporal das últimas décadas do presente século XXI.

O recorte referente à arquitetura da pós-industrialização traz a questão de seus impactos socioculturais e ambientais, a fim de acompanhar as questões discutidas no Bem Viver do pós-extrativismo e decrescimento, abordadas anteriormente. Conceitua-se essa parte do pós-industrial na arquitetura como “produtivista”, a qual está inserida nos processos reguladores do neoliberalismo e sujeita a uma hierarquia bem definida na cadeia de trabalho na construção civil.

A definição de produtivismo é o processo associado ao mercado global, entendido enquanto sistema que parte dos países hegemônicos e está inserido nas outras nações, caracterizada, assim, na escala global e regional. Consequentemente, o termo empregado “arquitetura produtivista” determina a transformação da arquitetura em produto do mercado.

Na arquitetura, o produtivismo na arquitetura pode ser encarado, segundo o arquiteto, crítico e historiador inglês Kenneth Frampton em seu livro *História Crítica da Arquitetura Moderna* (1997), como a ênfase na forma de produto final da arquitetura. O autor utiliza exemplos de obras e arquitetos estadunidenses e europeus, como Norman Foster, Buckminster Fuller, Richard Rogers a fim de elucidar a tendência das formas industriais como o grande diferencial de suas obras (FRAMPTON, 1997, p. 367-369). Dessa maneira, a edificação também se torna outro objeto de valor estético e formal, em concomitância a outros bens de consumo

do moderno. O autor resume, do seguinte modo, os preceitos básicos do produtivismo:

Em primeiro lugar, é preciso empenhar-se ao máximo para que a “tarefa” construtiva seja acomodada num galpão ou hangar não decorado [...]. Em segundo lugar, a adaptabilidade desse volume deve ser mantida mediante a criação de uma rede homogênea e integrada de serviços - energia, luz, aquecimento e ventilação [...]. O terceiro preceito remete à necessidade particular de expressar tanto quanto a estrutura quanto os serviços e em geral é alcançado (FRAMPTON, 1997, p. 367).

O autor enfatiza nestes três primeiros pontos que deflagram o produtivismo, o racionalismo requisitado dentro do canteiro de obras e no programa de planta livre, dividido sumariamente pelos sistemas de infraestrutura da edificação. Nesse sentido, como sugere Frampton, o produtivismo é interligado com os preceitos do modernismo, entretanto, é no quarto preceito apresentado em seu livro que a visão de “produto” se coloca mais evidente:

O quarto e mais importante preceito do produtivismo é, sem dúvida, a manifestação “desimpedida” da produção em si, isto é, a expressão de todas as partes componentes como Produktformen -[...] da produção industrial e dos acabamentos consumíveis. (FRAMPTON, 1997, p. 368).

Figura 18: Sede da Willis Faber Dumas. Ipswich, Inglaterra. 1971-5. Arq. Norman Foster. Segundo Kenneth Frampton, o primeiro edifício produtivista no ambiente arquitetônico recente



Fonte: Artigo “produtivismo” de Silvio Colin

Tendo sido potencializado na segunda metade do século XX, o produtivismo desencadeia uma atividade arquitetônica, que, enquanto instrumento estético

utilizado pelo mercado imobiliário, traz em primeiro plano a venda de um produto, de uma mercadoria (FRAMPTON, 1997). É importante, entretanto, destacar a importância do produtivismo na conjuntura de seu aparecimento.

Como aponta o arquiteto, professor e historiador da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Silvio Colin (2011), o produtivismo teve função crucial na reconstrução de uma Europa arrasada pela Segunda Grande Guerra. Neste contexto, se recorreu à indústria com a demanda por elementos pré-fabricados e passíveis de serem produzidos em massa em soluções metálicas, como as treliça espacial. Posteriormente, nas décadas de 1950 e 1960, a indústria potencializa a pré-fabricação em larga escala de concreto armado e protendido como ferramentas-chave para produção em massa de habitações.

No entanto, a partir da década de 1980, quando o entusiasmo pelos sistemas de pré-fabricação é arrefecido, a indústria recorre a outras soluções, não mais estruturais mas de apelo estético para se manterem no mercado. Ao lugar do incentivo, como argumenta o autor, surge então a crítica aos sistemas pré-fabricados em concreto e aço, após décadas de utilização e experiência com a tecnologia: “não somente por falhas técnicas e deterioração dos conjuntos, que ocasionaram muitos acidentes e provocaram sua demolição, como também pelo desgaste da própria ideia da excessiva repetição e empobrecimento da paisagem urbana” (COLIN, 2011, s.p.d.). Entretanto, a indústria para não perder espaço e manter sua cadeia produtiva, transforma-se oferecendo outros tipos de solução:

Coube então, nas últimas décadas, às indústrias em si, e não mais aos arquitetos criar sistemas e produtos para serem utilizados na construção civil e na arquitetura. Sistemas construtivos, tipos de coberturas, tipos de revestimentos, painéis, sistemas de vedação como cortinas e peles de vidro, tudo isto, a partir dos anos setenta já estava pronto e disponível para uso imediato, oferecendo eficiência técnica, flexibilidade, elegância, economia, tudo o que se poderia desejar de um produto. A esta arquitetura, que se constitui não mais do que desenho industrial aplicado, chamamos de “produtivismo” (COLIN, 2011, s.p.d.).

Numa relação de forças e de controle de certas técnicas construtivas e capacidades, pelo o mercado e pela a indústria, vão dando lugar a um sistema mais “universal” da arquitetura. Dessa maneira, o produtivismo encaminha as decisões de projeto feitas pelo arquiteto.

Para dentro de nosso cenário latino-americano, ao controle do mercado, Marina Waisman faz considerações em seu livro “O interior da História” (2013), sobre a relação condicionada de “centro-periferia”, em que o produtivismo culmina

na gradativa homogeneização da arquitetura das “periferias” do globo. Segundo a autora, para além das forças hegemônicas externas que ditam os processos industriais, bem como a influência sociocultural nos países latino-americanos, aquela dicotomia também é descortinada nas próprias centralidades urbanas para em relação com seus subúrbios.

Fonte primária da informação, cultura e tecnologia, colocada pela autora como totalitária, o centro omite estes mesmos fatores do pluralismo cultural periférico. Esta relação de centro-periferia está estabelecida tanto na escala internacional: países hegemônicos aos não-hegemônicos; quanto na escala regional: das centralidades ao subúrbio das províncias, estados e municípios²⁹. No exemplo da capital da Argentina, Buenos Aires, utilizado por Waisman, existe uma clara conotação pejorativa pelos porteños quando se referem à arquitetura das edificações da zona rural, em que em comparação com as da zona urbana, a primeira não é compreendida como parte da centralidade. Desse modo,

Buscando efeitos que, talvez, sejam irrelevantes na obra construída, mas que poderiam realçar sua presença nas páginas impressas. O empobrecimento conceitual e o esquematismo construtivo de muita da arquitetura atual pode ter aqui uma de suas causas. É também um efeito perverso, causa mais de desinformação do que de informação, o desequilíbrio existente entre a qualidade e a quantidade de informação emitida e difundida pelos países centrais e pelos “periféricos”. (...) Depois de quase dois séculos de independência política nos países da América Latina, continua privilegiando as relações entre antigas colônias e metrópoles e dificultando o intercâmbio das colônias entre si (WAISMAN, 2013, p. 88-89).

Da maneira como a veiculação da informação é vertical, indiretamente indo do centro para a periferia global, novos valores são dados como significado à “boa arquitetura”, decretando obsolescência a antigos parâmetros, tais como o vernáculo. Por outro lado, a essa imposição sociocultural que Waisman destaca, também está atribuída a exacerbação estética da arquitetura universal, meramente superficial. O empreendimento se vende fotogênica como um modelo, um desenho, mas que não tem efeitos práticos enquanto corpo arquitetônico construído em relação aos valores do entorno.

Esse artifício estético aplicado à arquitetura é empregado de forma unânime nos empreendimentos particulares como no caso brasileiro, em que não existe qualquer preocupação em explicitar o entorno do lote do empreendimento ou relações de vizinhança. Numa lógica literal da arquitetura como um produto

²⁹A denominação de província, Estado e município depende de cada país.

esteticamente agradável, fotogênico e sem defeitos, ignora-se a realidade. Como exemplo desta venda do modelo enquanto artigo luxuoso, sugere-se a maquete virtual de um empreendimento situado na cidade do Recife, capital do estado de Pernambuco (Figura 19).

Exibe-se pela imagem volumes, aberturas, vegetação e uma materialidade que não tem identidade local, podendo pertencer a qualquer local. Há, através dos recursos visuais de pós-produção e realidade aumentada em maquetes virtuais para apresentação do projeto arquitetônico, a intenção de apresentar o projeto em sua forma mais perfeita e desejável possível, pela maximização da luz, sombra e saturação de cores. O produto final, objetivo em questão a ser apresentado ao cliente, é obtido através de softwares pagos de “renderização” de empresas estrangeiras, em que os profissionais arquitetos devem se especializar.

Como aponta Guilherme Ferreira (2017), está clara a maneira em como as tendências estéticas taxadas pelo mercado tendem a rechaçar, em muitos dos casos, os valores que não estão atrelados ao lucro. De forma alienante, a cadeia produtiva que alimenta a construção civil vai mudando seus próprios valores, numa falsa ideia de sofisticação. Logo, “o produtivismo é entendido aqui como uma perversão da produtividade, ou uma subversão daquilo se produz por uma necessidade real. [...] sua representação passa a ser um fim em si mesmo” (FERREIRA, 2017, p.70).

Figura 19: Edifício BMRX-LOFT da incorporadora HAUT



Fonte: site do escritório³⁰

Através do produtivismo, e principalmente através da indústria da construção civil em conjunto com o mercado de incorporações, ocorre a mudança de paradigmas da sociedade pelo insumo de novos produtos. Estes são renovados a partir de critérios de eficiência, economia e estética estabelecidos pelo mercado, os quais vão operando no uso e descarte cíclico, na cadeia de compras do cotidiano. Enquanto profissional inserido nesse ciclo, não é mais o arquiteto a ditar o padrão de sistemas construtivos, mas torna-se coadjuvante do processo³¹.

O profissional arquiteto inserido nesta cadeia da construção civil como prestador de serviço, porventura, tem, como pontua Colin (2011), seu protagonismo enfraquecido. Ao revés e contraintuitivamente, são os produtos utilizados na

³⁰ Disponível em: <https://haut.id/empreendimentos/bmrx-loft/>

³¹ Avaliando ainda a Arquitetura Moderna, Sérgio Ferro a compara enquanto mercadoria, fruto de um processo de produção cujo principal propósito é gerar lucro através da exploração do trabalho e da obtenção de mais-valia. Essa perspectiva pode causar desconforto entre os arquitetos, que muitas vezes se encontram presos aos discursos da moda, buscando se destacar no mercado de trabalho. FERRO, Sérgio. O concreto como arma. Revista Projeto, São Paulo, n 111, junho 1988.

confeção dos edifícios que têm o papel preponderante, os quais são vendidos através do imagético ao consumidor. Dessa forma, através de sua aparência estão subordinados os programas, volumes, espacialidade e estrutura da edificação:

Pode-se dizer que arquitetura passa a ser produto de um desenho industrial em uma escala gigantesca. A tarefa do “arquiteto” deve ser acomodar, na medida do possível, os usuários e suas atividades em um galpão, que deve ser o mais flexível e aberto possível. A questão não diz respeito apenas à arquitetura. Partindo da economia, podemos dizer que o produtivismo é a crença de que a produtividade econômica mensurável e o crescimento é o objetivo da organização do ser humano, e que “mais produção (ou produtividade) é necessariamente bom” (COLIN, 2011, s.p.d.).

Edifícios que ostentam em suas fachadas fechamentos envidraçados, sem caixilho, como máxima da re(a)presentação estética do desenvolvimento. Das guaritas e dos quiosques aos edifícios hospitalares, são aplicados os mesmos corpos estruturais, os mesmos fechamentos e revestimentos, e todos produzidos pela indústria de modo a aparentar uma produção em série, contudo, no caso brasileiro, são praticamente “customizados” Edifícios com múltiplos andares de uso empresarial ostentam fachadas sem relação com o entorno, dotados necessariamente de climatização artificial, desvinculando a edificação de um “real” desempenho energético eficiente e sustentável.

No que diz respeito à sustentabilidade, é justo pela máxima da produção industrializada, fator que encabeça a cadeia, que se ressaltam também os impactos ao meio ambiente dos processos extrativistas. De acordo com Garcias e Roth (2009), apresentando o caso brasileiro, a cadeia de impactos ambientais relacionados a construção, está diretamente relacionado à degradação total de recursos hídricos bem como a erosão de grandes áreas, desde a extração da matéria prima para a confecção de produtos até o descarte de entulhos (GARCIA; ROTH, 2009, p. 121). No contexto urbano, a saturação do solo natural está diretamente ligada aos problemas com drenagem, e consequentemente, às catástrofes ambientais.

Como se discute no Bem Viver, a desarmonia das sociedades produtivistas, com propensão ao extrativismo, acarretam no desequilíbrio ambiental e o impacto na paisagem, além de estarem intrinsecamente ligadas às catástrofes naturais. Dessa forma, o trabalho aponta a problemática referente aos impactos ao meio ambiente da cadeia de produção da construção civil.

Ademais, a pesquisa busca focar nas inferências da alienação cultural impostas pelo mercado à sociedade ligadas ao desejo pelo consumo estético. Alienação esta que, no meio urbano, incentiva a disputa do território e potencializa a segregação social pelos próprios processos estéticos produtivistas. Esta relação de causalidade também confere contradição com o Bem Viver, que discute a prevalência do coletivo sobre o individual.

Da contraposição a todas as relações individuais e coletivas do ser humano com a natureza do vernáculo pré-industrial, serão apresentados a seguir, as consequências atreladas ao produtivismo na sociedade moderna. Discorre-se a seguir, respectivamente, a degradação do meio ambiente, e o fim dos rituais do habitar para dar lugar à alienação pelo consumo.

3.2.2 Produtivismo + Impacto Ambiental: ambiente construído, ambiente degradado

Com o aumento da produção de bens de consumo e da aceleração dos processos industriais, ocorre na mesma proporção o agravamento da ação extrativista de matéria-prima, e consecutivamente, maior produção de resíduos sólidos. De maneira direta e indireta, a construção civil acaba por contribuir em grande contingência a essa cadeia.

Historicamente, observando o caso das cidades brasileiras, temos de acordo com Garcias e Roth (2009), a inexistência de uma consciência ecológica pela indústria da construção, e tampouco responsabilidade por uma série de medidas relacionadas aos insumos da construção. Como apontam os autores, parte dos danos ambientais catastróficos agravaram-se devido ao processo migratório e ao crescimento das cidades a partir da segunda metade do século XX, que consequentemente ocasionou a demanda por novas habitações.

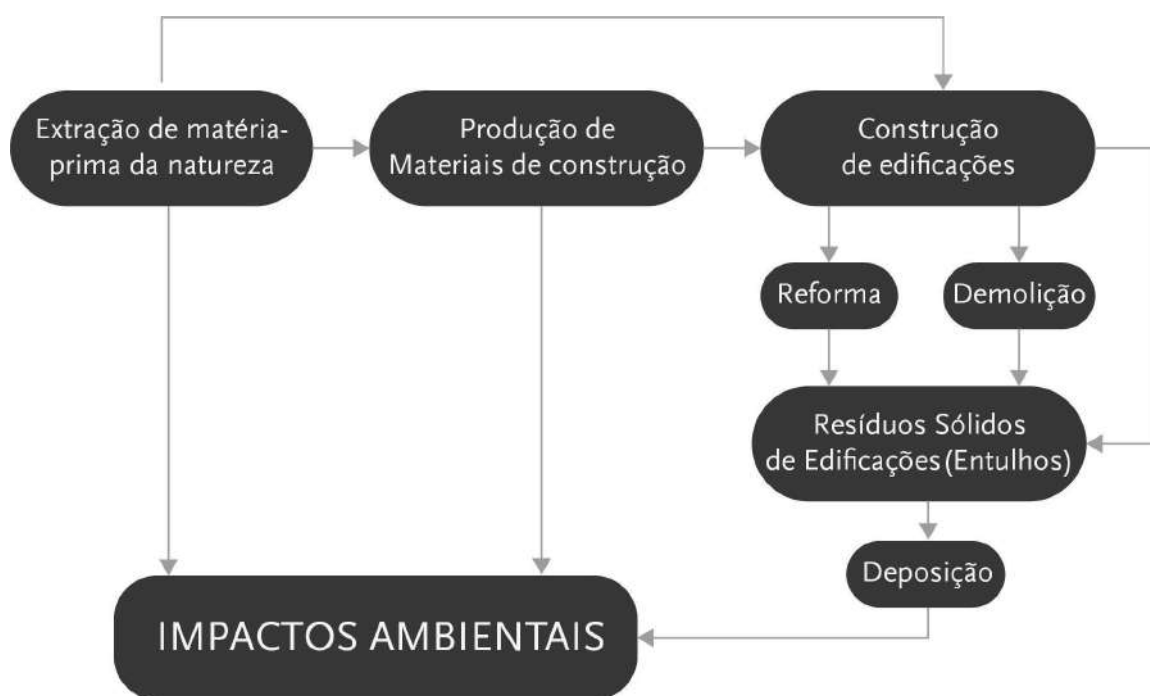
Como apresentam Garcias e Roth (2009, p. 116), esses processos danosos ao meio ambiente se distribuem em praticamente todas as etapas da cadeia construtiva (Quadro 2). Desde as etapas iniciais, da extração de matéria prima, em que há o refinamento do material para se tornar a matéria base para a fabricação do produto; da logística da Indústria até a do canteiro de obras e transporte de materiais de construção; do início da produção da edificação com perdas de material no processo; das etapas de reforma e demolição, que geram entulhos.

As consequências dessa cadeia instaurada pela construção civil afetam em diferentes aspectos a ecologia e o território. Ainda segundo os autores, a mineração

de recursos minerais em grandes insumos destinados para seu uso direto na construção, como areia, brita e argila, vem sendo responsável pela redução das jazidas próximas de perímetros urbanos, criando regiões degradadas, margens assoreadas, inviáveis de se recuperar.

O esgotamento dessas reservas, aumentam a logística para a obtenção de mais materiais, e conseqüentemente, a emissão de mais gases poluentes (CO₂) no seu transporte. Como no exemplo dado do caso de São Paulo, o transporte de areia para a capital já é feito em distâncias de mais de 100 km (GARCÍAS; ROTH, 2009, p. 121).

Fluxograma 1: Impactos ambientais da cadeia da construção civil



Fonte: GARCÍAS; ROTH (2009). Adaptado pelo autor

No meio urbano, mais comumente no local da construção de empreendimentos de grande porte, a execução dos canteiros sazonais dentro do loteamento da obra confere também outros impactos. Dentro da logística destas obras, há intensidade de tráfego de maquinário pesado e transportes de materiais de construção. Podem ser destacados também a depreciação dos imóveis vizinhos e áreas de entorno pelo excesso de ruídos, partículas e gases no ar.

A edificação em si gera um excesso de perdas de materiais ocasionadas pelas técnicas construtivas durante o processo, sobretudo quando o canteiro é

considerado molhado³². Há quantidade de detritos (entulhos) utilizados, perdas e sobras de materiais advindas da lógica dos processos desse formato de canteiro. Rasgos em pedras cerâmicas, furação de paredes para acrescentar conduítes e/ou eletrodutos e canos de hidráulica, cortes em tubulações etc. são alguns dos exemplos. Num processo construtivo conferido à maioria das edificações, os construtores se distanciam dos materiais os quais eles próprios operam, numa relação de uso mais objetivo:

Normalmente os instrumentos legais que regulam as atividades da construção civil são voltados ao controle do problema depois que ele foi criado. Com relação aos resíduos sólidos da construção civil, por exemplo, em 2002 o Conama expediu a Resolução 307/02, que estabelece diretrizes e procedimentos para gerenciamento integrado dos resíduos da construção civil, visando promover benefícios de ordem social, econômica e ambiental (GARCIAS; ROTH, 2009, p. 123).

De acordo com Ferreira (2017), é a partir dos anos 1990, sobretudo após a realização da Conferência chamada Rio 92 e do Protocolo de Quioto de 1997, que ocorrem os marcos da visão sustentável da atualidade. Há então a aplicação de parâmetros referentes à mitigação dos impactos ambientais nas construções da alta tecnologia, onde, através da regulamentação da eficiência energética³³ das habitações, nas suas etapas de construção, da fase de canteiro de obras e do controle logístico dos materiais utilizados no processo.

Em 2017, a Nova Agenda Urbana das Nações Unidas é escrita no ímpeto de retomar o olhar para o futuro sustentável levantando as discussões oriundas dessa cadeia de produção. Estabelecendo metas a serem alcançadas até 2030, a ONU Habitat, tem como uma das propostas visando relacionar o uso consciente dos materiais na construção construção civil é explicitado:

Comprometemo-nos a utilizar de forma sustentável os recursos naturais e a concentrar-nos na eficiência de recursos de matérias-primas e de materiais de construção como concreto, metais, madeira, minerais e terra. Comprometemo-nos a estabelecer usinas seguras de recuperação e reciclagem de materiais, a promover o desenvolvimento de edifícios sustentáveis e resilientes e a priorizar o uso de materiais locais, não-tóxicos e reciclados, e tintas e revestimentos sem aditivos de chumbo (ONU, 2017, p. 21).

³²Aquele em que há a produção de derivados do cimento: argamassa e concreto, geralmente envolvendo o uso da técnica da alvenaria de tijolo do tipo comum, também denominado por tijolo de oito furos.

³³A utilização racional de energia, ou seja, usá-la de maneira eficiente para conseguir determinado resultado. Na arquitetura, utiliza-se o artifício de se aproveitar os recursos naturais ou tecnologias “de ponta” para alcançar estes resultados.

Caminhando em paralelo às discussões acerca do tema, um dos recentes câmbios do mercado que pretende amenizar essa problemática e vem a incorporar ao projeto a proposta de atenuação dos impactos ambientais, é então definida esta segunda como Arquitetura *ecotech*. Nota-se que a tendência de incorporar a eficiência energética em soluções arquitetônicas, como clarabóias, sheds, brises, ou outros artifícios que potencializam sombra, vento e luz, vai sendo substituída pela tecnologia de última linha, aplicada principalmente em materiais. Assim, através de parâmetros de conforto e eficiência energética, o tipo de construção “eco-eficiente” testa a performance através de um acompanhamento técnico da cadeia produtiva da alta tecnologia.

Ainda segundo Ferreira, o *eco tech* é a maneira que o mercado se utiliza do discurso de sustentabilidade para seguir com sua cadeia de alta produção, em seu sentido exclusivo. O mercado e a indústria propiciam, nessa conjuntura, ferramentas para se manter dentro da lógica do consumo e da produção, agora absorvendo pautas da sustentabilidade.

Em linhas gerais, o *eco tech* pode ser visto como a renovação do discurso high-tech, da alta tecnologia, ainda oriundo da segunda metade do século XX (FERREIRA, 2017, p. 84). Explicando o caso das certificações *greenbuildings*, Ferreira discute como seu alto custo de aplicação, pela movimentação de especialistas técnicos, para garantir o uso desses selos. Nessa conjuntura, esse tipo de garantia *ecofriendly* oferecido às empresas restringe o discurso para projetos de alto investimento:

Um exemplo disso é pensar no alto custo empregado nas certificações de eficiência energética dos chamados Green Buildings. As certificações têm como objetivo atestar que as novas edificações possuam, durante sua construção e sua vida útil, baixo impacto ambiental além de garantir o bem estar e a saúde de seus usuários. Entretanto, apesar da causa ser de extrema importância, essas certificações requerem um alto valor financeiro, já que operam através da aplicação de alta tecnologia e da contratação de profissionais altamente capacitados e especializados, o que, em certa medida, dificulta a sua aplicação em larga escala ficando restrita a construções de alto investimento. Normalmente as certificações contam com as soluções passivas, que são aquelas que dependem de um projeto bem pensado e que tratam de questões como a orientação solar, ventilação natural e tipos de materiais empregados e que podem ser aplicadas por qualquer projeto. Já as soluções ativas são as soluções que envolvem diretamente as tecnologias adotadas no projeto e vão desde a escolha de um simples bacia sanitário que gasta menos água, lâmpadas mais eficientes, até sofisticados sistemas de automação que controlam quase todo funcionamento do edifício e envolvem grandes empresas que possuem o know how para operar essas tecnologias (FERREIRA, 2017, p. 85).

No Brasil, um dos selos verdes mais conhecidos é o selo inglês LEED (Liderança em Energia e Design Ambiental³⁴), no qual em diferentes instâncias faz a avaliação entre equilíbrio e geração de consumo. Assim, são buscadas soluções de projeto como aproveitamento da chuva e da iluminação natural até detalhes como filtragem da água utilizada na obra. Entretanto, não existem imposições na lei que obriguem o emprego desses selos.

A mercantilização da “onda verde”, acaba por ser mais um parâmetro idôneo do ciclo hegemônico da construção civil. A cadeia permanece praticamente imaculada, e no caso dos selos verdes e os *green buildings*, são por hora impraticáveis para a larga escala da construção das cidades, indo de encontro às edificações de grande impacto. Renova-se o discurso através de ferramentas próprias do sistema.

3.2.3 Produtivismo + Alienação do consumo: o desaparecimento dos rituais

Um outro aspecto referente ao produtivismo é o que diz respeito a sua realimentação através da alienação social³⁵. A fim de possibilitar sua lógica de expansão, a cadeia produtiva se sustenta pelo desejo de consumo. Para tanto, está incubido aos artifícios da comunicação a venda ao indivíduo de produtos, isolando-o de valores pre-concebidos para dar lugar a novos.

Em seu livro *O desaparecimento dos Rituais* (2021), o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, atravessa diversos axiomas vistos no modo de vida das sociedades ocidentais, conformados pelo fim de valores de uma cultura coletiva em função da individualidade. Ao discorrer como o regime neoliberal perpassa a necessidade pública do constante consumo pela produção e da produção de si, o filósofo recorre à etimologia da palavra “produzir” em diversas línguas:

O regime neoliberal força à comunicação sem comunidade, na medida em que cada um é isolado se tornando produtor de si mesmo. Produzir vem do verbo latino *producere*, que significa mostrar ou tornar visível. A palavra em francês *produire* ainda tem o sentido de exhibir. *Se produire*, se produzir, significa se por em cena. A expressão coloquial alemão *sich produzieren* vem claramente dessa mesma etimologia. Hoje, nos produzimos em geral e compulsivamente (HAN, 2021, p. 27).

³⁴Nome em inglês

³⁵"Alienação social" é um conceito sociológico que se refere ao estado em que um indivíduo ou grupo se sente desconectado, isolado ou afastado das estruturas sociais, valores e normas predominantes em uma sociedade. A alienação surge de diferentes maneiras, onde destaca-se no caso do produtivismo a indução à cultura dominante e controle. A alienação social pode levar ao enfraquecimento do senso de pertencimento, falta de relações comunitárias e até mesmo ao desinteresse às questões sociais em geral.

A “comunicação sem comunidade”, citada pelo autor, pode ser exemplificada no caso do festival *The Burning Man* (Figura 20). Movimentando cerca de 50 mil pessoas anualmente, e com isso ocasionando uma pequena cidade efêmera, o *Burning Man* ocorre num descampado isolado no deserto de Nevada, EUA, se divulgando enquanto evento de contracultura desde os anos 1986, onde ocorrem exposições temporárias ao ar livre e shows, sempre tendo levantando pautas que estão em vigor, dos direitos humanos, liberdade de expressão e sustentabilidade ambiental.

Entretanto, como aponta Rodriguez (2014), existe uma contradição entre os meios em que são conduzidos o suposto evento de contracultura estadunidense, então voltada para o neoliberalismo. Nesse âmbito, desde a desconexão do público com o lugar, um assentamento num grande ermo desértico, estão, numa concentração de milhares em casas móveis, tendas e instalações efêmeras, um público que cultuam em primazia o *self*, uma liberdade alienada, não muito distinta de quaisquer festivais genéricos. Uma “tradição” sem ritual.

No ato moderno de produzir ou se produzir, está engendrada a auto-expressão. Apresentados pelo autor como sendo rituais que pressupõem dar um sentido não efêmero à vida. Nesse sentido, a sociedade pós-industrial ruma ao desequilíbrio de valores coletivos em relação aos individuais. A comunicação empregada sem um sentido de comunidade destes rituais, exemplificadas pelo autor como marketing, publicidade e mídias sociais, são o vetor utilizado para a exacerbação da produção e da alienação:

A comunicação sem comunidade pode ser acelerada, pois é aditiva. Rituais, ao contrário, são processos narrativos que não podem ser acelerados. Símbolos estão parados, quietos, informações, ao contrário, não. Elas são, na medida em que circulam. Estar quieto significa apenas a paralisação da comunicação. Não produz nada. Na era pós-industrial, o ruído da máquina dá lugar ao ruído da comunicação. Mais informação, mais comunicação, promete mais produção. Desse modo, a coação de produção se manifesta como coação da comunicação (HAN, 2021, p. 28).

Figura 20: *The Burning Man*, situado no *Black Rock Desert*, no estado de Nevada, EUA



Fonte: Página do Instagram do evento

A mercantilização veiculada pela comunicação é, dessa forma, a via para a alienação atinge cada indivíduo isoladamente. Em contrapartida, os rituais seriam valores em função da comunicação de comunidade, do sentimento coletivo. O produzir, o se tornar visível, está então contido nas estratégias de comunicação de diversas esferas do cotidiano. Na conformação das cidades, este é um recurso apropriado pelo mercado imobiliário para atrair um determinado público alvo. Segundo a arquiteta e urbanista, professora na UFES, Liziane Jorge, “a habitação e a cidade apresentam-se, hoje, cerceada pela idealização de um estilo de vida mitificado e pela imposição de preferências habitacionais manipuladas pela colossal indústria do marketing” (JORGE, 2013, s.p.d.).

Com o expressivo aumento populacional nas regiões urbanizadas, como mencionado, subtrai seu solo natural enquanto expande sua densidade populacional. Dá-se, também como resposta à demanda de moradias um alto contingente de novos imóveis. Dessa maneira, são novas edificações que vão se espalhando na malha urbana para acomodar a população crescente.

Ao tipo de habitação da cidade, brasileira, sobretudo, e latino-americana, estão, por um lado, as chamadas obras resultantes de autoprodução e, por outro, as construções formais, mais especificamente, as edificações em altura, os conjuntos habitacionais de blocos de apartamentos ou loteamentos de casas e os grandes empreendimentos.

A autoprodução está sendo aqui referenciada enquanto processos em que os próprios usuários estabelecem e geram os processos de acordo com seus recursos. A esta autoprodução que pode também ser realizada por atores da construção civil (pedreiros, mestres-de-obra etc)³⁶. Nesse sentido, a autoprodução confere um diferente espectro de classes socioeconômicas, das mais vulneráveis, e sem poder de compra, às que se aproximam da classe média, com poder de compra.

Apesar de não ser enfoque na discussão que discorre sobre a arquitetura formal de mercado, é importante ressaltar que, a essas camadas sociais que recorrem a autoprodução como meio de se estabelecer em perímetro urbano, também lhes é conferida a alienação e influência do mercado. A alienação do consumo opera de maneira a induzir desejos e necessidades, como um estímulo de edificação “ideal” a ser alcançado.

Em relação ao campo da arquitetura formal, a habitação contemporânea é transformada num símbolo cultural de prestígio e sucesso que conformam essas estratégias conduzidas pelo mercado imobiliário. Este, através de estratégias de “comunicação sem rituais”, induz o habitar na cidade para dinâmicas socioespaciais em uma série de categorias expressadas nas “tendências da vez” (Figura 21). Como uma contradição à tipologia urbana multifamiliar que é vendida ao usuário, sumariamente, a nova habitação induz o viver para algo exclusivo, ao *self*.

Um dos mais astuciosos instrumentos de coerção, o marketing imobiliário, artifício de troca poderoso, exerce uma notável influência perante a sociedade contemporânea que, influenciada por um estilo de vida próspero, sofisticado, obsolecente, efêmero e tecnológico, encontra no produto imobiliário, a forma ideal para a consolidação dos seus desejos. Como objetos de consumo, os edifícios residenciais e seus atributos dominam a esfera dos desejos, ditando modas, gostos e tendências, monopolizando o imaginário social e a opção por um bem imóvel que acompanhe as últimas exigências do mercado. Essa relação estabelece o reflexo de uma sociedade de consumo que anseia por prazer, prestígio e status social (JORGE, 2013, s.p.d.).

³⁶ KAPP, S.; NOGUEIRA, P.; BALTAZAR, A. Arquiteto sempre tem conceito, esse é o problema. IV PROJETER 2009. Projeto como investigação: Ensino, Pesquisa e Prática. FAU-UPM. São Paulo. 2009.

Figura 21: A promessa de elementos de bem-estar inclusos na habitação contemporânea. Um estilo de vida genérico é vendido associado ao bairro, ao apartamento e sua vista panorâmica



Fonte: Folder publicitário. Empreendimento Miragem, Recife, PE

A indústria do marketing imobiliário, mencionada por Jorge, promete através de anúncios de empreendimentos que exaltam o bem-estar da família nuclear num padrão basicamente homogêneo. A residência é vendida através de artifícios do projeto arquitetônico em planta baixas humanizadas, mostrando um layout generoso; e por meio de maquetes digitais, modelagens tridimensionais de um ambiente já mobiliado, que induzem o desejo por status ao público ao invés de expressar a qualidade do projeto.

Deste modo, Jorge se apoia dos um dos conceitos levantados pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu ao tecer o paralelo entre submissão e nivelamento social, para o qual a consequência é uma concorrência instituída pelo mercado o qual ao invés de diversificar, acaba por homogeneizar as opções, chamada pelo mesmo de “mito da diferenciação de produtos” (BOURDIEU, 2001, p.83 apud: JORGE, 2013, s.p.d.). Os efeitos desse movimento linear representam uma ameaça à singularidade histórica e cultural de cada localidade, pois dão forma a espaços e ambientes genéricos. Nesse sentido, o “mito da diferenciação de produtos é um contraponto à uniformização da oferta, portanto, as possibilidades de escolha a que se submete a classe média são rigidamente controladas, camufladas pela dimensão imagética e cultura” (JORGE, 2013, s.p.d.).

A esses consumidores, também lhes é oferecido um programa arquitetônico pré-determinado pelo mercado imobiliário em sua quantidade de cômodos, área total, quantidade de vagas de estacionamento, áreas sociais etc. Num mercado de ofertas repetitivas, com mínimas variações, inclusive nos materiais selecionados

para a composição da residência, rescinde a estratégia da alienação do desejo de seu público alvo por artifícios do bem-estar também homogêneos:

Imbuídos de “desejo social”, de uma imagem pré-concebida de satisfação, os futuros moradores, ao adquirir uma habitação, buscam conquistar a felicidade através de um diferencial que lhes permita transitar no “território dos ilustres”, esquecendo-se que as necessidades ordinárias do cotidiano pressupõem, consecutivamente, a supressão tanto das necessidades básicas do indivíduo como a provisão de um espaço doméstico que lhes permita desenvolver as relações familiares e sociais com segurança, conforto e bem-estar. Isso significa que a especialização funcional, o determinismo e a padronização, estratégias ainda perpetuadas pela produção imobiliária coletiva, homogeneizam o comportamento e desfavorecem o uso diversificado da habitação, condição indispensável ao sujeito contemporâneo, ao estilo de vida plural das novas estruturas familiares (JORGE, 2013, s.p.d.).

Através das ferramentas que induzem o desejo social, a edificação é instituída para um tipo de família nuclear de valores uniformizados. Ainda que seja diverso e com suas demandas próprias, a classe média, público alvo, se condiciona à uniformização da residência multifamiliar. Tautologicamente, dissemina-se na malha urbana um tipo construtivo de edificações em aparência, volume e programa repetitivo.

As atualizações tecnológicas, a obsessão com a expressão meramente visual, as tendências da moda global, as expressões artísticas e o consumismo são influenciados por uma progressão contínua impulsionada pela publicidade e pelos meios de comunicação: da comunicação sem rituais discutida por Byung-Chul Han. Estas inferências da alienação cultural na produção arquitetônica feita pelo mercado, estendem-se à profissão do arquiteto, também fragmentada pela cultura do desejo.

Ao mencionar a produção arquitetônica brasileira contemporânea forma em seu artigo “A arquitetura consumida na fogueira das vaidades”, o arquiteto e urbanista e professor da UFRGS, Edson Mahfuz confere uma alegoria das edificações que fazem ode ao estético para a “combinação de Las Vegas com Disneylândia” (MAHFUZ, 2001, s.p.d.). Apesar da metáfora remota, a crítica de Mahfuz é referente à falta de valores arquitetônicos excedentes ao visual, que agora os escritórios de arquitetura tendem a reproduzir.

Segundo o autor, a profissão entra em decadência devido à má qualidade da arquitetura produzida sem seus valores culturais precedentes, decorrente dos valores vigentes do mercado. Mahfuz, contudo faz uma ressalva, “Apesar de bons exemplos, sua quantidade é inexpressiva em comparação à produção de maior escala” (MAHFUZ, 2001, s.p.d.). E, uma vez subordinados à cadeia da construção

civil, os escritórios de arquitetura agora se bifurcam para dois sentidos: o prestador de serviço ou o do espetáculo.

Ao arquiteto prestador de serviço, o autor conclui que a arquitetura e a profissão do mesmo se esfacelam diante do descompasso do profissional em reafirmar sua capacidade técnica em detrimento ao que está “de moda” (Figura 22). Segundo Mahfuz, quando comparados ao que foi produzido no cenário brasileiro durante o século XX, o novo profissional deixa de ser protagonista nas decisões de “lugar, programa e construção”:

No sentido atual, atuar em arquitetura como "prestador de serviços" significa uma rendição quase total aos desejos do cliente e às imposições do mercado e a consequente perda da dimensão cultural da arquitetura. O arquiteto "prestador de serviços" abraça com devoção uma prática que muda ao sabor das modas, não importando a sua relevância ou falta de. Se a tendência é a arquitetura da Califórnia, por que não segui-la? O importante é estar "alinhado com o mercado", no dizer de um caderno local de "arquitetura"(MAHFUZ, 2001, s.p.d.).

Figura 22: Ode ao genérico. Busca por “Arquitetura residencial” no Pinterest, site utilizado para inspirações de moda, arte, arquitetura e design



Fonte: captura de tela da página Pinterest

Ao segundo tipo, o arquiteto do espetáculo, o autor indica que a este profissional lhe cabe maior autonomia na tomada de decisões do projeto arquitetônico, porém faz jus a um estilo próprio conivente às questões de mercado. Dessa forma, Mahfuz caracteriza este perfil de arquiteto atrelado a necessidade de reproduzir uma fórmula que agrega um valor de troca:

Vivemos em um tempo obcecado pelo culto à personalidade individual, seja ela interessante ou não. Basta uma visita à banca de jornais mais próxima

para entender o que digo. Os meios de comunicação adquiriram tanta importância que "a hierarquia pública dos famosos se impõe sobre o reconhecimento privado dos competentes". É muito comum que o público conheça alguns arquitetos de nome e até a sua aparência, sem no entanto poder nomear uma única obra feita por ele ou ela (MAHFUZ, 2001, s.p.d.).

Este arquiteto ainda se move numa dinâmica amplamente pautada no apelo visual, o “*se produzir, exhibir*”, levantado por Byung-Chul Han. A esse profissional da auto-expressão, muitas vezes as soluções acabam por realimentar o mercado, do qual as tendências partem. Ao tratar das produções arquitetônicas extraordinárias, de caráter monumental, tão somente as questões visuais lhe são interessantes, ainda que supostamente existe uma variedade ilimitada ao que pode ser oferecido na cadeia produtiva global, através da importação. Temos a solução dos produtos da construção civil: materiais de construção, estrutura, fechamento e revestimento, balizados pelo desejo “surreal” de parecer universal, e genérico.

Certos aspectos do produtivismo, agora absorvidos pelo desejo social muitas vezes traduzidos como bem-estar e status, revelam o desaparecimento destes rituais. Nas artes, estando mais sublinhada a arquitetura, estes paradigmas corroboram para o declínio da profissão da arquitetura nos moldes do século anterior.

O criador (arquiteto) e a criatura (obra) gradualmente se afastam dentre eles, na cadeia vertical que suplanta narrativas pertinentes ao produtivismo em razão de valores mais subjetivos e de expressividade. Como argumenta Colin,

Difícil questionar o Produtivismo na arquitetura, pois, como dissemos no início, a nossa sociedade é produtivista. Seus defensores, entre estes um grande número de arquitetos, virão em sua defesa com muitos argumentos calcados em números. Falarão de eficiência, economia, praticidade, fáceis resultados, racionalidade etc. E certamente terão razão, pois segundo estes critérios, as práticas produtivistas são imbatíveis. A questão é colocar estes valores como qualidades absolutas na arquitetura. Não o são! A criatividade, a expressão, o significado, as características locais e temporais, as considerações com contexto, com a sustentabilidade, os valores mais altos da arquitetura enfim, estão comprometidos com algo, senão alheio, certamente secundário para esta (COLIN, 2011, s.p.d.).

A arquitetura contemporânea das grandes cidades, nas quais existem diversos grupos e uma rica pluralidade, acaba por não atender a heterogeneidade demandada. Pelo produtivismo, dá-se uma série de novas opções referentes ao bem-estar social, entretanto se homogeneiza e acentua a individualidade e o status pessoal. Em equivalência, acaba-se por minar a liberdade criativa do arquiteto, reforçando sua cadeia pelas assinaturas com a produção do “espetáculo” sem o ritual.

Como discutido através da construção vernacular, os rituais e os modos de vida de uma comunidade são indissociáveis à maneira como o ser humano habita o mundo. O desejo do habitar cotidianos já não está atrelado por um contexto relacional ou afetivo, e, na arquitetura, vão se findando as relações da edificação com o entorno, paisagem, ou vizinhança.

3.3 Matriz comparativa da Arquitetura do vernáculo e a produtivista

É apresentado a seguir, a partir do que foi exposto no capítulo, uma tabela de síntese comparativa entre a arquitetura do vernáculo e a produtivista. Para isso, são sumariamente levantadas as questões trabalhadas no capítulo relativas aos aspectos sociais, econômicos e culturais, e de contextualização com o lugar e materialidade. A matriz comparativa concentra-se, nessa maneira, em apresentar estes dois eixos e sugerir os pontos de divergência um do outro.

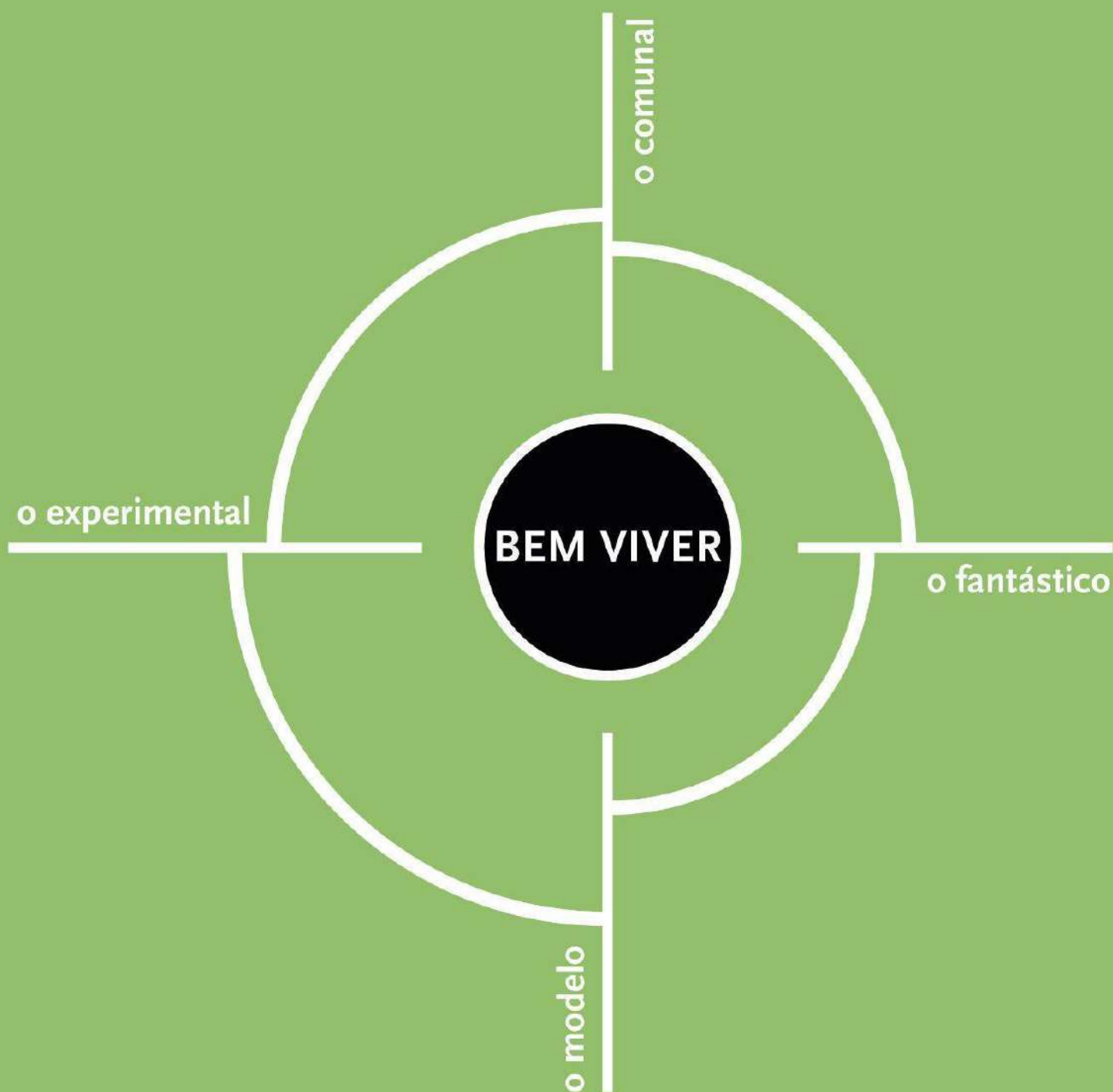
Tabela 01: Matriz comparativa entre vernáculo e produtivismo na arquitetura

| | Arquitetura do vernáculo (pré-industrial) | Arquitetura produtivista (pós-industrial) |
|---|--|--|
| FATOR CULTURAL | Presença do Ritual. O Habitar está relacionado com a forma de permanência na terra. | Ausência do Ritual. O ato de construir se torna mercadoria. O cotidiano é condicionável. |
| FATOR ECONÔMICO | Não Remunerado. Feito pela família, comunidade para si. | Remunerado, Processo de Mais-valia: Disparidade entre o valor pago para o trabalhador e o valor final do produto. |
| MATERIALIDADE | Materiais existentes no local. Pedra, madeira, adobe, junco, terra, pau-a-pique. | Materiais mediados pelo mercado e indústria. Vidro, pedras ornamentais, pisos cerâmicos, pisos vinílicos ou laminados, estrutura metálica, concreto armado, concreto pré-fabricado etc. |
| ESTÉTICA / FORMA | Maior Permanência. Passada de geração em geração. | Menor permanência. Condizente às tendências vigentes |
| CONDICIONANTES CLIMÁTICOS | Preponderantes na edificação. Foco na ventilação e na iluminação natural. | Não necessariamente preponderantes na edificação. Foco em climatização e iluminação artificial. |
| INDIVIDUAL/COLETIVO | O coletivo se prepondera ao individual. | O individual se prepondera ao coletivo. |
| ATOES ENVOLVIDOS (CULTURA TÉCNICA) | Comunidades originárias, tradicionais, construtores, ausência do arquiteto, do engenheiro e da grande construtora | Hierarquia formal. Vários atores envolvidos no processo. Arquitetos, engenheiros, prefeitura, construtoras, clientes. |
| PREDOMINÂNCIA | Rural; tendência à horizontalidade. | Urbana; tendência à verticalização. |
| ESCALA | Pequenos agrupamentos. | Grandes agrupamentos. |

Fonte: elaborado pelo autor

4

Caminhos da arquitetura para o Bem Viver



A teoria e a crítica da arquitetura na América Latina tem tal qualidade e generosidade em suas construções historiográficas, raciocínios críticos e postulações teóricas que a convertem, hoje, em uma lição imprescindível dando-nos chaves para entender a condição pós-moderna da arquitetura. Resta, agora, aos europeus, aprender sobre os sábios caminhos de superação da modernidade, abertos pelos críticos e arquitetos latino-americanos.

(MONTANER, 2014, p.126)

4.1 Arquitetura latino-americana contra-hegemônica

4.1.1 *Continuidades da crítica de arquitetura*

Neste capítulo serão apresentados exemplos dos caminhos da produção arquitetônica latino-americana, pertencentes às primeiras décadas do século XXI, para serem base da discussão sobre o Bem Viver na Arquitetura, tema da pesquisa.

Estas arquiteturas “contra-hegemônicas”, termo utilizado na pesquisa para caracterizar esse tipo de produção, referem-se à arquitetura enquanto conjunto das práticas desenvolvidas por profissionais arquitetos, escritórios ou coletivos de arquitetura que não estariam estritamente alinhados ao ordenamento estetizado da universalização hegemônica do ofício, cunhadas como produtivistas, aqui previamente discutidos.

Foram selecionadas, para tanto, quatro práticas da arquitetura contemporânea na América Latina como base para a discussão do Bem Viver e a arquitetura contemporânea contra-hegemônica. Presentes nos distintos países do Chile, Equador, Paraguai e Bolívia, estas práticas, ou caminhos, vem a exprimir a partir de categorias de algumas análise a condução da arquitetura produzida atualmente no continente latino-americano que advém de uma discussão já conectada à crítica do hegemônico.

Cabe aqui, portanto, exhibir sumariamente a definição de arquitetura contra-hegemônica bem como os marcos da discussão teórica latino-americana, oriundos das décadas de 1970 e 1980. Para em diante apresentar os eixos de estudo de caso, e a construção do método de análise que o trabalho adota.

Para uma sucinta apresentação do termo, como apontam Dore e Souza (2018), o “contra-hegemônico” foi cunhado primeiramente por Raymond Williams dentro do contexto europeu na primeira metade do século XIX. Ele surge no sentido de explicitar a falta de espaço e voz negada aos grupos subalternos e secundários no âmbito da organização das políticas estatais da época. Através do tempo, contra-hegemonia vai sendo implementada dentro do campo sociopolítico e cultural com o sentido de representar grupos e movimentos que fazem antítese às forças que operam como dominante, ou dando enfoque à presença desses diferentes grupos.

O que seria, então, a ‘contra-hegemonia?’ Seriam experiências, significados e valores que não fazem parte da cultura dominante efetiva; formas alternativas e opositoras que variam historicamente nas circunstâncias

reais; práticas humanas que ocorrem 'fora' ou em 'oposição' ao modo dominante; formas de cultura alternativa ou opositora residuais, abrangendo experiências, significados e valores que não se expressam nos termos da cultura dominante, embora sejam praticados como resíduos culturais e sociais de formações sociais anteriores; formas de cultura emergente, englobando novos valores, significados, sentidos; novas práticas e experiências que são continuamente criadas (DORE; SOUZA, 2018, p. 254).

As discussões sobre o contra-hegemônico, uma vez inseridas no campo arquitetônico, dizem respeito às alternativas para a então arquitetura dominante. No caso latino-americano, é possível visualizar uma tendência de inserir para dentro da prática arquitetônica o constante debate às questões do momento, se atentando aos valores e experiências locais.

Ressalta-se portanto a qualidade da crítica arquitetônica no continente latino-americano, no qual este debate do contra-hegemônico vai se posicionando de acordo com as discussões em voga de cada período histórico, e o século XX abre caminhos para a compreensão destas continuidades da atualidade.

Em seu livro *Arquitetura e crítica na América Latina* (2014), o arquiteto e historiador catalão Josep Maria Montaner, expõe a crítica em cima da arquitetura latino-americana do século XX. A partir do levantamento da teoria e produção arquitetônica e urbanística ao decorrer das décadas do século anterior, o autor elucida um corpo de atores cruciais da construção da arquitetura no continente. O rico panorama da arquitetura latino-americana apresentada pelo autor nos auxilia a identificar a continuidade desta arquitetura apresentada como contra-hegemônica.

Se nota através da síntese de Montaner, os caminhos pelos quais as obras, os projetos, os urbanistas e os arquitetos se colocam diante de seu contexto local e no movimento indireto de uma unidade de condutas e práticas no continente. Juntamente, o autor ao remontar a produção crítica e teórica do continente, interpela o ativismo presente durante os anos de 1970 e 1980 como período de consolidação da teoria de arquitetura na América Latina.

Realizando uma breve menção aos trabalhos teóricos levantados por Montaner, vislumbramos a maior ênfase ao regionalismo latino-americano durante esse período, desde uma visão decolonialista principalmente. A partir de um pensamento de ortodoxia marxista, muito se foi discutido sobre as questões particulares em relação ao formalismo e cultura material da arquitetura, além de sustentabilidade e socialismo utópico.

Entre estes teóricos podemos destacar a contribuição dos argentinos Marina Waisman, Claudio Caveri; Fruto Vivas, na Venezuela; Silvia Arango, na Colômbia; Enrique Browne, no Chile, e Jorge Rigau, em Porto Rico. Em suas diferentes dimensões, aprecia-se através destes autores propostas sistemáticas e didáticas no campo projetual e urbanístico, para além do conhecimento europeu.

Esse período demarca também a eclosão da sistematização da crítica local em congressos e bienais, como foram os Seminários de Arquitetura Latino-Americanos, o SAL, criados em 1985. Como argumenta Montaner, os SALs seriam o auge da consolidação da teoria sobre a prática, congregando diversos especialistas, se reunindo em variadas nações ao longo dos anos. Desse modo,.

Sem dúvida, esses seminários têm sido imprescindíveis para estabelecer redes de conhecimento e amizade entre arquitetos, historiadores e críticos latino-americanos e para frear o domínio da cultura europeia e norte-americana. Ao mesmo tempo, significaram o reforço de uma corrente doutrinária. Em todo caso, a criação e evolução do SAL é a demonstração mais privilegiada da consolidação e amadurecimento da crítica de arquitetura na América Latina (MONTANER, 2014, p. 91).

Os seminários trouxeram diversas reflexões sobre a identidade latino-americana, enfatizando a revalorização do patrimônio e paisagem, e, como aponta o autor, as últimas edições trouxeram o tema recorrente dos espaços públicos. Porém, mais que isso, o SAL permitiu o espaço de diálogo e espaço de confraternização entre agentes inclinados ao tema, de maneira a integrar o continente.

Rumando para a virada entre séculos, Montaner disserta ainda sobre o movimento da atualidade em relação às continuidades da crítica e produção arquitetônica produzida na América Latina no final do século passado, apoiando-se no livro *“Otra arquitectura en America Latina”* de Enrique Browne (1988). Para isso, o autor toma a divisão cronológica e teórica da produção arquitetônica através de dois grupos antagônicos, os contrapontos, nas duas metades do século anterior.

A primeira oposição seria o contraponto à interação entre um estilo internacional que se estendeu nas primeiras décadas do século XX, situado como o “espírito da época”, e uma arquitetura *neovernacular* que surgiu em meados do século, respondendo ao “espírito do lugar”.

A segunda oposição ocorre entre uma arquitetura de desenvolvimento, na segunda metade do século XX. Associada à era dourada da arquitetura pública em países latino-americanos, temos o caso do Brasil, Argentina, Chile, México e

Venezuela, e a resposta a ela, ou o contraponto, que Waisman coloca como “arquitetura da divergência”, representada atualmente pelo crescimento gradual das obras de Luís Barragán, Eladio Dieste e Rogelio Salmona, no México, Uruguai e Colômbia, respectivamente (MONTANER, 2014, p. 119).

Ainda segundo o autor, vislumbramos também na atualidade uma tendência dominante em favor da arquitetura da cidade global. Porém, não mais vinculada ao desenvolvimento promovido pelo setor público, mas sim ao poder econômico e financeiro, que inclinam novos projetos para uma estetização de uma classe global e para o consumo, como abordado no capítulo anterior por arquitetura produtivista. Assim,

A esta arquitetura global, hoje, haveria uma resposta da arquitetura local, de grande desenvolvimento nas cidades latino-americanas, representada pela obra de arquitetos que valorizam os materiais da própria cultura urbana ou rural, que conhecem a fundo os modos de vida, que potencializam as experiências sensoriais, e que promovem uma arquitetura de vivência (MONTANER, 2014, p. 121).

Na mesma dialética de oposição, a arquitetura contemporânea também teria uma continuidade ao que fora o *neovernacular* ou *divergência*, do século anterior. Partindo de preocupações referentes ao espírito do lugar, identidade, cultura, materialidade e outros preceitos coesos a um contexto local / regional, ou até mesmo *periféricos*, empregando novamente uma expressão de Waisman, pontua-se a coexistência de um segundo tipo de produção arquitetônica. A arquitetura contemporânea, portanto, estaria orbitando por estas precedências.

4.1.2 Os caminhos da arquitetura contemporânea

Entendendo a dinâmica da crítica moderna presente na América Latina, é possível avançar para o contexto contemporâneo, assumindo a existência das devidas continuidades vistas em relação às antíteses e oposições da arquitetura e sustentabilidade. Nesse sentido, através da sustentabilidade, à luz de uma posição contra-hegemônica de cunho cultural e de relações de trabalho, dialoga-se com os temas correlatos do Bem Viver, de maneira a entender a conciliação entre estes pelo viés sociopolítico.

Em vista deste intuito de união a crítica de arquitetura contemporânea às práticas do Bem Viver, a pesquisa aborda a partir de alguns segmentos temáticos selecionados para a pesquisa, o debate sobre as transformações e continuidades da arquitetura latino-americana contemporânea. Foram designadas temáticas que

contribuíssem com a discussão contemporânea, face a interceptação de ações, movimentos, práticas em evidência que eclodem e atravessam a América Latina de um modo geral.

Tendo sido designados enquanto “caminhos” para esta arquitetônica contemporânea no continente, estes eixos são: 1. cooperativa Ciudad Abierta, Amereida, no Chile; 2. Os escritórios de arquitetura paraguaios; 3. Os coletivos de arquitetura do Equador; 4. Os *Cholets* em El Alto, Bolívia (Figura 23).

Averigua-se nestes distintos eixos a quantidade expressiva de casos, dentro da mesma região e de correlação, para que se seja possível apresentar o estudo mais bem consolidado, e por essa razão, foram selecionados para esta pesquisa. Para tanto, buscou-se explorar a partir da fundamentação teórica referente a cada um dos estudos, ainda que mais bem consolidados nos territórios do Chile, Paraguai, Equador e Bolívia, respectivamente, elucidar a sustentabilidade no viés cultural, ambiental e social, na maneira como estes casos particulares se expressam, em suas devidas proporções.

Tendo isso em vista, considera-se que a decisão por estas obras arquitetônicas, e conseqüentemente, de cada destas nações se deram por três questões principais: 1) expressividade material e cultural, 2) reflexões sobre a atuação do arquiteto e sobre o projeto arquitetônico e 3) lógica do canteiro de obras, relações de trabalho e técnicas construtivas. Estas, dispõem de fundamentação teórica e empírica já bem diversificada, sendo neste âmbito, oportunas para servirem de exemplo para se analisar a dialética do hegemônico e contra-hegemônico que conduzem a pesquisa.

Destaca-se, portanto, que os títulos de cada uma desses temas foram estabelecidos na tentativa de sintetizar numa palavra-chave qual a finalidade proposta para cada um dos eixos, sendo nomeados como **Modelo**, o sistema educacional no Chile; **Experimental**, os ensaios desenvolvidos por escritórios de arquitetura paraguaios; **Comunal**, os processos colaborativos dos coletivos de arquitetura equatorianos; **Fantástico**, a arquitetura de estética expressiva e destoante de antecedências bolivianas.

Através destes eixos temáticas, promove-se a discussão de um Modelo educacional e da utopia latino-americana, através da cooperativa Ciudad Abierta, no Chile; Da inclinação à provar e experimentar soluções próprias dentro do canteiro de

obras, através de materiais de baixo custo e ordinários, pelos escritórios paraguaios; Dos processos participativos e ascendência dos coletivos de arquitetura no contexto latino-americano, através dos coletivos do Equador; O sincretismo de símbolos universais e locais, numa arquitetura de forte aceitação popular, ou *Kitsch*, nos Cholets de *El Alto*, ou arquitetura neoandina de Freddy Mamani, na Bolívia.

Cabe mencionar que os quatro eixos temáticos não esgotam a quantidade de outros temas e formas de abordar as práticas arquitetônicas vigentes na América Latina. Além disso, estes eixos se colocam como um canal para aproximação do objetivo do trabalho, da tradução do Bem Viver nas relações no ofício da arquitetura e a construção de projetos arquitetônicos. Vale salientar que outros são os estudos de caso passíveis de se aproximar do Bem Viver, e o levantamento aqui explorado intencionalmente confronta as tensões que permeiam construir e da produção arquitetônica do edificado.

Figura 23: Posição geográfica dos quatro estudos de caso



Fonte: elaborado pelo autor.

4.1 O Modelo: Cooperativa Amereida | Ciudad Abierta de Ritoque, Chile

amereida

¿no fue el hallazgo ajeno
a los descubrimientos
– oh marinos
sus pájaras salvajes
el mar incerto
las gentes desnudas entre sus dioses! -
porque el don para mostrarse
equivoca la esperanza?
¿no dejo así
la primera pasión del oro
al navegante ciego
por esa claridad sin nombre
con la tarde premia y destruye
la apariencia?
¿y ni día ni noche
la tercera jornada no llegó como una isla
y suavemente sin violentar engaños
para que el aire humano recibiera sus orillas?
que también que nosotros
el destino despierte mansamente
desde aquella gratuidad del yerro
se abren todavía
los grandes ríos crueles de anchas complacencias
las montañas solas sobre las lluvias
los árboles difíciles dejando frutos
en la casa abandonada
y aún con otros
¿no buscó el paso su abertura
tanteando en la costa
como en la noche el ojo su aventura?
¿y no entregó el viento en torno al primer barco
su saludo más vasto
su inconsolable inocencia
sobre las pampas
y la dulzura de otro mar blanco inexistente
cuya sorpresa guarda la mirada
cuando la tierra púdica se entrega

porque así como el trabajo encubre
 la mano que se arriesga
 la seña
 la verdadera seña miente como el día
 para salvar de otros usos
 la noche regalada
 y sin embargo
 escucharon esos extraños
 la útil y sola melodía del cordaje
 responder bajo la luz vacía que aún nos llama
 porque allí el tiempo nace de la guardia
 ¡ oh desapegos que uno mismo ignora
 antiguas gentes nocturnas
 a quienes el peligro abre sus ofrendas
 y la primera tumba inútil
 donde con gracia
 comenzar otro pasado!
 (IOMMI, 1967, p. 1-3)

Para fundamentar o eixo do “Modelo”, que diz respeito às instituições latino-americanas de arquitetura baseadas no ensino ativo, de caráter político, social e artístico, através da prototipagem e de práticas de canteiro-escola³⁷, apresenta-se a Cooperativa Amereida, ou Cidade Aberta de Ritoque, Chile.

Homônima do poema citado acima pelo poeta argentino Godofredo Iommi, a *Amereida* é fundada em 1965 como uma extensão vinculada à Pontifícia Universidade Católica de Valparaíso (PUCV). Inicialmente concebida por um conjunto de arquitetos, artistas plásticos e poetas que buscaram a utopia da unidade latino-americana, o modelo de ensino da *Ciudad Abierta* de Ritoque estendeu-se como projeto transgeracional que acompanha a universidade chilena até a atualidade.

É possível interceptar a tendência da experimentação oferecida pelo ensino privado a partir da cooperativa *Amereida*, proposta única e marco latino-americano da escola de arquitetura e utopia. Vê-se, nas inúmeras experiências desenvolvidas

³⁷ A estas práticas, podemos também fazer um paralelo à iniciativas dentro de universidades brasileiras como o Morar de outras Maneiras (MOM), da UFMG, o Grupo de Pesquisa em Habitação e Sustentabilidade – HABIS, da IAU-USP, o Laboratório de Habitação e Assentamentos Humanos (LABHAB), da FAUUSP, entre outras grupos de ensino.

em conjunto por docentes e discentes paisagísticas, arquitetônicas e artísticas, de caráter escultórico e poético o exercício pedagógico radical que fomenta o surgimento de novas faculdades de arquitetura no Chile, e se transpõe enquanto modelos para outras instituições particulares no continente.

De acordo com Montaner, as propostas vanguardistas da *Amereida* que se iniciaram na fundação da cidade aberta situam “arquiteturas fundacionais e poéticas de uma possível *Eneida* americana” (MONTANER, 2014, p. 55). O terreno de aproximadamente 250 hectares é composto por várias peças que são fundamentadas no uso de materiais locais e reciclados numa área que inclui a sala de música, os instrumentos musicais ao ar livre, as casas chamadas hospedarias, os ateliês, oficinas ao ar livre, as residências temporárias para professores e um cemitério, onde estão enterrados os membros fundadores.

O núcleo inicial da Cidade Aberta se localiza nas dunas do litoral do Pacífico; por isso é formado por estruturas leves e expansíveis de madeira encaixada, com claraboias que permitem iluminar o chão de areia; formas em contínua mutação, em diferentes níveis e marcas pelo terreno, que de maneira incansável se refazem e se ampliam conforme a paisagem de areia vai se transformando (MONTANER, 2014, p. 56)

Figura 24: Cooperativa Ciudad Abierta de Ritoque

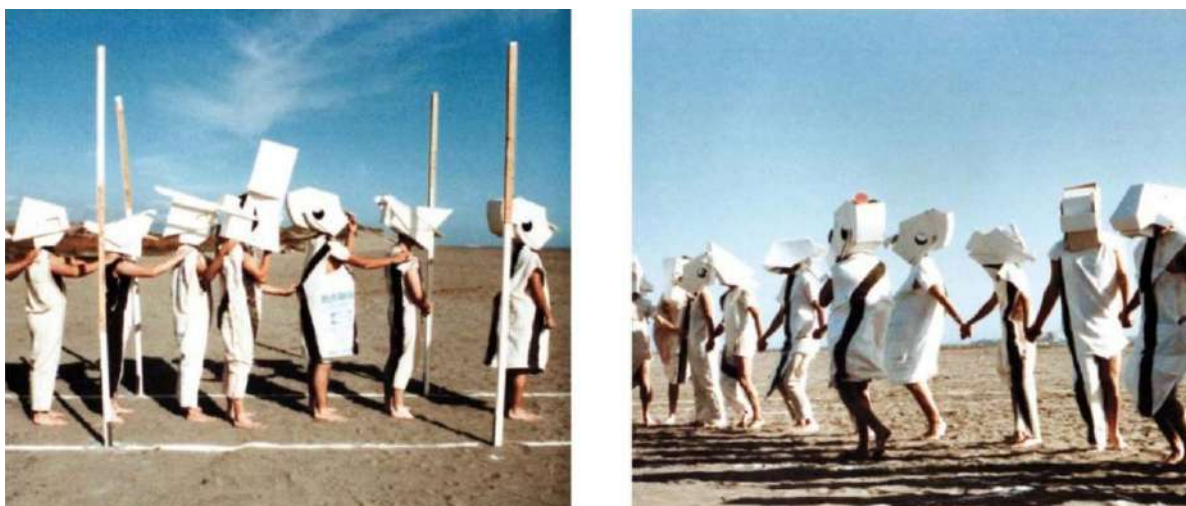


Fonte: Cristobal Palma³⁸

³⁸ Disponível em: <https://www.architectural-review.com/essays/revisit/revisit-ciudad-abierta>

Na travessia *Amereida*, desenhou-se o sentido de uma cidade aberta que rompe a tradição da conquista europeia e trazer o epicentro do ensino para a América Latina. Muitas das atividades desenvolvidas são de caráter poético, acompanhando o ensino através do folclore, a corporificação.

Figura 25: Movimento, poesia e corporificação



Fonte: Arquivo histórico José Vial Armstrong³⁹

O ensino é voltado para a prototipagem, em que, no construir com as próprias mãos, professores e alunos combinam o ofício experimentando a matéria. Como uma grande maquetaria ao ar livre, os projetos se dispõem pelo território de forma orgânica, expansiva e livre, levando em consideração as fundações, os gestos e a espontaneidade. As edificações, pitorescas e integradas ao ambiente, buscam comumente um sentido escultórico (Figura 26).

³⁹ idem

Figura 26: Experimentações construtivas, residências com diferentes volumes e materiais



Fonte: Hugo Segawa⁴⁰

A escola aberta busca promover também a abordagem interdisciplinar para a arquitetura, explorando também o paisagismo (Figura 27), com base em valores de colaboração entre os membros e a sustentabilidade no uso dos materiais, enfatizando a experiência pela prática. No desenvolvimento executivo destes projetos, dispersos na paisagem, denota-se o sentido experimental e poético. Conforme aponta Teixeira:

Na ausência da utopia, um complexo de métiers poéticos, indiferentes à permanência e tendo como função única a aparência, deve ser dita a constituição de uma cidade. Claramente, esta noção exclui a possibilidade de planejamento, já que ela se apóia na noção de deliberada criatividade. Sua existência claramente passa despercebida. Seus habitantes desempenham os papéis dos clientes, arquitetos, construtores e moradores; e a prática dos mesmos se dá espontaneamente (TEIXEIRA, 2003, p. 2).

⁴⁰SEGAWA, HUGO. Vídeo-aula Arquitetura latino-americana no século XX para Pós-Graduação em arquitetura da UFSC, 2022. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FV-hVcsMJcg&t=2930s>

Figura 27: Experimentações paisagísticas, realização dos próprios discentes. Amereida, Chile



Fonte: Hugo Segawa⁴¹

Ainda de acordo com Montaner, ao se examinar os princípios da arquitetura chilena contemporânea, com seu rigor e poética, seu realismo e experimentalismo, é perceptível como estes são fundamentados em duas experiências tão distintas: a metodologia da Cidade Aberta da Escola de Valparaíso e as teorias desenvolvidas por Juan Borchers. A *Amereida*, nesse sentido, se coloca como o ponto de partida para o desenvolvimento desse ensino:

Essas duas referências demonstram uma grande influência sobre a arquitetura chilena contemporânea e no desenvolvimento de outras experiências acadêmicas, como a Escola de Arquitetura de Bio Bio e a de Talca. Em 1999 foi criada uma nova escola de arquitetura pública na Universidade de Talca, no Vale Central do Chile, também pensada como um laboratório, com o intuito de superar o modelo da Escola de Arquitetura de Valparaíso, aproximando-se das experiências de vertente social, como a escola de arquitetura do Rural Studio no estado do Alabama. Os projetos de graduação consistem em elementos urbanos em pequena escala, como marquises, pontes, praças, observatórios, mirantes, galpões, fornos e monumentos diversos, sempre com uma relação muito próxima com a natureza e os materiais locais. Entre 2004 e 2010, mais de cem projetos de graduação foram construídos a partir de um marcante desejo de auxílio social (MONTANER, 2014, p. 56).

⁴¹ Idem

A questão das universidades chilenas valoriza a colaboração com outras instituições e organizações, tanto no Chile quanto internacionalmente. Essas parcerias permitem a troca de conhecimentos e experiências, de forma a enriquecer o trabalho realizado pelo corpo docente, promovendo a discussão alinhada às problemáticas relativas à arquitetura e do design no contexto social e ambiental.

O que se questiona, entretanto, enquanto fragilidade do eixo educacional do “modelo”, é o acesso privado desse tipo de ensino, restrito àqueles que participam do projeto pedagógico. Preso às condições do neoliberalismo na educação⁴², a perspectiva do ensino utópico na arquitetura que se inicia vinculada à PUCV entra em conflito às questões relativas ao acesso ao projeto e desenho, relações mais horizontais e à troca com os construtores. De maneira ampla, vê-se nesse tipo de ensino isolado, a experiência erudita e a provocação da utopia construída por um grupo, que apesar de transgeracional, é particular a si.

Em resumo, a cooperativa Amereida é uma comunidade cooperativa no Chile que promove uma abordagem interdisciplinar para a arquitetura, o urbanismo e as artes. Com base em valores de colaboração e sustentabilidade, a Amereida busca criar espaços e obras que estejam em harmonia com o meio ambiente e com as comunidades locais, ao mesmo tempo em que promovam programas educacionais e parcerias para enriquecer seu trabalho e contribuir para o campo da arquitetura.

⁴²Considera-se a problemática do neoliberalismo nos meios de educação como sendo a falta de elementos que permitam expandir a autonomia do pensamento e a construção de uma história coletiva para a constituição da crítica aos aparelhos de capturas.

4.2 O Experimental: Escritórios de arquitetura, Paraguai

Na perspectiva de percorrer as considerações sobre o eixo “Ensaio” da arquitetura latino-americana, delineia-se a produção arquitetônica paraguaia contemporânea enquanto representante de uma geração de escritórios que ressalta o uso de materiais expressivamente em suas obras. São abordados, portanto, as questões referentes à materialidade através da experimentação no canteiro de obras, por onde são desenvolvidos sistemas construtivos originais e inusitados, e em particular no caso do Paraguai, o tijolo maciço.

Conforme destacado por Eduardo Verri Lopes (2016), no cenário contemporâneo paraguaio, houve a consolidação de um grupo de arquitetos construtores atuantes no mercado em simultâneo às atividades acadêmicas. Sendo estes todos integrantes do corpo docente da Universidad Nacional de Assunção (FADA/UNA), professores da disciplina de projeto, acompanhou-se a formação de sociedades, formalizadas ou não, atuando em diversas obras do país nas últimas duas décadas (LOPES, 2016, p.4).

Segundo a lista apresentada por Lopes em sua pesquisa, elenca-se uma rede de profissionais com mais de quinze membros, segundo ata de 2014 levantada pelo autor, sendo estes: Solano Benítez, Javier Corvalán, Juan José Giangreco, Luis Alberto Elgue Sergio Ruggeri, Pablo Ruggero Zarza, Sergio Fanego, José Cubilla, Sonia Carisimo, Violeta Pérez, Marcelo Kublick, Cecília María Román, Rodrigo Resck, Gloria Cabral, Julio Diarte, Gizella Alvarenga, Miguel Duarte, Maureen Thompson, María Beatriz Heyn e Juan Carlos Cristaldo (LOPES, 2016, p. 4). O que chama atenção a esse numeroso quadro de professores é a dualidade entre ensino acadêmico e atuação em escritórios, na disseminação de uma postura arquitetônica de cunho socioeconômico e cultural paraguaio.

Nesse âmbito, vemos sendo conferidas a membros dessa equipe um contingente de obras arquitetônicas no Paraguai de relevância internacional⁴³. Os valores ressaltados, por sua vez, dizem respeito ao apelo estético das obras através do uso expressivo de materiais considerados banais. Sendo utilizados de maneira inusitada, brutalista, na concepção de edificações de diversos usos, comumente particulares de uso habitacional e institucional (Figura 28).

⁴³ Como aponta Lopes, há presença das obras do grupo paraguaio em diversas revistas voltadas à construção como a AIA, Mandu’a e Revista AU no Brasil, Summa+ e Plot (Argentina), ARQ (No Chile) e Casabella e Domus, na Itália (LOPES, 2016, p. 5). Destaca-se a premiação de Benítez com o Leão de Ouro da Bienal de Veneza de 2016, com o pavilhão paraguaio.

Figura 28: Casa Fanego, escritório de Sérgio Fanego + Gabinete de Arquitectura. Assunção, Paraguai, 2003



Fonte: Federico Cairolí

Nas últimas duas décadas, os escritórios paraguaios são responsáveis por criar sistemas construtivos que buscam resolver questões formais por meio de experimentação no local da construção, em busca de inovações estruturais e construtivas. Eles se libertam das normas formais e construtivas do mercado imobiliário, optando por uma expressão sem acabamentos ou revestimentos elaborados nos materiais mais comuns. Geralmente, eles combinam madeira, pedra e tijolo cerâmico para explorar a expressividade em diferentes tipos de projetos arquitetônicos.

A questão do contexto social e econômico aparece fortemente na obra arquitetônica. Dada a falta de indústrias no país, a importação é tida como a solução oficial para as crises - são comuns os carros usados importados do Japão, por exemplo. Os arquitetos desse grupo encaram a escassez como possibilidade e desafio, aproximando-se muitas vezes dos processos experimentais: se não há dentro do país uma indústria que responda às necessidades da construção, os componentes são forjados na obra ou inventados por fornecedores locais (LOPES, 2016, p. 132).

Como é possível observar na obra Casa Abu & Font do escritório *Gabinete de Arquitectura*, de Solano Benítez, emprega-se, para a construção da residência, materiais de baixo custo como tijolo, cimento queimado, peças de vidro temperado

recicladas. Na figura 29 podemos observar o teto em laje aparente de tijolos cerâmicos maciços ligeiramente inclinados, ostentando lâmpadas sem luminárias em pêndulos de cabos isolantes de borracha preta enrolados numa organização decorativa. Entre a laje e as paredes que não encostam nela, instalaram-se peças de vidro temperados de tamanhos diferentes, permitindo a iluminação passar por entre os ambientes num fechamento em mosaico.

Figura 29: Sala de estar da Casa Abu&Font, projeto arquitetônico do *Gabinete de Arquitectura*.
Assunção, Paraguai, 2019



Fonte: Acervo pessoal

Já na Fundação Teletón Paraguay (Figura 30), organização privada dedicada ao atendimento de jovens e crianças com danos musculares, esqueléticos e neurológicos, o Gabinete, vencedor de um concurso de anteprojetos de arquitetura promovido pela instituição, desenvolveu a reforma da sede. A proposta incluía a construção de um novo bloco para hidroterapia e a reformulação dos espaços abertos. Houve a intenção de romper com o estigma de frieza que uma instituição voltada para reabilitação teria sendo tipologia hospitalar, especialmente ao se tratar de uma instituição de público infantil.

Figura 30: Entrada da sede do Teletón do Paraguai. Assunção, 2019



Fonte: Acervo pessoal

Dessa forma, o Gabinete otimiza ao máximo o uso de materiais, utilizando peças pré-fabricadas para fechamentos, portas de madeira de mínima espessura e vidros reciclados. As áreas molhadas foram revestidas com porcelanato, que, para reduzir custos, foi quebrado e montado como um mosaico (Figura 31). Nesse projeto, também foi adotado um método construtivo chamado de "parede de cascote", no qual pedaços de tijolos, dos escombros da demolição, foram reaproveitados para a concepção de paredes e forros do Teletón.

Como coloca Camerin (2016) ao apresentar a maneira em como Solano Benítez e o Gabinete de Arquitectura trabalham, este explora a materialidade de forma inusitada numa intenção estética. Nos projetos de Benítez, a ação envolvendo materiais comuns, como o tijolo, tem o poder de surpreender e provocar uma sensação de estranheza, ressaltando sua relevância no contexto latino-americano (CAMERIN, 2016, p. 5). Segundo a autora, a prática de transformar o ordinário e trivial em algo peculiar e único não é uma novidade no campo das artes, existe a presença na arte de "desfamiliarização" no Formalismo Russo, exemplificando Victor Chklovski.

Figura 31: Banheiro da sede do Teletón do Paraguai. Assunção, 2019



Fonte: Acervo pessoal

Além disso, a autora também faz nota da postura de Benítez face a realização das obras. Para manter o controle sobre o processo de construção para que saiam da maneira como é esperado, o escritório torna-se gerenciadora de obras, obtendo o controle da execução dos próprios projetos:

Benítez percebeu que, geralmente, muitas decisões de projeto, principalmente as que dizem respeito ao controle de custos, ficam nas mãos do responsável pelo acompanhamento da execução da obra. Se essa pessoa não for o arquiteto que elaborou o projeto, as chances dos planos iniciais serem modificados para pior, no decorrer da execução, são grandes. Dessa maneira, o Gabinete de Arquitectura optou por somente aceitar projetos cuja execução eles pudessem acompanhar (CAMERIN, 2016, p.12).

Por meio de experimentações, os escritórios paraguaios conseguem compreender como os materiais se comportam diante das forças externas, como a gravidade, e internas, como o equilíbrio. Como se estivessem criando uma maquete ao ar livre, onde é possível visualizar a expressividade da estrutura, vai se testando a física dos materiais e suas possibilidades. Como demonstra a Figura 32, no canteiro de obras do arquiteto Ramiro Meyer, testa-se o uso de telas metálicas, comumente usadas para o fechamento de galinheiros, em associação com argamassa no molde provisória feita *in loco*, a provar a capacidade do sistema enquanto casca em argamassa armada.

Figura 32: Ensaio com materiais. Casca em argamassa armada com tela metálica de galinheiro.
Assunção, Paraguai



Fonte: acervo pessoal

Ao somar os materiais de ampla difusão do país, os tido como “banais”, em seu uso extraordinário porém dentro da lógica formal de um programa arquitetônico, como a concepção de uma moradia, o construtor local se distingue de mero operário para se elevar a artesão. Pode-se tomar como exemplo os sistemas de pré-fabricação *in loco* em diversas obras do Gabinete de Arquitectura (Figura 33), nos quais painéis de “cascotes” de tijolo e argamassa são produzidos pelos construtores locais. Para além, estes fechamentos necessariamente dispensam a aquisição da peça comprada na indústria, buscando a capacitação e manuseio do construtor com a matéria bruta. O que podemos ver é uma ousadia no manejo dos conceitos de sistemas estruturais subvertendo as limitações das técnicas artesanais e tecnologias construtivas.

Figura 33: Pré-fabricação de painéis de tijolos partidos e argamassa no canteiro de obras. Assunção, Paraguai, 2019



Fonte: Acervo pessoal

Como observou Hereñú, em seu texto de apresentação do livro dedicado a obra de Solano Benítez, que poderia (re)apresentar a todos os contemporâneos deste:

A linguagem de seus projetos não se enquadra com facilidade nas classificações correntes; as imagens produzidas durante o desenvolvimento dos projetos não recorrem ao apelo visual ao qual nosso olhar habituou-se nos últimos anos; registros de plantas e cortes são escassos e, quando os encontramos, não correspondem ao espaço construído que deveriam representar; seus métodos de trabalho são extremamente heterodoxos e a aparente rusticidade construtiva de muitas das obras esconde um grau de sofisticação técnica incomum (HEREÑÚ, 2012, p. 9).

Através do caso dos escritórios paraguaios, discute-se como se relaciona o processo de desenho, construção e experimentação por parte destes arquitetos fazedores. As condições socioeconômicas locais, e uma cadeia industrial incompleta do campo da construção civil, são vistas como oportunidades aos profissionais arquitetos, que convencem uma clientela interessada em apoiar os sistemas

construtivos diferenciados. Nesse ínterim, se percebe que os elementos e/ou materiais estruturais industrializados são parciais nas obras, e a prioridade por serem manufaturados pelos construtores, sobretudo dentro do canteiro de obras.

A inventividade e plasticidade das obras paraguaias se estende para novas gerações de arquitetos formados. Além da equipe de docentes da FADA-UNA atuantes na área, uma nova geração de escritórios de arquitetura aparecem advinda de arquitetos formados da faculdade da e ex-colaboradores dos escritórios destes mestres, inserem seus projetos pelo Paraguai, Argentina e Brasil, onde podem ser ressaltados: o Mínimo Común, Equipo de Arquitectura, Ramiro Meyer, EsteNorteEstudio, Messina|Rivas, dentre outros (Figura 34).

Figura 34: Discípulos da FADA-UNA. Na esquerda, Escritório sede de Equipo de Arquitectura e à direita, obra Catenarius, de Ramiro Meyer. Paraguai, 2019



Fonte: acervo pessoal

Nesse sentido, a ressignificação de materiais na construção artesanal desafia o senso comum e provoca a consideração da matéria como forma de expressão artística. Diversos métodos são explorados para alcançar essa expressividade: o uso de tijolos aparentes, emparelhados para criar aberturas ou curvas inusitadas, a tensão de peças de madeira, e a disposição vertical de telhas cerâmicas como fechamentos de paredes. Essas abordagens não convencionais resultam em uma configuração única, que se destaca pelo seu caráter diferenciado.

Todavia, certas vulnerabilidades são expostas no caso da experimentação da arquitetura paraguaia contemporânea. Em primeiro lugar está a contradição do

destino das obras arquitetônicas de materiais banais, quase em sua totalidade voltadas para o interesse privado. Ainda que utilize materiais de baixo custo, estas edificações de dimensionamentos generosos, e estética exclusiva, são conferidos a uma clientela com poder de consumo elevado.

Em segundo, está na monopolização do controle do projeto à equipe de arquitetura, detentora de todas as etapas do projeto de maneira vertical, advinda dos processos da construção civil mais clássica e conservadora. Como mencionado, a transformação do escritório de arquitetura, em muitos casos como gerenciadora de obras, reafirma a exclusividade e dinamismo do canteiro de obras. A experimentação, dessa maneira, se dá pelo arquiteto fazedor e não pelo construtor, que ainda que trabalhe como artesão, não tem controle do processo em que está inserido. Ou seja, mantém-se o papel esperado do arquiteto, ainda que as formas e materiais sejam distintas. Por isso, se frisa que o uso de materiais, o tijolo aparente e inusitado, por si só não rompem as questões estruturais sociais implicadas na arquitetura.

Apesar das fragilidades, a frente paraguaia de arquitetura contemporânea se destaca como grupo consolidado ao explorar a matéria criativamente. A maneira como elevam peças tradicionais, em destaque o tijolo, em diferentes sistemas construtivos em arranjos extraordinários, confere posição de destaque no que se refere à produção latino-americana. No experimental, se encontra o levante cultural através da materialidade vernacular, pré-industrial, como resolução em face às problemáticas socioeconômicas regionais.

4.4 O Comunal: Coletivos de Arquitetura, Equador

Discute-se, a partir do eixo do “comunal” na arquitetura, o fenômeno dos coletivos de arquitetura latino-americana, dando ênfase, por sua vez, na atuação dos grupos do Equador. Através destes grupos é possível visualizar questões como a qualidade técnica em projetos de expressividade de materiais locais, as autorias múltiplas e o foco em atender comunidades periféricas e periurbanas⁴⁴, em soluções de pequena escala de processos colaborativos.

O caso do Equador se destaca, nesse sentido, por dispor de uma diversidade de equipes de arquitetos que corroboram para a caracterização das práticas em coletivo, além do uso de processos colaborativos em muitos casos. Destaca-se a produção dos seguintes coletivos: Natura Futura Arquitectura, ENSUSITIO Arquitectura, Rama Estudio, ESEcolectivo Arquitectos, Actuemos Ecuador e AlBorde. É possível identificar algumas das obras, processos colaborativos e testemunho dos coletivos através do documentário *Hacer Mucho con Poco*, produzido pelo AlBorde no ano de 2017 (Figura 35).

Figura 35: cartaz do filme produzido pelo coletivo AlBorde, “Hacer mucho con poco”, onde é apresentada algumas intervenções e obras dos coletivos de arquitetura do Equador⁴⁵. Equador, 2017



Fonte: site do escritório AlBorde

⁴⁴Consideram-se como sendo áreas que se encontram numa posição de transição entre espaços estritamente rurais e áreas urbanas.

⁴⁵Disponível em: https://www.albordearq.com/hacer-mucho-con-poco_do-more-with-less

Tecendo um panorama geral que não diz respeito somente ao Equador, verifica-se como comum a atuação dos coletivos atravessa a América Latina, como, Entre Nós Atelier (Costa Rica), Colectivo720 (Colômbia), Pendiente45 (Bolívia), CAPA(Argentina), Comunal Taller(México), GrupoTalca (Chile), e Massapê (Brasil)⁴⁶. Conforme constatou a arquiteta e historiadora colombiana Silvia Arango⁴⁷, durante o SAL realizado em 2017 em Quito, Equador, denota-se nos últimos vinte anos a proliferação em diversas nações da América Latina de coletivos encabeçados por uma nova geração de arquitetos (ARANGO, 2018).

Nesse ínterim, os coletivos de arquitetura trazem o método de processos colaborativos para executar projetos arquitetônicos em pequena escala, e/ou estratégias de microurbanismo em comunidades de baixa renda. Como descreve Arango, algumas são os aspectos que, concatenados, retratam os coletivos:

Os coletivos podem ser interpretados como uma estratégia de inserção de jovens arquitetos que se inserem nas lacunas deixadas por um mercado dominado por grandes empresas de construção e grandes investidores e, em termos gerais, atuam incorporando as características de sua geração. Sua composição é aleatória: alguns são grupos com membros variáveis, que vêm e vão; outros funcionam de forma semelhante a um escritório de arquitetos com um ou dois chefes reconhecíveis e se expandem dependendo dos trabalhos que recebem; outros são formados com base em um projeto específico. Eles são nômades: são altamente móveis e podem pertencer a um grupo em um momento e depois a outro. São transnacionais: além de viajarem para diferentes países, geralmente são formados por membros de diferentes países da América Latina e, às vezes, também por espanhóis, belgas, franceses ou estudantes de universidades norte-americanas. São multidisciplinares: trabalham com cineastas, artistas visuais, músicos, sociólogos e antropólogos. São digitais: dominam as mídias atuais e podem desenvolver projetos colaborativos com pessoas que vivem em diferentes países; também criam blogs, sites e usam o YouTube e outras mídias para divulgação. São de curto prazo: querem obter um resultado tangível rapidamente e, por isso, geralmente constroem seus projetos com suas próprias mãos ou em processos participativos (ARANGO, 2018, p.1).

Em uma síntese, enumeram-se abaixo as características apresentadas por Arango em relação aos coletivos, em cinco ideias-chave:

1. Organização;
2. Nomadismo contemporâneo;
3. Composição não somente por arquitetos mas por outros profissionais das ciências humanas e sociais aplicadas;

⁴⁶ Ainda que não fazendo parte do recorte do estudo, há uma diversidade de outros coletivos de arquitetura brasileiros que poderiam também serem mencionados: Gru.a(RJ); Fundo Fica(SP); Goma Oficina(SP); Arquitetura na Periferia(MG); CoCriança(SP); Inflou(SP), dentre outros.

⁴⁷ A arquiteta colombiana Silvia Mercedes Arango possui um trabalho amplamente valorado sobre a história, teoria e crítica da arquitetura, latino-americana, destacando a *Historia de la arquitectura en colombia*(1989).

4. Ser digital, estar conectado;
5. processo produtivo pensado para ser executado pela própria equipe.

Além das caracterização do coletivos, Arango ainda atribui dois fenômenos particulares associados aos coletivos contemporâneos: a autoria múltipla e o compromisso social. Apresentando os conceitos em linhas gerais, estes seriam os elementos que diferem a postura do arquiteto de coletivo ao arquiteto dito como conservador.

No que diz respeito à autoria múltipla, a autora apresenta-a enquanto postura que os coletivos assumem em distinção à assinatura individual, conferindo equidade a todos os membros da equipe no protagonismo do projeto arquitetônico. Nesse sentido, os membros são vistos como unidade, em contraposição ao que ocorre quando a autoria individual replica a ideia de um único arquiteto que está associado à imagem do projeto arquitetônico, ignorando toda a rede de outros arquitetos colaboradores do processo. Assim,

Em uma primeira aproximação, pode-se dizer que a insistência em dissolver a autoria individual em coletivos obedece a uma reação imediata contra o star-system, com sua lógica de classificação e de vencedores e perdedores, que rarefaz o panorama arquitetônico. Evidências contemporâneas mostram como os processos de projeto em grandes escritórios de arquitetos internacionais se tornaram um processo de produção de produtos vendáveis. Um exemplo disso pode ser visto em um exame da folha de dados técnicos da Port House em Antuérpia, Bélgica, pelos arquitetos Zaha Hadid e Patrick Schumacher. A ficha técnica contém o nome do "gerente de projeto", que é diferente do "arquiteto de projeto", e os nomes dos sete membros da "equipe de projeto". Além disso, os nomes dos oito arquitetos da "equipe de competição" também estão listados, sendo que nenhum deles é o mesmo que os nomes acima (ARANGO, 2018, p. 2).

Figura 36: *Port House Headquarters*, Antuérpia, Bélgica, e equipe responsável pelo projeto



Port House headquarters

Architect: Zaha Hadid Architects

Design: Zaha Hadid and Patrik Schumacher

Project team: Joris Pauwels (project director), Jinmi Lee (project architect), Florian Goscheff, Monica Noguero, Kristof Crolla, Naomi Fritz, Sandra Riess, Muriel Boselli, Susanne Lettau

Executive architect: Bureau Bouwtechniek

Structural engineer: Studieburo Mouton Bvba

Photographs: Nick Hannes

Fonte: *The Architectural Review*

Vale também destacar o modelo de processo colaborativo imbuído na autoria múltipla, em vista que o conceito de processo colaborativo não é novidade. Em 1969, Sherry Arnstein pontua em seu artigo intitulado “Uma escada da participação cidadã”, sobre como a importância da participação do usuário e do cidadão no processo conceitual tem sido colocada na agenda dos Estudos Urbanos. Além da autora, Christopher Alexander (1978), levanta uma abordagem arquitetônica muito mais eficaz em ‘pequenas’ doses, ou seja, trabalhos mais pontuais e colaborativos às necessidades de um ambiente comunitário imediato em detrimento de trabalhos em larga escala, que muitas vezes não são assertivos.

Já em relação ao compromisso social, Arango ainda dialoga sobre questões conferidas à nova geração de arquitetos, pautadas sobre as diretrizes de sustentabilidade e de assessoria técnica popular. Diferentemente das obras

públicas já desenvolvidas em comunidades latino-americanas desde a década de 1960, nos casos de Bogotá e Medellín, na Colômbia, e do Rio de Janeiro e São Paulo, no Brasil. Para além da implementação de técnicas de pré-fabricação - como as soluções empregadas pelo arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé no Rio de Janeiro e em Salvador nas décadas de 1980 e 1990 -, são abordados além das questões sobre o direito à cidade, as de sexualidade (Figura 37), racismo e gênero, pelos coletivos:

O entendimento da nova geração sobre o engajamento social se afasta das intenções altruístas e caritativas que permearam a arquitetura participativa dos anos 60 e 70 e está mais próximo da incorporação de novas lutas contemporâneas. Para a nova geração, os compromissos sociais não incluem apenas as diferenças entre as classes socioeconômicas, mas também as diferenças em aspectos que as envolvem diretamente, como tolerâncias sexuais e de gênero, identidades culturais, responsabilidades ecológicas ou demandas feministas (ARANGO, 2018, p. 3).

Figura 37: “Atos da dominação e violência patriarcal a partir da arquitetura”. Publicação nas redes sociais do Comunal Taller, coletivo mexicano. Novembro, 2021



Fonte: Rede social instagram do Comunal Taller⁴⁸

Através do entendimento das demandas específicas do grupo ao qual realizam a intervenção, está o constante debate como fator determinante dos processos de concepção, nos quais os meios são mais relevantes que o fim. Em sua dissertação, a qual caracteriza a presença dos coletivos de arquitetura

⁴⁸Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CVvRM3kLbd0/>

contemporâneos em face às problemáticas do neoliberalismo, Reis (2022) dá como ênfase o compromisso social imbuído à arquitetura dos coletivos, dando destaque à relevância do método destes processos colaborativos. Valorando os processos colaborativos, como expõe Reis, o desenvolvimento do projeto em si é muitas vezes mais relevante que o resultado final do projeto para os coletivos de arquitetura:

Frequentemente o processo tem primazia sobre o resultado, até porque este muitas vezes é a representação do processo. Nestes casos, documentos / intervenções produzidas registram os debates, marcam as diferentes etapas do trabalho e materializam uma memória do projeto, enquanto os arquitetos assumem o papel de intérpretes da demanda social, colaborando com a sua sistematização e, através dos projetos, abrindo espaços para que estas se expressem ou materializem (REIS, 2022, p. 93).

Por fazerem parte do projeto executivo e de mediar as demandas da comunidade, os projetos arquitetônicos nos coletivos têm grande propensão à adaptabilidade e mudanças durante a execução. É importante ressaltar para esse tipo de posicionamento social, a contribuição para que, ao elaborar projetos visando atender às necessidades da realidade em que estão inseridos, seja possível identificar os elementos que fazem parte da vivência das pessoas e, assim, construir uma identidade cultural do local.

Os coletivos de arquitetura de um modo geral exercem o diferencial aos escritórios de arquitetura mais “conservadores” de se colocarem em conjunto com o processo. Ao invés da hierarquização de processos que separa o projeto arquitetônico da execução, os arquitetos e dos construtores.

Nesse âmbito, outro fator reportado é o empenho destes grupos para a captação de recursos para o desenvolvimento dos projetos. Apartado dos meios de captação mais diretos de clientes, comumente de interesses do setor público ou privado, os coletivos subsidiam seus projetos arquitetônicos por editais, parcerias e participação também da comunidade local nas etapas de execução:

Ao longo de um processo participativo, os arquitetos costumam ocupar papéis diversos, cuja validação pelos demais agentes depende do contexto e das ações realizadas. Assim, desenvolve-se uma prática ampliada, mas que, ao terem por base as ferramentas, métodos e habilidades próprias da disciplina, ainda circunscrita à arquitetura. Neste âmbito, sublinha-se a relevância de uma outra capacidade que tais profissionais possuem: por serem hábeis na resolução de questões entre práticas artísticas, urbanas, sociais e políticas, têm uma formação estratégica para ocuparem a posição de gerir tensões, de modo que muitas vezes ocupam um lugar de mediação nos processos que desenvolvem. Além disto, como já foi visto, cabe ao arquiteto também coordenar as demandas, determinar as matrizes do trabalho coletivo, montar a narrativa e, quando necessário, procurar meios de viabilizar financeiramente a concretização da intervenção, visto que a prática destes coletivos não se insere nas dinâmicas mercantis tradicionais

do exercício da profissão. Tendo isto em consideração, o desenvolvimento de processos participativos por vezes parte também da necessidade de estabelecer relações de aliança que permitam a existência da prática (REIS, 2022, p. 109).

Figura 38: Construção de habitação flutuante para um reparador de canoas e pescador, por meio de financiamento coletivo e mutirão . Babahoyo, Equador, 2020



Fonte: Natura Futura

Os coletivos de arquitetura subsidiam seus projetos, os voltados para a comunidade, através de financiamentos de instituições privadas, parcerias e oficinas com o meio acadêmico, editais públicos de assessoria técnica popular, financiamento coletivo etc. O foco, da ativação de espaços públicos de demanda da comunidade a edificações de uso educacional ou habitações unifamiliares, são constituídos a partir de processos participativos, normalmente na micro-escala, de intervenções pontuais. Os projetos, no seu viés social e tecnológico, estabelecem processos contra-hegemônicos da produção formal da arquitetura, no que se diz respeito aos processos de desenho, execução, logística e canteiro.

Além dos elementos destacados, da autoria múltipla e do compromisso social, um terceiro elemento pode ser observado nas práticas coletivas do Equador. No caso destes grupos registra-se ainda a inventividade e expressividade do produto final pela técnica construtiva, ao utilizarem-se materiais locais numa concepção arrojada e de qualidade. Na casa Toquillas (Figura 39), protótipo de residência, apresenta-se o uso da cana-de-bambu para a estrutura e fechamentos da residência, além do uso de palha de coqueiro para a coberta.

Figura 39: Casa Toquillas, Rama Estudio. Portete, Equador, 2021



Fonte: Rama Estudio

Ao analisar o exemplo da casa de Meche (AYARZA; RODRÍGUEZ; VILLACÍS, 2019), projeto de reconstrução de uma residência na comunidade rural chamada Pedro Carbo, localizada na região cacaueteira do Equador, é possível destacar a maneira a qual se sucederam as ações mediadas pelo coletivo ENSUSITIO. O projeto foi possibilitado pela articulação do coletivo com a empresa de chocolates PACARI, a Faculdade de Arquitetura da Universidade Católica do Equador (FADA-PUCE) e a comunidade de cacaueteiros vizinha a Meche e sua família. A antiga residência da cabeleireira Meche (Figura 40) foi destruída pelos terremotos que assolaram o país no ano de 2016.

Figura 40: Reconstrução da casa de Meche, projeto de residência em comunidade rural de Pedro Carbo, Equador



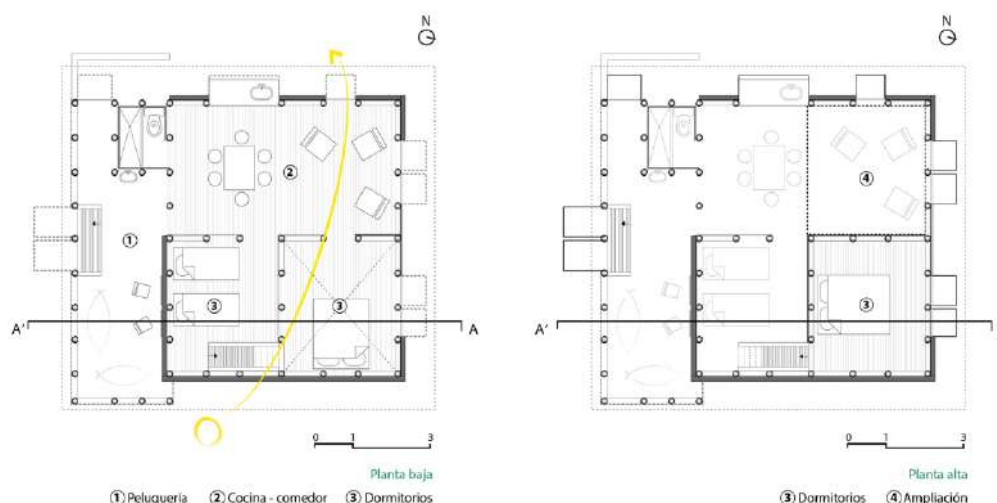
Fonte: ENSUSITIO Arquitetura

O registro do processo da Meche (AYARZA; RODRÍGUEZ; VILLACÍS, 2019) narra em como, após considerações a respeito das preocupações expressas pelos participantes do workshop aos problemas decorrentes do terremoto, são decididos os seguintes aspectos: garantir fundações seguras; implementar medidas de contenção de terra; selecionar uma localização adequada para os banheiros e a cozinha; utilizar o bambu, da espécie cana de guadua, para a estrutura e terra para as paredes.

Vários meses se passaram desde o terremoto e o processo de oficinas e execução, e, como apontam os autores do livro sobre o projeto da casa de Meche, uma das propostas foi buscar interromper o “ciclo de pobreza” da família,

incorporando programas para ofício numa habitação de uso misto, como um salão de cabeleireiro no novo programa da casa (Figura 41). O caso exemplifica a comunicação direta entre a família a quem será realizada o trabalho, de maneira que o coletivo se insere no processo também como mediador da empresa PACARI, que custeia a obra da reconstrução, e a família.

Figura 41: Planta Baixa dos dois níveis da casa de Meche



Fonte: ENSUSITIO Arquitetura

Em relação à execução, ressalta-se que o uso de bambu e argila ocasionaram estranhamento dos vizinhos e construtores locais. Apesar de conhecerem os materiais, havia o estigma de vê-los como de baixa resistência e má qualidade. Ainda assim, as equipes foram divididas e a construção prosseguiu com a participação da comunidade e dos arquitetos (Figura 42).

Figura 42: Etapas de montagem da estrutura, revestimento e fechamento com argila e bambu



Fonte: ENSUSITIO Arquitetura

Em suma, o exemplo da casa de Meche infere em como o objetivo principal do processo se torna a abordagem integrada à comunidade de maneira respeitosa. O caso deixa também evidente a maneira em que solução arquitetônica, enquanto mérito individual do coletivo, afastada do canteiro e da mão de obra nos moldes da arquitetura mais conservadora, é colocado num plano secundário, existindo de forma mitigada.

Dessa forma, a discussão sobre os coletivos equatorianos, possibilita a triangulação dos temas do compromisso social, autoria e expressividade material, imbuídas em suas obras. Estes três elementos, indissociáveis durante o planejamento e as práticas cotidianas dos coletivos, por sua vez, tornam estes grupos como exemplos de exceção.

A não autoria do projeto demonstra uma postura de oposição ao sistema vigente, permitindo que as particularidades de cada participante do processo de projeto e construção sejam valorizadas, sem a necessidade de creditar o resultado a um único indivíduo ou responsável, mas ao grupo como um todo.

Figura 43: Construção da Escuela Nueva Esperanza em toras de madeira disponíveis nas proximidades



Fonte: coletivo Al Borda

Além disso, o compromisso social surge como um complemento, pois valoriza a sensibilidade ao abordar a população e busca se adaptar às suas condições, especialmente em intervenções que ocorrem em áreas periféricas carentes de uma arquitetura de qualidade. Dessa forma, a atenção é direcionada não apenas para o baixo impacto ambiental, mas também para a contribuição social, com o objetivo de integrar-se à cultura local e oferecer qualificação profissional, quando aplicável, para estabelecer um denominador comum entre a técnica e o vernáculo.

Em relação à expressividade material utilizada nas práticas dos coletivos equatorianos, temos a visão de projetos que combinam técnicas vernaculares com um desenho arquitetônico contemporâneo. Concomitantemente, esta produção arquitetônica mais ativista tangência o trabalho artesanal e, por estar acompanhada de perto pelos arquitetos que conceberam o projeto arquitetônico, o maior controle da execução.

Vale-se questionar, entretanto, a vulnerabilidade advinda da informalidade na profissão bem como de suas limitações. Apesar de idôneos, os coletivos apresentam ainda as fragilidades oriundas da geração de arquitetos autônomos que não estão dentro da cadeia de processos da construção civil hegemônica. Outro fato questionável, como visto no exemplo da casa de Meche, é que a ressignificação e uso de materiais locais pelos arquitetos, é contraditório. Por vezes, os moradores ainda tem resistência a uma estética tão fora do senso comum.

Sobre os coletivos, e em particular o caso do Equador, é importante também ponderar que, em função do processo de formação tradicional de nossa categoria e do modelo hegemônico de atuação profissional, muitas vezes reproduzimos relações hierarquizadas mesmo quando envolvidos com métodos participativos.

Em suma, os coletivos de arquitetura do Equador representam uma massa consistente de grupos que trabalham a partir de pequenas doses pela América Latina. Suas relações com o processo e a comunidade se dão de maneira horizontal, inserindo o arquiteto como membro crucial durante todo o processo, facilitador, gestor, construtor e desenhista. Além do articulador.

4.5 O Fantástico: Os cholets de El Alto, Bolívia

Como um exemplo do eixo referente ao “Fantástico”, que visa discutir o modelo universal e visual absorvido por uma classe média latino-americana, estão os coloridos edifícios *alteños* na Bolívia. Denominados popularmente como *cholets*, combinação de *chalet* (ou chalé) e *cholo* / *chola*, pelo cidadão indígena *aymara* com as tradicionais vestes campesinas, estes emblemáticos edifícios entre três e oito pavimentos vem tomando destaque pela exagerada quantidade de informação, adornos e cores vibrantes, em contraste ao árido e monocromático cenário construtivo e urbano de El Alto.

A nova arquitetura “tipo *alteño*” desenvolvida por Freddy Mamani Silvestre, profissional autônomo de ascendência indígena, divide opiniões no meio acadêmico, e realinha o cenário do mercado imobiliário rumo a uma estética, que, apesar de exclusiva, tem grande aceitação das classes sociais mais populares. A estética inusitada dos Cholets de El Alto são usados para exemplificar o direcionamento de um dos caminhos da arquitetura latino-americana, que ressalta o kitsch, o desejo popular e as abstrações da euforia do global coexistem, no qual “tudo remete a tudo”, destacando o que chamamos por Fantástico.

Os cholets surgem num cenário de expansão urbana e de carência de espaços públicos. Como apresenta Samuel Hilari (2022), a cidade de El Alto, conformada originariamente como um subúrbio satélite de La Paz, capital da Bolívia, passou, nas últimas décadas por uma expansão urbana gerada pelo aumento populacional na região metropolitana, que culminou no crescimento de El Alto e na sua autonomia da capital. A principal razão para tal fenômeno foi a saturação do território de La Paz e a migração de trabalhadores para os centros urbanos.

Figura 44: “cholets” em via arterial em El Alto. Os edifícios coloridos e ostensivos destoam-se da baixa infraestrutura urbana e das outras edificações em tijolo aparente



Fonte: acervo pessoal

Sobre a morfologia urbana, ainda segundo o autor, a expansão de El Alto se deu por um processo de “lote por lote”, onde os bairros foram surgindo à medida em que novos moradores se assentavam e construíam suas moradias ou pontos comerciais.

Na conjuntura do exposto, as necessidades do lazer passaram a ser desenvolvidas no espaço interno das edificações privadas. É justamente o que foi chamado por “salão de eventos dos cholets”, que “proporciona o marco físico para

eventos e rituais como a festa, e em menor medida, o esporte, que concentram as dinâmicas sociais da cidade” (HILARI, 2022, p.25). Sendo introduzido no programa de edifício comercial de uso misto, o salão de eventos se torna a ambiência principal do empreendimento (Figura 45).

Figura 45: Corte esquemático apresentando o programa de usos de um cholet



Fonte: Samuel Hilari

A estes grupos que migraram na expansão da cidade é pertinente apontar que são de uma maioria indígena (HILARI, 2022, p. 67), e nesse âmbito, fatores como a ascendência *aymara* do meio rural corroboraram com um tipo de arquitetura mais afastada da produção formal de La Paz. Além disso, a ausência de precedências de uma elite branca em El Alto, permite a essa nova classe média de ascendência indígena a liberdade de uma nova concepção de edifício, suprimindo as deficiências de um contexto urbano de vulnerabilidade em infraestrutura e espaços públicos.

Como aponta Giroto (2022) no artigo *¿The new mestiza? Arquitectura e identidad en la frontera*, é notável, nesse sentido, a maneira em que os cholets se tornam um símbolo de empoderamento local, subvertendo o termo pejorativo “cholo”, para definir o mestiço:

Inicialmente considerado pejorativo, o adjetivo cholet foi incorporado como um emblema do orgulho cholo, um termo que, por sua vez, passou de um marcador racial preconceituoso a um símbolo de uma identidade baseada em características etnoculturais, o que complica as análises pacificadoras da mestiçagem. Originalmente, o termo era usado para designar pessoas que haviam passado por pelo menos um processo duplo de mestiçagem, no qual predominava o fator racial indígena (GIROTO, 2022, p.20).

É inegável, pois, o sucesso dos cholets no imaginário popular. As miniaturas das edificações alegóricas estão dispostas em diversas feiras locais, se tornando um símbolo de desejo e poder para a população boliviana. Na figura 46, podemos ver um dos quiosques de brinquedos na tradicional *Feria de las alasitas*, vendendo vários modelos diferentes de cholets. Para além das questões formais da arquitetura, o caso dos cholets defronta também a sucessão de valores identitários, pelo empoderamento da cultura e signos indígenas dos povos *aymara* mesclados aos signos da universalização estética de materiais e produtos.

Figura 46: Stand de brinquedos na feira das “alasitas” com maquetes dos cholet



Fonte: acervo pessoal

Em vista da controversa crítica arquitetônica em cima da obra de Mamani⁴⁹, sua designação perpassa os mais divergentes termos, vista por alguns ousadamente o chamam por “estilo neoandino”, ou apresentada em um sentido

⁴⁹Freddy Mamani não possui formação em arquitetura. Originário de uma pequena vila aimara chamada Catavi, ele deu início à sua carreira há duas décadas como auxiliar de construção, porém sua ambição o motivou a ingressar na Faculdade Tecnológica de Construção Civil na Universidade Mayor de San Andrés em 1986. Em seguida, ele prosseguiu seus estudos na área de Engenharia Civil.

VALENCIA, Nicolás. "Freddy Mamani e o surgimento de uma nova arquitetura andina na Bolívia". **ArchDaily Brasil**, Janeiro 2016.

pejorativo como a arquitetura “*transformer*”, fazendo alusão aos blockbusters hollywoodianos de robôs gigantes.

Construtivamente, por detrás de suas fachadas ostensivas com materiais universais, como placas de ACM e vidros coloridos, adornos alegóricos de símbolos *aymara*, como a cruz andina, os cholets resguardam uma estrutura dentro do comum com fechamentos de tijolo e o sistema trilitico estrutural de viga, pilar e laje em concreto armado, ordinária a todas as outras edificações do centro urbano boliviano. Como expõe Giroto, há controvérsia na simplicidade da construção maquiada por tantos adornos, além dos processos de execução em si:

Por trás da “pele” hipermoderna, revestida de materiais importados principalmente da China, esconde-se uma “carne” construída com tijolos de cerâmica comuns e estrutura de concreto moldada no local. Embora a digitalização e a automação das relações de trabalho e produção estejam avançando aos trancos e barrancos nos países ricos e de renda média, arquitetos como Mamani ainda desenham partes do projeto diretamente nas paredes para que os pedreiros saibam como construí-lo. A contradição entre a imagem construída e a realidade real se reflete no cinismo do luxo desses “palácios andinos”, cuja exuberância ornamental obscurece sua construção rudimentar e as condições precárias de trabalho. Por trás da aparência de sonho, cuja riqueza serve como uma apologia ao sucesso individual, estão ocultas as falsas promessas do capitalismo global assimétrico (GIROTO, 2022, p.23).

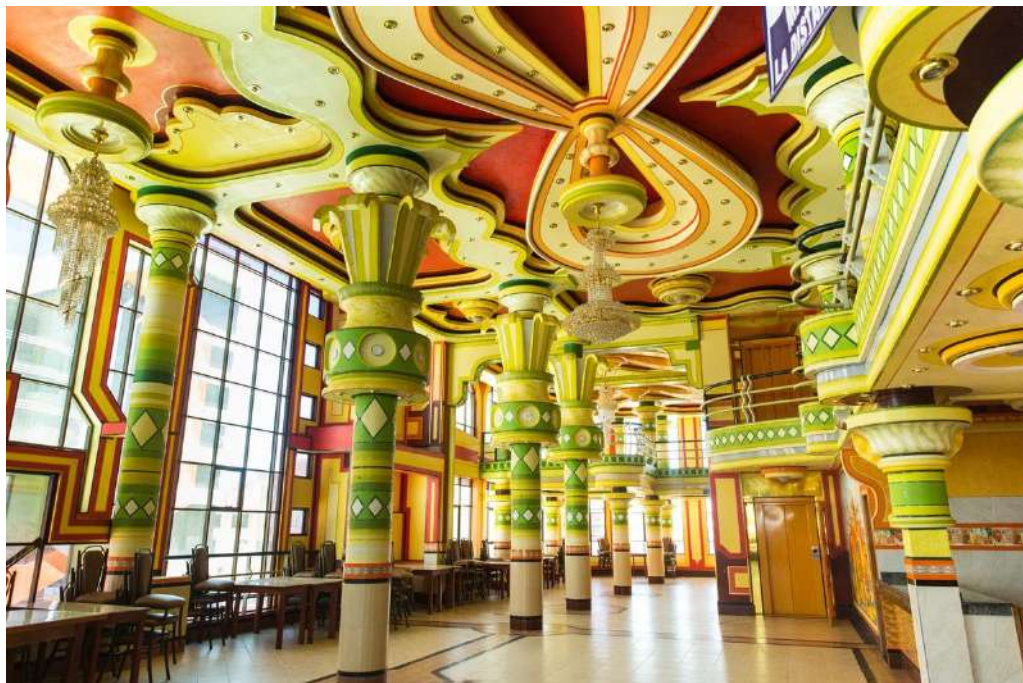
Pela combinação da cultura material, levantam-se questionamentos em relação aos limites do regional influenciado pela ode ao hegemônico, tomando o fenômeno do Kitsch como pontos de discussão.

Utiliza-se o termo *Kitsch* como sendo a tradução do fenômeno social atrelado à abundância da produção de bens de consumo que acabam por ditar desejos estéticos universais (FERREIRA, 2017, p. 123). O Kitsch, ou a objetificação máxima ao consumo, pode ser visto como a tentativa de ostentar luxo, poder. Conforme Ferreira sugere, “os objetos podem funcionar como reveladores de um nível social ou mesmo de um nível de civilidade, já que as pessoas buscam demonstrar certo conhecimento ao possuir ou usar certos objetos” (FERREIRA, 2017, p.126). De acordo com o autor, a partir da discussão em Moles, ao kitsch também está uma correlação com alienação cultural:

Definimos a alienação cultural de uma sociedade pelo desequilíbrio numérico entre produção e consumo de bens culturais. A relação receptores / emissores de mensagens nos dá uma ideia da situação. O cidadão da idade Kitsch recebe e consome os elementos artísticos ou culturais do mundo em seu tempo livre, e só age sobre o mundo através de um trabalho parcelado, desprovido de significações – ou seja, de Gestalt de conjunto, de coerência mental – trabalho de que está efetivamente separado, e mesmo alienado. O processo alienante do Kitsch emerge desta relação, semelhante ao desvio do artesanato em um bricolage (do it yourself) desprovido de

significação econômica e cultural (MOLES, 1998, p. 40-41 apud FERREIRA, 2017, p.127).

Figura 47: interior do Cholet do empresário Rene Calisai



Fonte: Mariana Eliano⁵⁰

Por um lado, encontramos no caso dos *Cholets* as fragilidades referentes à arquitetura-produto. O problema levantado é que, por trás da estética diferenciada da realidade local, existe a busca pela exclusividade, em se mostrar intencionalmente ostensiva. Como argumenta Jorge (2013), uma das problemáticas dessa “arquitetura exclusiva” está em como ela coage aqueles que não estão inseridos no sistema:

Aos poucos, os indivíduos que permanecem fora desse sistema, sentem-se deslocados, desiludidos, incapazes de competir e ganhar o prestígio dos usuários consagrados. A vida, sem sentido, pela condição inatingível de absorver uma satisfação momentânea, é banalizada por uma excludente estratégia social, que converte o espaço físico como um mero objeto de satisfação (JORGE, 2013, p. 5).

Por outro lado, a ressignificação dada por autores à construção popular, dita *neovernacular*, ou aquela sem arquitetos no seu sentido mais formal, quebrando o discurso, outrora tendencioso, do impacto e da validade destes processos artísticos e populares. Em *Concepts of Vernacular Architecture* (2012), Brown e Maudlin

⁵⁰Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/internacional/2021-10-31/os-cholets-as-casas-da-nova-burguesia-boliviana.html>

exploram como o termo de arquitetura vernacular extrapola diversas questões sobre “cultura, tradição e técnica construtiva”. A partir do caso estadunidense, os autores consideram como parte do vernáculo toda a arquitetura popular e sem arquitetos, e podendo fazer parte da arquitetura do dia-a-dia.

Assim, como discute Ferreira (2017), baseando-se nas ressalvas de Moles (1977), ao contestar o estigma que paira sobre o *kitsch*, a esteticidade do universal e simultaneamente do popular, diz respeito a uma ação libertadora. O *Kitsch* pode ser abordado enquanto democratização da “arte”, uma forma que já faz parte do cotidiano:

Pensando nas funções culturais do kitsch, esse modo de operar na sociedade oferece ao indivíduo o prazer e a espontaneidade que estão alheias à ideia de belo ou feio, pois dão ao indivíduo a oportunidade de participação e inserção em sistemas de participação até então limitados a ele. O kitsch, nesse sentido, recupera o talento artesanal do indivíduo de uma maneira geral e pode ser relacionado a uma prática subversiva que se dá no dia a dia. Da mesma forma, Moles acredita que o kitsch assume uma função pedagógica, mas que, quase sempre, é negligenciada pelas conotações negativas que o termo carrega (FERREIRA, 2018, p. 128).

Na arquitetura, no século XIX, a construção da cidade de Nova York e seus edifícios, principalmente em Manhattan, apoiava-se em práticas kitsch que buscavam, principalmente a decoração da estrutura dos pilares como uma maneira de embelezar e recuperar os estilos já conhecidos e fornecidos pelas arquiteturas já consagradas como a egípcia ou a gótica, entre outras. “Como os antigos já haviam encontrado estilos, bastava copiá-los, pois quanto mais rico, maior o número de estilos”, diziam os arquitetos desses edifícios. Assim, da mesma maneira, o autor comenta que, mesmo após o *modern style*, o kitsch consegue encontrar formas de se infiltrar nas visões dominantes através de elementos funcionais que se encontram desviados de seus sentidos a fim de construir elementos decorativos e destituídos de qualquer significação funcional (FERREIRA, 2018, p. 128).

A maneira como o fenômeno *kitsch* conferido aos cholets de Mamani é bem apropriado pela população *aymara* urbana, como elemento fantástico e até certo ponto, empoderador. Ainda que destoando de antecedências, pode-se afirmar que nesta contradição do hegemônico desencontrado ao vernáculo, a estetização universal da obra de Mamani é muito particular por ter um estilo próprio e identitário local.

O que é atualmente discorrido como arquitetura popular, não apenas retoma o passado, mas mistura todos os períodos: passado, presente e futuro. Cruzes andinas e outros símbolos regionais podem ser visualizados em algum dos desenhos de fachada, feitos manualmente pelo arquiteto. Já não se deve encarar a

presença apenas como um revival do *kitsch*, mas sim como uma justaposição caótica que rompe com a possibilidade de um significado único.

O caso dos cholets é dicotômico, ao transitar entre uma solução particular e de apelo cultural, porém simultaneamente absorvida e reproduzida pelo mercado *alteño*. Para os caminhos da arquitetura, são vistas as contradições entre o individual e o coletivo, bem como a divergência da realidade do setor da construção para com políticas de minimização de impactos ao meio ambiente. A “nova cara” da construção civil boliviana não dialoga com as narrativas de novas visões de desenvolvimento carregadas pelo Bem Viver e do respeito a Mãe Terra, *Pachamama*. A adoção de materiais custosos, que carregam consigo processos industrializados os quais geram um grande impacto ambiental, em detrimento aos de menor impacto.

Apesar disso, um ponto a ser colocado é a maneira como o fenômeno kitsch dos cholets é bem apropriado pela população *aymara* urbana, como elemento fantástico e até certo ponto, empoderador. Ainda que destoando de antecedências, pode-se afirmar que nesta contradição do hegemônico desencontrado ao vernáculo, a estetização universal da obra de Mamani é muito particular por ter um estilo próprio e identitário.

4.6 A ARQUITETURA DO BEM VIVER

4.6.1. As conexões entre o Bem Viver e as práticas arquitetônicas

De maneira a construir uma coesão entre os eixos abordados da arquitetura contemporânea latino-americana e o Bem Viver, objetivo da pesquisa, levantam-se para tanto, categorias provenientes da relação da cosmovisão indígena com a construção, a arte e o técnico. Desse modo, através do método de representação

gráfica de cartografias relacionais, apresentam-se palavras-chave que permitam construir a relação entre condutos, expressadas pelas contraposições exploradas durante o trabalho entre hegemônico - relacionada à arquitetura produtivista - e contra-hegemônico - à arquitetura do vernáculo. No caso foram elencados os seguintes elementos: fator cultural, fator econômico, materialidade, estética e forma, condicionantes climáticos, individual e coletivo, atores envolvidos (cultura técnica), predominância e densidade.

Com essa finalidade foram elaborados os cruzamentos das categorias de análise advindas dos quatro estudos de caso expressados através do método da cartografia relacional, apresentado por Deleuze e Guattari (1980). Numa breve explanação do método, a cartografia relacional é a abordagem central da obra conjunta dos autores "Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia", publicada em 1980. Deleuze, um filósofo, e Guattari, um psicanalista, propuseram o conceito de rizoma como uma metáfora para descrever a natureza complexa e não hierárquica das relações sociais, culturais e cognitivas. Em contraste com a estrutura de raízes de uma árvore, o rizoma seria a rede de conexões horizontais que se expande em múltiplas direções.

Pontua-se ainda que uma das principais contribuições desse conceito é a desestabilização das hierarquias tradicionais de poder e conhecimento. A estrutura em rizomas desafiaria as estruturas de autoridade e centralização, permitindo que múltiplas vozes e perspectivas sejam levadas em consideração.

Deleuze e Guattari inferem a noção de cartografias relacionais como a expressão de informações subjetivas a partir de uma análise teórica-metodológica-empírica do objeto. A produção de "mapas" desse estudo dirigido por sua vez complementam a informação textual. De acordo com Lemos e Oliveira (2017), através da produção da cartografia relacional, busca-se a conexão subjetiva de elementos a uma primeira vista desconexos:

Diferentemente do desenvolvimento gráfico de mapas, relacionados principalmente a um território físico, os autores versam a respeito da cartografia como um meio para interligar aspectos da pesquisa, inclusive elementos que aparentemente não teriam ligação, mas que podem sim estabelecer conexões que propiciam resultados e questionamentos importantes. Assim, tenta-se diminuir as fronteiras entre o pesquisador e o campo de pesquisa, em busca dessas conexões. Deleuze e Guattari, referem-se à cartografia não no mesmo sentido da geografia, mas apoderam-se do termo dando significado ao planejamento de mapas em um território existencial e subjetivo (LEMOS; OLIVEIRA, 2017, p.45).

A cartografia relacional entra como recurso da pesquisa a fim de promover o mapeamento das interpretações resultantes do estudo. Estas cartografias subjetivas resultam em chaves complementares ao texto não tendo efetivo valor isolado, entretanto, como mencionado, têm a finalidade de traduzir o Bem Viver para as práticas arquitetônicas destrinchadas nos quatro eixos propostos.

Destarte, foram estabelecidos critérios no intuito de assumir consonância com as quatro categorias do Bem Viver apresentadas anteriormente no capítulo 2.2.4: Não-opulência, Biocentrismo, Justiça Radical, Prevalência do coletivo sobre o individual. A interpretação destes quatro valores do Bem Viver foi conduzida através da análise das 6 categorias conferidas às práticas arquitetônicas de: Impacto ambiental; Expressão estética; Hierarquia no canteiro de obras; Tecnologia dos materiais utilizados; Valor de troca ou uso do empreendimento; e tipo de autoria do projeto arquitetônico.

As seis categorias foram estabelecidas a partir da matriz comparativa entre as contraposições referentes ao produtivismo na arquitetura e o vernáculo, expressa no capítulo anterior. Nesse sentido, foram elencados elementos de contraposição de cada categoria, em que é possível estabelecer o paralelo entre as interpretações que se aproximam e se afastam do Bem Viver enquanto condutor da arquitetura: no exercício da profissão, da edificação e seu canteiro de obras.

Para tanto, discutem-se através dessas práticas a sustentabilidade exigida pelo Bem Viver, na responsabilidade ambiental e social na cadeia construtiva. Desde o ofício enquanto arquiteto, produção do projeto arquitetônico e relação de trabalho no canteiro, para a responsabilidade social da edificação construída. Ainda, aponta-se de maneira mais subjetiva as questões de expressividade de cunho estético e artístico das obras, compreendendo a ótica do Bem Viver o acesso indissociado da cultura material e técnicas construtivas em uníssono à sociedade, não somente restrito ao erudito.

Apresenta-se a seguir a breve descrição de cada uma das categorias mencionadas, nas quais cada prática se insere tangencial ao Bem Viver, bem como, se desvencilha:

- Impacto ambiental: Alto ou baixo.

Baixo impacto ambiental: Refere-se a atividades, projetos, produtos ou processos que têm um impacto mínimo ou insignificante na cadeia do processo construtivo sobre o meio ambiente. Assim, são caracterizados por serem sustentáveis, ou seja, têm uma pegada ambiental reduzida, minimizam o consumo de recursos naturais, a geração de resíduos e as emissões de poluentes. Além disso, geralmente promovem a conservação dos ecossistemas, a preservação da biodiversidade e a mitigação das mudanças climáticas.

Alto impacto ambiental: Ao contrário do baixo impacto ambiental, atividades, projetos, produtos ou processos da cadeia construtiva têm efeitos significativos e negativos sobre o meio ambiente. Essas atividades podem causar a degradação de ecossistemas, a poluição do ar, da água e do solo, a perda de biodiversidade, o esgotamento de recursos naturais e contribuir para as mudanças climáticas.

É importante ressaltar que o conceito de baixo e alto impacto ambiental pode variar dependendo do contexto e da escala de análise. No contexto da pesquisa, que considera obras arquitetônicas a uma baixa escala, a definição de impacto ambiental implicará mais especificamente no tipo de material e técnica construtiva aplicada no canteiro de obras.

- Expressão estética: Erudita ou popular.

Expressão estética erudita: Alude a formas de expressão artística que estariam consideradas sofisticadas, complexas, ou que requerem um nível de conhecimento técnico para serem apreciação e compreensão plena. No sentido dado à expressão erudita na presente pesquisa, está alinhada à uma tradição acadêmica, e de certa forma exclusiva a determinado grupo.

Expressão estética popular: Refere-se a formas de expressão artística que são apreciadas por um público mais amplo e diversificado. Essa estética é geralmente apreendida por veiculação midiática, entretanto também abrange formas de arte tradicionais, com símbolos ou elementos presentes daquela cultura. São facilmente compreendidas e apreciadas por pessoas sem um treinamento especializado, e nesse sentido, é contraposição ao

erudito. Na arquitetura, estaria alinhada ao vernáculo pós-industrial ou o Kitsch.

- Hierarquia no canteiro de obras: Vertical ou horizontal.

Hierarquia horizontal no canteiro de obras: A esse tipo de hierarquia se buscam estruturas colaborativas e participativas, de maneira em que as decisões tomadas sejam de forma conjunta aproveitando a expertise técnica e recursos de todos os envolvidos da equipe. Há autoridade e funções distintas, entretanto, é distribuída de forma mais equitativa, incentivando a troca de ideias e a autonomia dos trabalhadores. Alguns elementos-chave dessa abordagem implicam na liderança compartilhada, comunicação mais aberta e trabalho colaborativo.

Hierarquia vertical no canteiro de obras: refere-se à concentração de autoridade e decisões nas etapas de execução da obra, em cuja troca de informações e responsabilidades entre os membros da equipe é limitada. Na relação de trabalho vertical, a implementação das tarefas está conduzida “de cima para baixo”, com uma estrutura mais hierarquizada. Alguns elementos-chave dessa abordagem incluem uma liderança mais centralizada, comunicação unidirecional e uma divisão mais rígida das tarefas.

- Tecnologia dos Materiais utilizados: alta ou baixa.

Baixa tecnologia: A produção se dá a partir da disponibilidade do material na região ou localidade onde a construção será realizada, e para tanto, o projeto arquitetônico os toma como diretriz. Esses materiais são geralmente extraídos, produzidos ou disponíveis nas proximidades do local da obra, buscando aproveitar recursos disponíveis na região, de maneira a promover a sustentabilidade ambiental e econômica. Além disso, o uso de técnicas construtivas pela mão-de-obra local também está associada ao processo, pelo qual o conhecimento tradicional e cultural dos construtores é

incluído. Exemplos de materiais locais são madeira, terra, bambu, palha, dentre outros.

Alta tecnologia: Assume-se o emprego de materiais tidos como “universais” àqueles que são produzidos numa larga escala, fazendo parte de uma cadeia de produção industrial. Se contrapõem aos materiais de baixa tecnologia por serem produzidos por vezes em regiões distantes ao canteiro de obras, demandando uma logística mais extensiva. Entende-se sua utilização em projetos arquitetônicos devido à sua padronização, normas de qualidade, durabilidade e resistência.

- Valor do empreendimento: de troca ou de uso.

Valor de troca: Refere-se à percepção de prestígio, status ou valor cultural associado a um edifício ou projeto arquitetônico. O valor de troca na arquitetura está mais relacionado à sua posição simbólica na sociedade, ao prestígio do arquiteto ou ao impacto estético e cultural. Exemplos de valor de troca na arquitetura incluem a assinatura de arquitetos renomados, o valor histórico de um edifício, a sua contribuição para a identidade de uma comunidade ou cidade, e a sua capacidade de atrair atenção e reconhecimento.

Valor de uso: Alinha-se à utilidade prática e funcional de um edifício ou espaço arquitetônico. O valor de uso na arquitetura está relacionado à forma como um espaço atende às necessidades e às funções específicas para as quais foi projetado. Exemplos de valor de uso na arquitetura incluem a eficiência do layout, a acessibilidade, a adaptação ao clima local, a qualidade da iluminação e ventilação, entre outros fatores que afetam diretamente a experiência e a utilidade do espaço para os seus usuários.

- Tipo de autoria do projeto: Individual ou múltipla.

A autoria individual: Diz respeito à responsabilidade técnica do projeto arquitetônico. No caso da autoria individual, uma única pessoa é considerada a autora principal, responsável pela concepção e desenvolvimento do projeto

como um todo. Nesse caso, o indivíduo é geralmente reconhecido como o principal responsável pelo design e pelas ideias incorporadas na obra, embora outras pessoas possam ter contribuído ou colaborado em aspectos específicos ou desenvolvimento do projeto, a autoria individual concentra-se principalmente na visão e “assinatura” de uma única pessoa.

Autoria múltipla: Envolve a colaboração de vários responsáveis para o desenvolvimento de um projeto arquitetônico. Na autoria múltipla, o projeto é resultado de um esforço conjunto e colaborativo de uma equipe de arquitetos, que reivindicam o trabalho intelectual e produto para equipe como um todo, escritório ou coletivo. Em suma, reconhece-se a participação dos vários autores como uma única célula, ainda que estejam bem divididas as tarefas da equipe, no que diz respeito a todas as etapas de no desenvolvimento da obra, sem atribuir a autoria a um indivíduo específico.

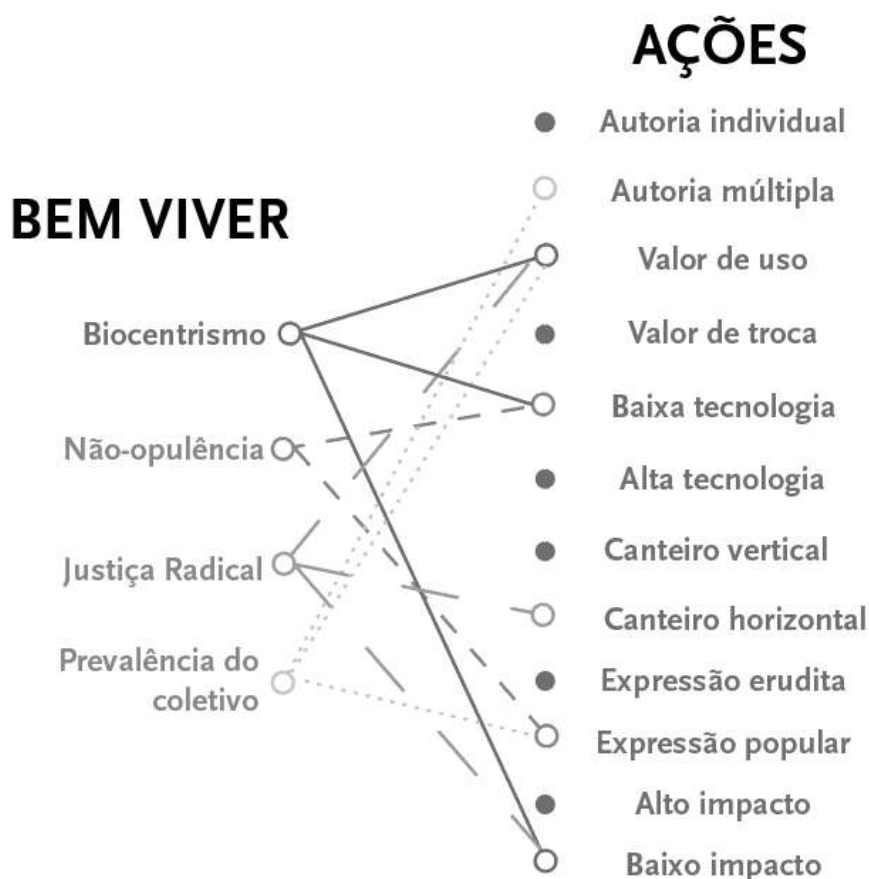
Uma vez expostos os critérios, é importante ressaltar que as contraposições levantadas acima são, mais que tudo, ferramentas para a construção dos mapas rizomáticos. Na prática, muitas dessas antíteses acima descritas não são excludentes, e se apresentam num quadro homogêneo, estritamente indissociado à outra. Cada caso apresentado destes caminhos para a arquitetura contemporânea tem seu contexto regional, cultural, econômico e social específico, e para tanto, estas categorias são mais do que eixos que possibilitam a análise destes como conjunto.

No que se refere às categorias do Bem Viver, a pesquisa pautou a relação constelacional a múltiplas chaves. O Biocentrismo, que diz respeito ao equilíbrio entre comunidade e natureza, se relacionou com interesse comunitário, baixo impacto e o uso de materiais locais. A não-opulência, que delimita o equidade do indivíduo em relação à comunidade, na vida sem excessos ou outros parâmetros de distanciamento, como privilégios, se relacionou com o tipo de material utilizado e ao tipo de expressividade estética, por considerar as práticas inversas a estas subjetivamente como de opulência. A justiça radical, posição sociopolítica do Bem Viver, que se apoia na igualdade de propriedade e meios de produção, se interligou com as práticas de interesse comunitário e a hierarquia de canteiro de obras horizontal. Por último, a prevalência do coletivo sobre o individual, se posiciona em concomitância às chaves de autoria múltipla, obras de interesse comunitário e

também a expressão estética popular, entendendo este último como a prevalência da maioria.

As conexões entre as categorias do Bem Viver com as das práticas arquitetônicas são representados pelo Gráfico XX, abaixo:

Gráfico 1: As categorias do Bem Viver x categorias das práticas arquitetônicas



Fonte: elaborado pelo autor

4.6.2. Bem Viver à Arquitetura

Apresenta-se, a seguir, o desmembramento de cada um dos eixos trabalhados na pesquisa: o modelo, o experimental, o comunal e o fantástico. Cada categoria foi selecionada tomando como base o material documental levantado,

autores que trabalharam com os respectivos temas, acervo fotográfico das obras, e relatos do processo, aqui expostos. Apoiando-se também em decisões mais subjetivas, que dizem respeito às ressalvas feitas em relação ao produtivismo na arquitetura, como a posição do arquiteto durante o processo, cultura material, alienação social e a postura do indivíduo no habitar o mundo .

Vale também salientar que, em alguns casos, é possível ver justaposições dentro de uma mesma categoria. Para estes, entende-se que as categorias transitam a depender da conjuntura, não existindo uma homogeneidade entre uma obra, um projeto ou uma prática arquitetônica para outra. Mediante isso, adota-se a seleção de dois dos segmentos para o mesmo eixo.

Dessa forma, através da combinação desses eixos individuais, foi possível montar uma rosa dos ventos que congrega graficamente os quatro caminhos para a arquitetura contemporânea latina-americana, apontados pela pesquisa, numa única imagem, expondo assim cada uma de suas categorias:

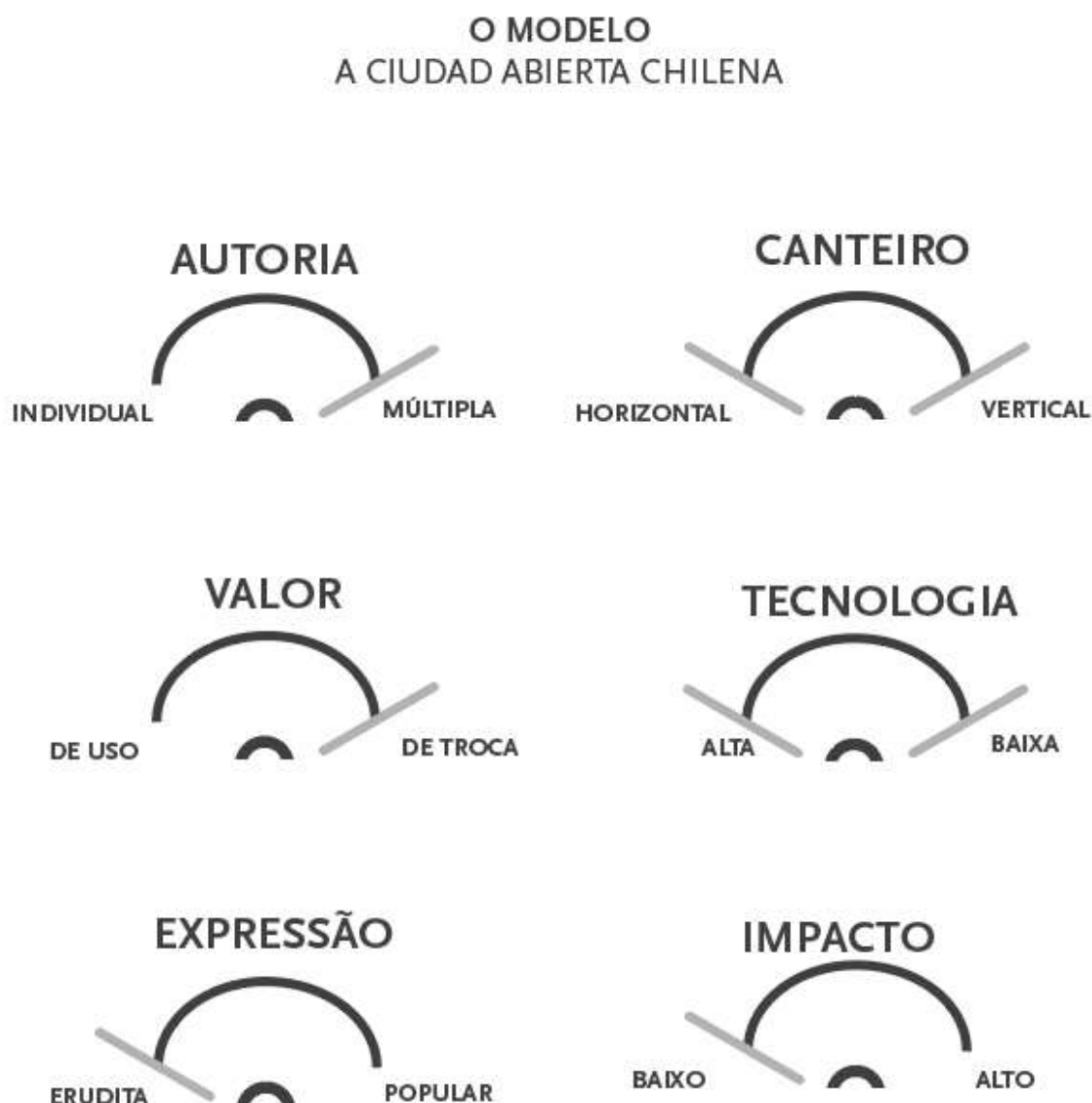
Gráfico 2: Práticas arquitetônicas contemporâneas latino-americanas



Fonte: elaborado pelo autor

Abaixo, seguem, respectivamente, os gráficos das categorias relativas à Amereida, os escritórios paraguaios, os coletivos equatorianos e os cholets bolivianos, respectivamente, que possibilitaram a montagem do gráfico síntese:

Gráfico 3: Práticas arquitetônicas da Ciudad Abierta de Ritoque

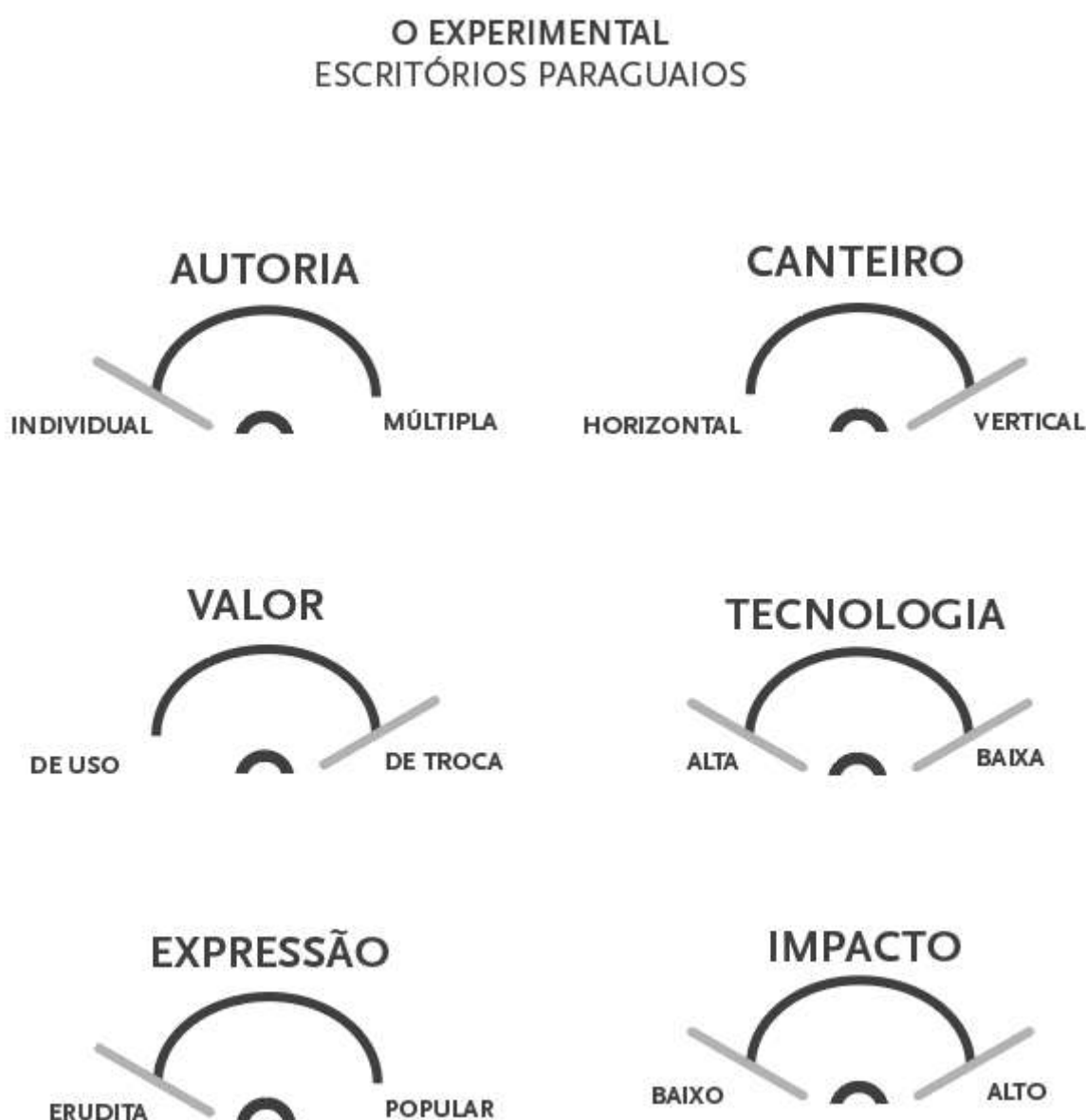


Fonte: elaborado pelo autor

Através do caminho do Modelo, expressado no exemplo da Ciudad Abierta do Chile, foram destacadas as práticas relacionadas à autoria múltipla, vista no desenvolvimento de projetos em coletivos de estudantes em conjunto ao corpo docente. Às hierarquias de canteiro, se posiciona de maneira híbrida, de momento horizontal e participativo, mas que pela estrutura educacional, também se faz vertical. A cooperativa também se detém ao interesse particular, uma vez que se coloca enquanto extensão de instituição privada. A materialidade também foi

delimitada enquanto híbrida, tanto pela aquisição de materiais quanto a reutilização e uso de materiais já disponíveis. Em relação à expressividade estética, tanto nas obras arquitetônicas quanto nos ensaios poéticos e cênicos, para os fins da pesquisa, foram estes denotados eruditos, uma vez que são exploradas no universo acadêmico. Por último, os impactos ambientais das construções foram apontados como baixos, principalmente pelo não-uso de maquinário de médio / grande porte para a produção das edificações da Ciudad Abierta.

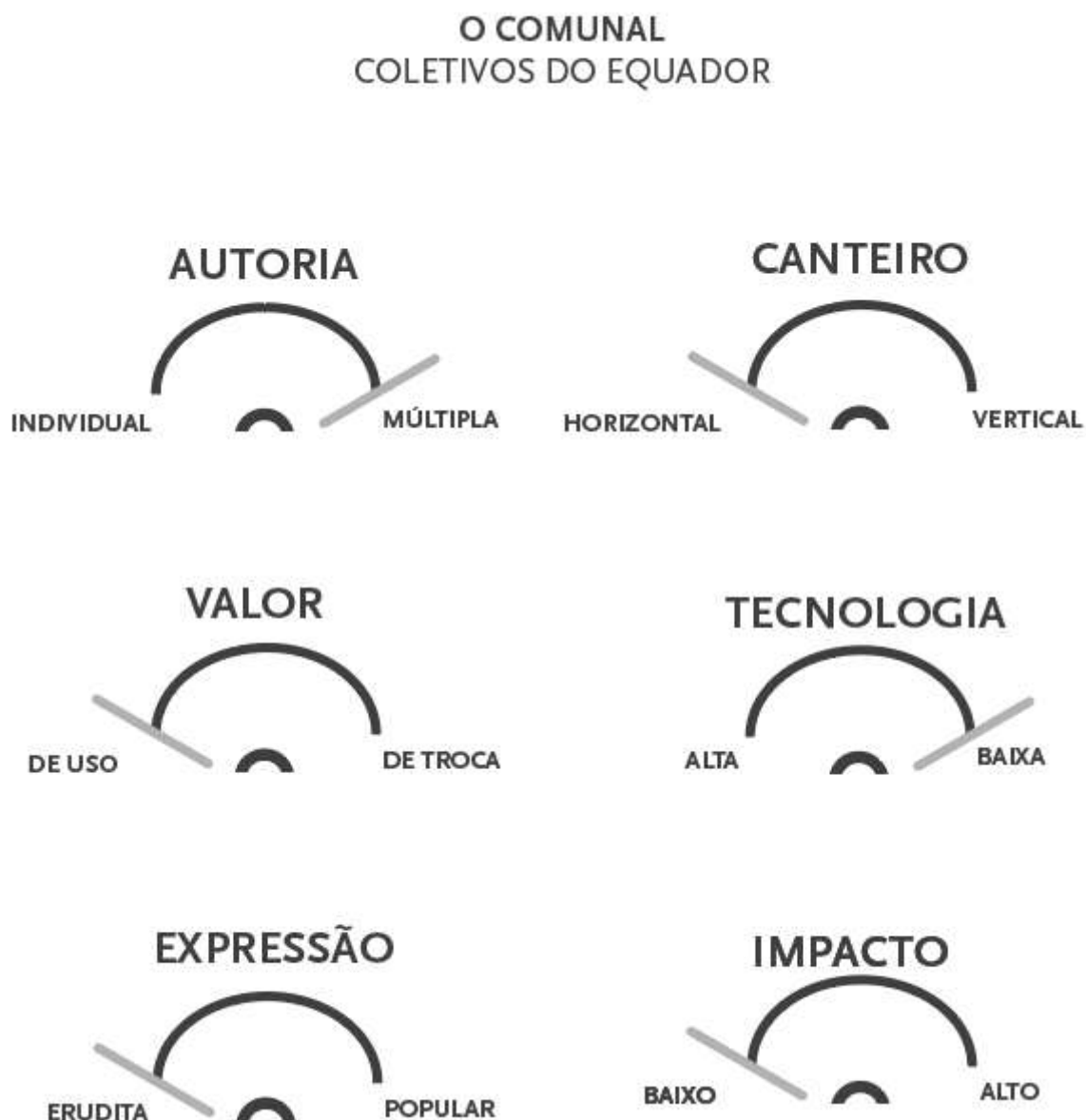
Gráfico 4: Práticas arquitetônicas dos escritórios paraguaios



Fonte: elaborado pelo autor

O exemplo do Experimental, expandido no grupo de escritórios paraguaios voltados para a expressividade material, destacaram-se, os atributos a seguir. Como exposto, as obras vão de encontro com o uso de baixa tecnologia dos materiais, tendo em destaque o tijolo cerâmico maciço, combinado a outros elementos. Entretanto, Ainda que de indústria local, as edificações também apresentam elementos como cimento e concreto em larga escala; No quesito da autoria, atuando como escritórios convencionais, a assinatura para principalmente sobre um só indivíduo; Da mesma forma, as relações no canteiro de obras se mantêm verticais, com o processo hierarquizado; As obras arquitetônicas, de expressão erudita, também tem a característica de serem para clientes particulares; Por fim, a depender da escala da obra, os impactos ambientais foram elencados entre baixo e alto, mas vale salientar que em linhas gerais há predominância de baixo impacto.

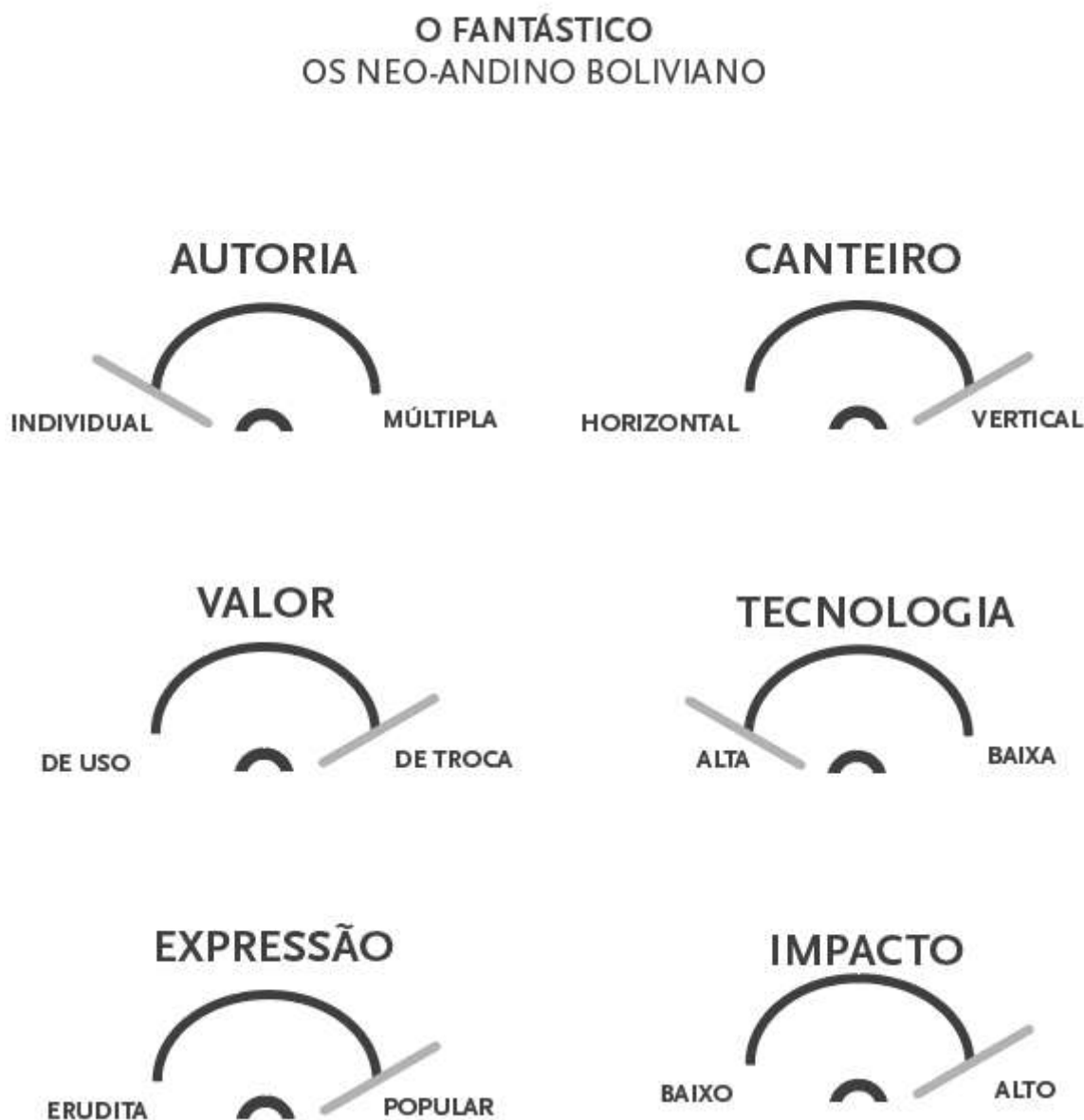
Gráfico 5: Práticas arquitetônicas dos coletivos do Equador



Fonte: elaborado pelo autor

A partir do eixo do Comunal, referente aos coletivos de arquitetura do Equador, denota-se a maior aproximação às categorias do Bem Viver. Em linhas gerais, temos a: caracterização da autoria múltipla; a hierarquia de canteiro horizontal; o valor, na narrativa das obras selecionadas, de uso; a preponderância de baixa tecnologia dos materiais sendo destacado o reúso; e o Baixo impacto no processo de construção das edificações. Nesse sentido, o único fator que se distancia dos caminhos do Bem Viver, é a expressão estética de teor erudita.

Gráfico 6: Práticas arquitetônicas nos cholets de El Alto



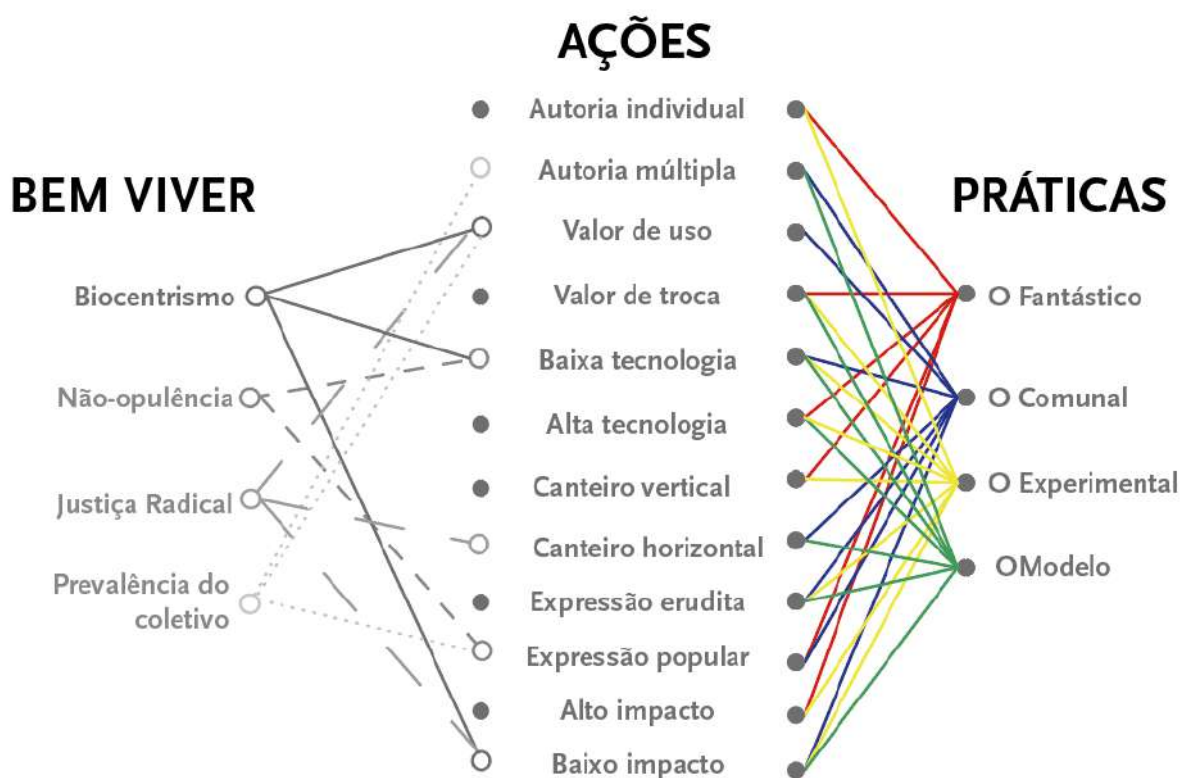
Fonte: elaborado pelo autor

No que diz respeito ao segmento do Fantástico, expondo a arquitetura dos Cholets bolivianos de Freddy Mamani, a pesquisa destaca uma possível posição inversa ao que foi atribuído aos coletivos do Equador. Sendo de: Autoria individual; hierarquia vertical de canteiro; de valor de troca; uso de alta tecnologia; alto impacto ambiental, configura no seu tipo de expressão estética um apelo mais voltado à apreensão das camadas mais populares, e da classe média. Nesse único aspecto, então, estaria contido em uma das condições do Bem Viver.

Diante do exposto, apresenta-se o mapa de rizomas (Gráfico 7) que estabelecem a aproximação do Bem Viver à arquitetura. Os conceitos são interligados através das práticas arquitetônicas, as categorias do Bem Viver aos eixos da arquitetura contemporânea latino-americana delineados acima. Tomando o mapeamento como base, foi possível desenvolver um gráfico a fim de elucidar as proporções das posturas do Bem Viver em cada um destes novos caminhos para a arquitetura latino-americana.

Vale salientar, entretanto, que o gráfico tem o intuito de demonstrar quais dos eixos dialogam de maneira mais aproximada à totalidade do Bem Viver, isto é, o Biocentrismo, a Não-opulência, a Justiça Radical e a Prevalência do coletivo. Para isso, as quatro categorias devem coexistir vinculadas. Tendo isso em vista, vemos então que nenhum dos caminhos desenhados para a arquitetura contemporânea latino-americana alcança a totalidade.

Gráfico 7: Rizomas

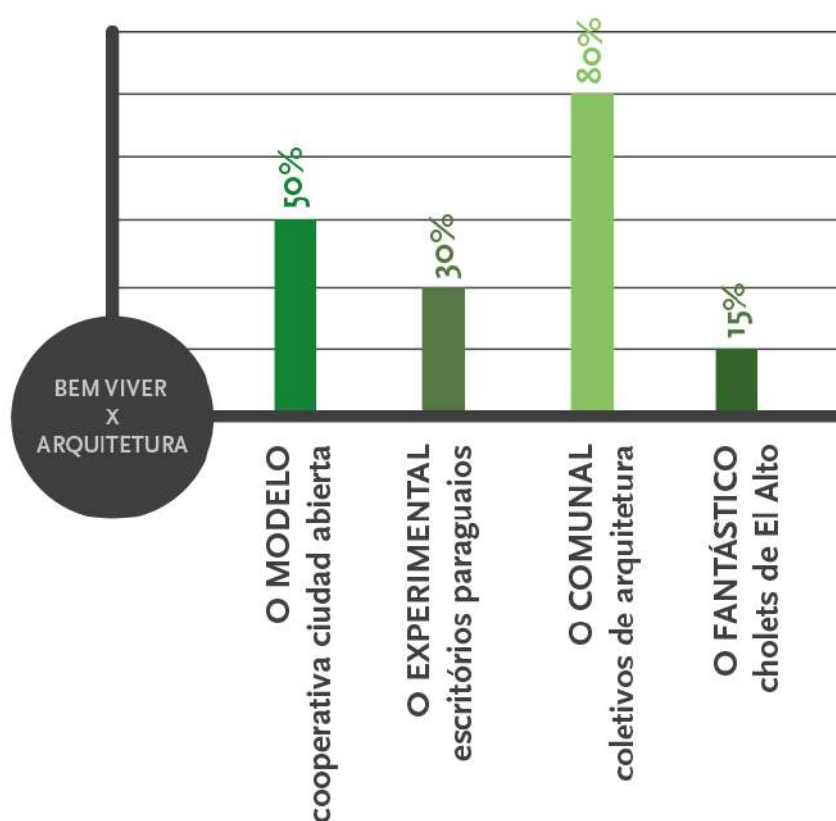


Fonte: elaborado pelo autor

Através da tabela é possível visualizar que os coletivos de arquitetura do Equador são os que mais se aproximaram da totalidade do Bem Viver, alcançando o

maior número de critérios correlatos às quatro categorias da sustentabilidade social, cultural e ambiental. Se identifica também como o de menor quantidade de atributos os *Cholets* de El Alto, na Bolívia. Entretanto, é notável apontar que o eixo do Fantástico, foi o único dos eixos que assimilou integralmente a prática que diz respeito à “expressão popular”.

Gráfico 8: Bem Viver X Caminhos da arquitetura latino-americana



Fonte: elaborado pelo autor

A partir do material exposto, é possível delinear de que maneira os eixos do modelo, do experimental, da comunal e da fantástica se inserem nos parâmetros da sustentabilidade. Como discutido, o Bem Viver parte da síntese da cosmovisão ameríndia, para tangenciar as discussões contemporâneas sobre qualidade de vida, equidade e decrescimento. Sendo uma visão utópica, uma vez que se insere em critérios mais tangíveis, como os selecionados para a pesquisa, é importante assumir que o sentido mais radical seja diluído, numa perda de tradução entre o subjetivo e o real.

Tendo isso em vista, ao analisarmos a arquitetura segundo esses vieses, a compreendemos condicionada às questões socioculturais, diretamente ligadas à maneira como se habita e constrói. Nesse sentido, está a tradução de Bem Viver a arquitetura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os caminhos que podem ser tomados para a reflexão sobre a arquitetura latino-americana são múltiplos. Estas reflexões, condicionadas ao *Zeitgeist* - seu espírito do tempo -, direcionam nosso olhar crítico para as problemáticas vigentes, priorizando as adversidades sociais que deparamos no cotidiano. Desse modo, percorrendo uma narrativa pautada na sustentabilidade incorporada à adoção de uma identidade própria para a América Latina, nos desdobramos até a parte que nos interessa, o ato de conceber e construir. Estas contribuições nos proporcionam uma série de oportunidades para o desenvolvimento estratégico a partir do colaborativo.

Partindo do sentido mais amplo da América Latina, outrora delimitada por rigores geopolíticos e pelas questões de localização de matérias primas, bem como por um outro olhar romantizado pelos seus recursos naturais, pelo exótico, o folclórico, nos deparamos por fim com um continente plural, repartido por uma miríade de identidades. Por vezes se complementando, por vezes se contradizendo, a caracterização da América do hemisfério sul global nos possibilita configurar elos através das similaridades de nossos problemas.

A complexidade do caso latino-americano se distingue, dentre inúmeros fatores, aos conflitos de interesses oriundos destes conjuntos de nações que, apesar de plurinacionais, não alcançaram um modelo organizacional condizente às suas realidades. Subordinados por tendências hegemônicas globais, que não contemplaram a heterogeneidade de seus povos e territórios, o desequilíbrio socioeconômico destas nações é refletido no modo de vida desigual de suas populações e, em especial, das urbanas.

A sustentabilidade pela ótica do Bem Viver nos introduz à associação do *zeitgeist* e das posições presentes na cosmovisão indígena provenientes de séculos atrás. Buscando nas distintas escalas do indivíduo e da comunidade as relações de equilíbrio com a natureza e sociedade, o Bem Viver propicia um rumo a se tomar. No campo de nossas inter-relações, em cultura e sociedade, comunica uma retomada dos rituais, e uma vida em construção coletiva. Na esfera socioeconômica, o Bem Viver, entendendo a natureza com recursos limitados e exauríveis, nos direciona ao decrescimento num mundo em que desenvolvimento se torna sinônimo de crescimento exponencial. Compreendendo a arquitetura enquanto ação com

responsabilidade social, o Bem Viver se articula como categoria de análise para soluções estratégicas participativas e de sustentabilidade, social e ambiental.

Tendo isso em vista, algumas considerações se fazem necessárias quanto ao Bem Viver direcionado para a arquitetura, proposto pela pesquisa. Em seu papel de parâmetro utópico, e não diretamente desdobrado como plano de ações, e sim um material de manifesto, é preciso em primeiro lugar destacar que sua tradução para o campo prático possui defasagens. Nesse sentido, apesar de terem sido apresentadas categorias que possibilitaram a relação entre Bem Viver e arquitetura, o trabalho presume também que estas não estão diretamente equiparadas, sofrendo perdas.

Dessa forma, e em resposta às questões-problema colocadas no início da pesquisa, e que condicionaram à hipótese de um Bem Viver na arquitetura latino-americana, é possível considerar que não há dentro dos eixos expostos, uma relação direta entre estas produções de exceção à cosmovisão ameríndia. Entretanto, se identificam algumas proximidades que nos servem como parâmetros para traçar diretrizes estratégicas para um possível Bem Viver da arquitetura. Diluídas nas distintas práticas aqui expostas enquanto: hierarquia do canteiro, interesse do empreendimento, materiais utilizados, expressão estética, impacto ambiental, tipo de autoria do projeto, estão essas ações condicionadas a um “hibridismo”, não haveriam processos puros.

Posto isto, estariam novos questionamentos, sobre o Bem Viver diluídos na arquitetura a partir de gestos, combinando as teorias do vernacular pré-industrial às tendências modernas. A arquitetura, enquanto gesto crítico e expressão, estaria limitada aos reflexos sociopolíticos e econômicos estruturais, e portanto, ainda não está sedimentada a atributos de uma sustentabilidade pautada no pós-extrativismo, e pós-desenvolvimento.

Em segundo lugar, como discutido, o Bem Viver não nega a ação pós-industrial, recusando suas vantagens, nem tampouco reafirma o vernáculo sobre modelos que tornaram viáveis a progressão urbana e que facilitou muitos êxitos do bem estar. O objetivo da contraposição ao produtivismo está, contudo, em questionar alguns dos aspectos presentes na arquitetura produzida principalmente no meio urbano, representando nas edificações que conferem vulnerabilidades socioambientais. Nesse exercício de levantar contraposições, principalmente no quesito sociocultural, também se fez claro relatar que muitas vezes, como visto na

arquitetura do Fantástico, os cholets da Bolívia, estas contraposições se tocam, e caminham em conjunto no projeto em que se torna frágil condicionar aspectos positivos e negativos.

No que diz respeito à continuidade da pesquisa, a hipótese aqui levantada contribui enquanto parte de um trabalho que ainda pode se desdobrar, abrigando outras abordagens e condicionantes. Faz-se pertinente também o aprofundamento nos resultados obtidos com o presente trabalho, podendo estes serem caminhos para pesquisas posteriores. Os objetos de análise, que relatam as experiências no Chile, Paraguai, Equador e Bolívia, respectivamente, tomaram como referência estudos de caso que por si só, requerem aprofundamento e uso de outros instrumentos de pesquisa: entrevistas e pesquisas de campo, que possibilitem deixar o trabalho mais consistente. Por sua amplitude e relevância, estes podem também ser interpretados por diferentes abordagens.

Além destes, os eixos temáticos expostos do Modelo, Experimental, Comunal e o Fantástico, também requerem um olhar mais atencioso, e que incorporem outros casos, para melhor se afirmarem. Somente estes quatro segmentos não representam toda a arquitetura produzida, e é pertinente também enxergá-los não isoladamente, mas a partir de relações de coexistência com outras arquiteturas e razões multidisciplinares.

Em relação à teoria do Bem Viver dentro da arquitetura, a pesquisa, também, pode se desdobrar na investigação de outros parâmetros, categorias de análise, ou atributos que possibilitem estabelecer a sustentabilidade para uma arquitetura latino-americana que se transforma, continua ou se rompe, entendendo também como imprescindível o olhar dialético e interdisciplinar dos diferentes campos da ciência.

Posteriores pesquisas também devem deter o olhar para além da ideia da arquitetura enquanto produção de edifícios, e por sua vez, ir além da concepção da “arquitetura produtivista”, focando em meios e processos de produção. Isso ajuda a potencializar a atuação profissional também diante da emergência climática e demais crises socioambientais. Afinal, Bem Viver vai além da produção material do espaço, de edificações, sendo também modo de vida e de relacionamento em comunidade e com a Natureza.

É plausível afirmar que o Bem Viver vai no contra-fluxo do extrativismo, e as produções arquitetônicas selecionadas para esta pesquisa, enquanto produções apoiadas em atividades extrativistas, são, epistemologicamente, uma contradição. Daí, mais uma vez, a necessidade de repensar atuação e sentido da Arquitetura.

Por fim, ressalta-se a mensagem contida na investigação do tema. Nas contradições provenientes de uma sociedade que se afasta dos rituais, por vezes os excessos e a avidez no ato de consumir e produzir sobrepõem as preocupações socioambientais. O Bem Viver, nesse sentido, nos alerta que somos também natureza, assim como são nossos modos de construir, morar e habitar. Se nossos processos não estão equilibrados entre indivíduos, comunidade e ambiente, então as desarmonias, as desigualdades, as discordâncias e os desequilíbrios serão consequências.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos** São Paulo: Editora Elefante, 2016.
- AFONSO, Germano Bruno; MOSER, Alvino; AFONSO, Yuri Berri. *Cosmovisão Guarani e sustentabilidade*. **Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade**, [S. l.], v. 8, n. 4, p. 180–193, 2015. DOI: 10.22292/mas.v8i4.431. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/revistameioambiente/index.php/meioAmbiente/article/view/431>. Acesso em: 4 ago. 2023.
- ARANGO, Silvia. *Una Joven Generación de arquitectos latinoamericanos. Autorias múltiples y compromiso social*. **Conferência em Seminario de Arquitectura Latinoamericana**. Quito, nov, 2018.
- ARÁOZ, Horácio Machado. **Mineração, genealogia do desastre: o extrativismo na América como origem da modernidade**. São Paulo: Editora Elefante, 2020.
- BETHELL, Leslie. *O Brasil e a ideia de “América Latina” em perspectiva Histórica*. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 22, n. 44, p. 289-321, jul. 2009.
- BISPO, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. Editora Ubu, maio, 2023.
- BOMFIM, Manoel. **O Brasil na América: caracterização da formação brasileira**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos 2: Por um movimento social europeu**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BROWN, Robert; MAUDLIN, Daniel. *Concepts of vernacular architecture*. In: CRYSLER, C. Greig; CAIRNS, Stephen & HEYNEN, Hilde (org.). **Handbook of Architectural Theory**. Los Angeles (EUA): Sage publications, 2012, p. 340–354.
- BROWNE, Enrique. **Otra arquitectura en América Latina**. México: Gustavo Gilli, 1988.
- CABRERA, Melisa. *Cooperativas de vivienda: experiencia en Uruguay*. **GIZAEKOA - Revista Vasca de Economía Social**, [S. l.], n. 15, 2019. DOI: 10.1387/reves.20524. Disponível em: <https://ojs.ehu.eus/index.php/gezki/article/view/20524>. Acesso em: 4 ago. 2023.
- CAMERIN, Suelen. *O estranho tijolo de Solano Benítez*. **Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**, Porto Alegre, Julho de 2016, p.1-13. Disponível em: <https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-4/SESSAO%2020/S20-03-CAMERIN.%20S.pdf>
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Intelectuais latino-americanos: o “caráter nacional” em questão*. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 59-79, jul. 2009.

CEPAL e UN-Habitat. **Informe regional América Latina y el Caribe: ciudades sostenibles con Igualdad.** Quito, 2017. Disponível em: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/40658/1/S1601057_es.pdf

COBOS, Emilio Pradilla. *La ciudad capitalista en el patrón neoliberal de acumulación en América Latina.* **Cadernos Metrôpoles**, São Paulo, v. 16, n. 31, pp. 37-60, jun. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2014-3102>

CONSTITUCIÓN POLÍTICA DEL ECUADOR. 2008. Disponível em: http://www.inocar.mil.ec/web/images/lotaip/2015/literal_a/base_legal/A._Constitucion_republica_ecuador_2008constitucion.pdf. Acesso em: 30/08/2022.

COSTA, Carlos Zibel. *O Desenho Cultural da Arquitetura Guarani.* **PosFAUUSP**, [S. l.], n. 4, p. 113-130, 1993. DOI: 10.11606/issn.2317-2762.v0i4p113-130. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/137037>. Acesso em: 4 ago. 2023.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia.** Tradução: GUERRA NETO, Aurélio e COSTA, Célia Pinto. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DORE, Rosemary; SOUZA, Herbert Glauco de. *Gramsci nunca mencionou o conceito de contra-hegemonia.* **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 25, n. 3, p. 243-260, 2018. DOI: 10.18764/2178-2229.v25n3p243-260. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/996> 1. Acesso em: 4 ago. 2023.

DOUKH, Natalia. *El buen vivir: una perspectiva axiológica.* **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 53, n. 3, p. 558-567, set./dez. 2017. DOI: 10.4013/csu.2017.53.3.15. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2017.53.3.15. Acesso em: 4 ago. 2023.

FATHY, Hassan. **Construindo com o povo. Arquitetura para os pobres.** Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1982, p. 40-41.

FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FERREIRA, Guilherme Zamboni. **Lo-fi: Aproximações e processos criativos da fonografia à arquitetura.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

FUÃO, Fernando. *Construir, Morar, Pensar: Uma releitura de 'construir, habitar, pensar' (Bauen, Wohnen, Denken), de Martin Heidegger.* **Revista Estética e Semiótica**, [S. l.], v. 6, n. 1, 2016. DOI: 10.18830/issn2238-362X.v6.n1.2016.01. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/esteticaesemiotica/article/view/12052>. Acesso em: 4 ago. 2023.

GARCÍA, Luis Navarro. *La Independencia hispanoamericana, un proceso singular*. **Temas Americanistas**, Espanha, n. 25, 2020. DOI: 10.12795/Temas-Americanistas.2010.i25.01. Disponível em: https://revistascientificas.us.es/index.php/Temas_Americanistas/article/view/14701. Acesso em: 4 ago. 2023.

GAVIÃO, Leandro. **Do Pan-Americanismo ao Sul-Americanismo: As Identidades Supranacionais no Continente Americano em Três Tempos (1826, 1960 e 2008)**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

GIROTO, Ivo Renato. "*¿The new mestiza? Arquitectura e identidad en la frontera*". **Dearq** n. 36, 2023, p. 16-25.

GUALINGA, Carlos Viteri. **Súmak Kawsai: Una respuesta viable al desarrollo. Quito, Ecuador**. Tesis de Licenciatura. Universidad Politécnica Salesiana del Ecuador, 2003

GUALINGA, Carlos Viteri. *Visión indígena del desarrollo en la Amazonía*. **Polis [Online]**, s.l., n. 3, 2002. Disponível em: <http://journals.openedition.org/polis/7678>

GUTIERREZ, Ramón. *Arquitectura popular y ritos de construcción en el altiplano peruano*. In: VIÑUALES, Graciela María (org.). **Arquitectura vernácula iberoamericana**. Sevilla: Los autores / RedAVI, 2013, p. 58-67.

HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais: Uma topologia do presente**. Tradução: PHILIPSON, Gabriel Salvi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

HEIDEGGER, Martin. *Bauen, Wohnen, Denken*. **Conferência pronunciada por ocasião da "Segunda Reunião de Darmstadt"**, publicada em *Vortäge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen, 1954. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback

HILARI, Samuel. **Otros Futuros: Análisis y especulaciones sobre la construcción de ciudad en El Alto - Bolivia**. Dissertação de mestrado. Santiago, Chile: Escuela de Arquitectura de la Pontificia Universidad Católica de Chile, 2022.

HOLANDA, Armando de. **Roteiro para construir no Nordeste**. Recife: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Faculdade de Arquitetura, UFPE, 1976.

IANNI, Octavio. *A questão nacional na América Latina*. **R. Estudos Avançados**, V. 2, p. 5-40, mar. 1988. DOI: 10.1590/S0103-40141988000100003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/RCPQ59yCw3tPnpYZqHftw7t>.

IOMMI, Godofredo et al. **Amereida**. Santiago: Editorial Cooperativa Lambda, 1967.

JORGE, Liziane de Oliveira. *Moradia E Consumo – Status Social, Desejo E Satisfação*. **Revista VIRUS**, São Carlos, n. 9, 2013. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/_virus09/secs/submitted/virus_09_submitted_4_pt.pdf>.

JIMÉNEZ, Marcelo Adolfo. **Análise bioclimática de uma tipologia de habitação vernácula guaraní**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LIERNUR, Jorge Francisco. **Trazas de futuro**. Santa Fe: Universidad Nacional del Litoral, 2008.

LEMO, Cássio Fernandes; OLIVEIRA, Andréia Machado. *Mapeamento, Processo, Conexões: a cartografia como metodologia de pesquisa*. **Revista Paralelo** 31, ed. 8, jul. 2017. DOI: 10.15210/p31.v1i8.13299. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/paralelo/article/view/13299>.

MACAS, Luis. *Sumak Kawsay*. **Revista Yachaykun**, Instituto Científico de Culturas Indígenas, Quito (Equador), nº13, p. 13-39, jun. 2010. Disponível em: <http://icci.nativeweb.org/yachaikuna/Yachaykuna13.pdf>.

MAHFUZ, Edson. *A arquitetura consumida na fogueira das vaidades* (editorial). **Arquitextos**, São Paulo, ano 01, n. 012.00, Vitruvius, maio 2001 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.012/886>>.

MAYO, Manuela Fernández. *El trueque solidario: una estrategia de supervivencia ante la crisis argentina de 2001*. **Revista Pueblos front**. vol.4 nº 7 San Cristóbal de Las Casas, Janeiro-Junho, 2009.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia; ROMERA, Edison. *Orientações para uma descolonização do conhecimento: um diálogo entre Darcy Ribeiro e Enrique Dussel*. **Sociologias**, ano 20, nº 47. Porto Alegre, jan/abr 2018, p. 108-137.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. *Por uma razão decolonial: Desafios ético-político-epistemológicos à cosmovisão moderna*. **Civitas**, v. 14, n. 1, Porto Alegre, jan.-abr. 2014, p. 66-80.

PRADO, Maria. *Repensando A História Comparada da América Latina*. **Revista de História** 153, nº 2, 2005, p.13.

MOCKBEE, Samuel. O Rural Studio (1998). Architectural Design, n.7-8, v.68, 1998, p.72-79 in: SYKES, A. Krista (org.). **O campo ampliado da arquitetura: Antologia teórica**. Trad. BOTTMANN, Denise; GREY, Roberto. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p.84-90

MONTANER, Josep Maria. **Arquitetura e crítica na América Latina**. Trad. CODDOU, Flávio. São Paulo: Romano Guerra, 2014

MORSE, Richard. **O Espelho do Próspero**. Trad. NEVES, Paulo. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

NOGUEIRA, Alexandre Peixoto Faria. *A Luta dos Movimentos Sociais do Campo Latino-Americano frente à Herança Maldita: uma análise a partir da conflitualidade na formação espacial da América Latina*. **Artigo para o Congresso XVIII Encontro nacional de Geógrafos**, São Luís, Maranhão, 2016.

ONU-Habitat. **World Cities Report: Urbanization and Development**. Emerging Futures, 2016. Disponível em:
http://wcr.unhabitat.org/wcr_downloads/world-cities-report-2016-abridged-edition/

PRADO, Maria Ligia Coelho. *Repensando A História Comparada da América Latina*. **Revista de História**, 153, n. 02., p.11-33, 2005.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder e classificação social*. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 84-130.

RAPOPORT, Amos. **House, form and culture**. New Jersey: Prentice-Hall Inc., 1969

RIBEIRO, Darcy. **As Américas e a civilização. Processo de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

RODRIGUEZ, Mario George. *“Long Gone Hippies in the Desert”: Counterculture and “Radical Self-Reliance” at Burning Man*. **M/C Journal**, vol 17, nº 6, 2014.

REIS, Lara de Barros Ramos. **Arquitetura em coletivo: Os desafios de coletivos de arquitetura em tempos neoliberais**. Dissertação de Mestrado. Coimbra, Portugal: Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2022.

SAID, Edward. **Orientalismo: o oriente como invenção do Ocidente**. Trad. Tomás R. Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SAITO, Enrique Yamaguchi. **La arquitectura vernácula andina y su valor como expresión de identidad cultural en el Valle del Sondondo**. Dissertação de mestrado. Lima (Peru): Pontificia Universidad Católica del Perú, 2021.

SANTOS, Vivian Matias dos. *Notas Desobedientes: Decolonialidade e a Contribuição para a Crítica Feminista à Ciência*. **Psicologia & Sociedade**, Associação Brasileira de Psicologia Social, vol. 30, 2018, pp. 1-11.

SOLÓN, Pablo. **Alternativas Sistêmicas: Bem Viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

SOUZA, Ailton de. *América Latina, conceito e identidade: algumas reflexões da história*. **PRACS**, Revista de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da

UNIFAP, no. 4. Macapá, p. 29-39, dez. 2011. Disponível em: <www.nepac.ifch.unicamp.br/pf-nepac/america_latina_conceito_identidade.pdf>

SYKES, Krista. **O campo ampliado da arquitetura: Antologia teórica 1993-2009**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

TAPIA, Enrique Villacís; AYARZA, Cynthia; RODRÍGUEZ, Lorena. **Ojos en la casa de Meche. Una construcción post terremoto**. Centro de Publicaciones PUCE, Quito, 2020.

TEIXEIRA, Carlos. *Cooperativa Ciudad Abierta, Chile*. **Arquitextos**, São Paulo, ano 03, n. 034.01, Vitruvius, mar. 2003. disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.034/698>>

TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. *Arquitetura vernacular. Em busca de uma definição*. **Arquitextos**, São Paulo, ano 17, n. 201.01, Vitruvius, fev. 2017. disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.201/6431>>

TORRES, María Rosa Zambrano. *Corrientes posmodernas vistas desde América Latina. La arquitectura "latinoamericana" en la crítica arquitectónica de Marina Waisman*. **RITA**. França: n. 4, oct. 2015, pp. 152-159

VILAR, Pierre. **Movimientos nacionales de independencia y clases populares en América Latina**. Anagrama, Barcelona, 1976.

WAISMAN, Marina. **O interior da história: historiografia para uso de latino-americanos**. Perspectiva, São Paulo, 2013.

YAMPARA, Simón. *Viaje del Jaqi a la Qamaña. El hombre en el Vivir Bien*. In: MEDINA, Javier. **Suma Qamaña. La comprensión indígena de la Buena Vida**. Bolívia, 2001, p. 45-50.